

BIBLIOTECA PSICOLOGIA E MITO

Olga Rinne

# MEDEIA

A Redenção do Feminino Sombrio  
como Símbolo de Dignidade  
e Sabedoria

Cultrix



MEDEIA

Biblioteca  
Psicologia e Mito

OLGA RINNE

# MEDEIA

A redenção do feminino sombrio como  
símbolo de dignidade e sabedoria

*Tradução*  
Margit Martincic  
Daniel Camarinha da Silva



Editora  
Cultrix  
SÃO PAULO

Título do original: *Medea – Das Recht auf Zorn und Eifersucht*.

Copyright © Kreuz Verlag AG Zurique 1988.

Copyright da edição brasileira © 1992 Editora Pensamento-Cultrix. Ltda.

1ª edição 1992.

2ª edição 2017.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

**Editor:** Adilson Silva Ramachandra

**Editora de texto:** Denise de Carvalho Rocha

**Gerente editorial:** Roseli de S. Ferraz

**Produção editorial:** Indiará Faria Kayo

**Editoreção eletrônica:** Join Bureau

**Revisão:** Bárbara Parente

**Produção de ebook:** [S2 Books](#)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Rinne, Olga

Medeia: a redenção do feminino sombrio como símbolo de dignidade e sabedoria / Olga Rinne; tradução Margit Martincic, Daniel Camarinha da Silva. – 2. ed. – São Paulo: Cultrix, 2017. – (Coleção biblioteca psicologia e mito)

Título original: *Medea – Das Recht auf Zorn und Eifersucht*.

ISBN: 978-85-316-1433-0

1. Medéia (Mitologia grega) 2. Mulheres – Psicologia 3. Psicologia I. Título. II. Série.

17-09221

CDD-155.333

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres: Psicologia 155.333

1ª Edição digital: 2020

eISBN:

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a

propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: [atendimento@editoracultrix.com.br](mailto:atendimento@editoracultrix.com.br)

Foi feito o depósito legal.

# SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Introdução

Encontro com Medeia

Primeira Parte

A imagem de Medeia no mito e na lenda

A Medeia da Cólquida

Jasão e Medeia

Medeia e os Pelíades

A Medeia coríntia

Medeia no exílio

Medeia na tragédia

Segunda Parte

Os graus da transformação do mito

Os rastros da velha deusa

A morte e a arte de curar

Medeia como símbolo de transição

A veste em chamas

A esposa ciumenta/Excursão ao mundo sentimental do presente

Desaparece uma deusa

Terceira Parte

O espelho escuro

Paixão como fatalidade

“Se não me abandonares, também não te abandonarei”

Heroísmo desesperado

Corinto ou a crise

O exílio ou o happy end de uma tragédia

Notas

# INTRODUÇÃO

## Encontro com Medeia

Foi há alguns anos. Para festejar o aniversário da filha, uma das minhas amigas havia reunido um pequeno grupo de mulheres. Como convinha à ocasião, a conversa girava em torno de assuntos “femininos”: coisas vividas na hora de nascimentos, desejos infantis, recordações da própria infância e também das mães. De repente, fez-se por um instante silêncio total. Uma das presentes, que dera à luz recentemente, acabara de dizer que pusera na filha, depois do primeiro nome, que já conhecíamos, um outro: Medeia.

Nossas expressões traduziam os mais variados sentimentos, que iam desde a confusão e estupefação incrédula até a franca consternação. Medeia? Não era a mulher que matara os próprios filhos? Por que dar justamente esse nome à filha? – a indagação pairava no ar, embora nenhuma de nós a formulasse. Percebíamos claramente que havia muita coisa ligada à figura de Medeia, que ela não era apenas uma infanticida, mas uma mulher poderosa, impressionante e forte, que não se conformara com a injustiça de que fora vítima. Mas esse nome tão fortemente envolto numa aura de destruição não iria representar uma terrível carga na vida da filha? Nesse momento, creio que todas nós nos demos conta de que o nome

Medeia toca, em nossa cultura, em áreas repletas dos mais profundos tabus e de que, em nós também, estas áreas estão enraizadas em tabus: a raiva, a ira, a oposição, o poder, a violência e a vingança não cabem na nossa imagem de feminilidade.

Essa experiência serviu como o primeiro impulso para me dedicar com mais profundidade a Medeia. Entre todas as grandes figuras femininas da mitologia grega, Medeia foi a que mais inspirou, através dos séculos, a fantasia de filósofos, poetas e dramaturgos, tornando-se repetidas vezes o ponto central de espetáculos teatrais, de círculos de recitação e dramas e, mais recentemente, de filmes. Seu nome, no entanto, paradoxalmente, não desperta o reconhecimento imediato, como ocorre, por exemplo, com a bela Helena e com Cassandra. Acaso sua história é tão desagradável e incômoda, que logo preferimos esquecê-la ou rejeitá-la?

Recordemos: Medeia era uma princesa da Cólquida, famosa pela prudência, pela arte de curar e pelos poderes mágicos. Enamorara-se de Jasão, o líder dos Argonautas, que tinha ido à Cólquida para conquistar o velocino de ouro. Medeia opôs-se ao pai para ajudar Jasão, salvando a vida do herói grego. Fugiu com ele da Cólquida e o acompanhou, à Grécia, em seu navio. Quando, depois de muitos anos de matrimônio, Jasão a abandonou para casar-se com a filha de Creonte, rei de Corinto, que permitiu que este exilasse Medeia e os filhos, Medeia, cheia de ira e sede de vingança, fez uma terrível carnificina. Matou a amante de Jasão, o rei Creonte, e, para castigar Jasão, assassinou os dois filhos que tivera de seu casamento com ele.

É assim que o dramaturgo Eurípides conta a história e é como a conhecemos até hoje, nas suas versões mais antigas e novas, através do teatro e do cinema. [\[1\]](#) O poeta Eurípides, nascido por volta de 485 a.C.,

não “inventou” a figura de Medeia; ao contrário, ela se originou num ciclo muito mais antigo de mitos, dos quais se conservaram apenas fragmentos. Eurípides é, não obstante, o indubitável inventor da característica até hoje mais conhecida de Medeia. Foi ele o primeiro a apresentá-la como assassina dos próprios filhos. [2] Na versão de uma lenda mais antiga, Medeia teria sido a rainha de Corinto e os coríntios, descontentes com a dominação da poderosa rainha, teriam matado os seus filhos.

As tradições mais remotas são contraditórias quanto à maneira de ser de Medeia, quanto à sua origem, seus atos e seu destino. Para Heródoto, ela não abandonou voluntariamente a pátria; foi raptada pelos helenos numa expedição de saque. Algumas versões imputam a Medeia os assassinatos do irmão, Apsirtos, e de Pélias, tio de Jasão, enquanto outras a absolvem e culpam Jasão. Ao lado de Jasão que, em todas as tradições, ocupa o lugar mais destacado, heróis mais famosos das epopeias gregas foram relacionados com Medeia, como, por exemplo, Sísifo, Teseu e Hércules. Se, por um lado, ela enfrentou Teseu como inimigo perigoso, por outro, Sísifo e Hércules encontraram nela uma protetora e terapeuta.

Tudo indica que a Medeia das tradições helênicas era uma personagem muito mais importante e poderosa e, acima de tudo, muitíssimo mais positiva do que a que conhecemos pela tragédia de Eurípides. O nome Medeia (em grego *Mideia*) significa “a do bom conselho”, [3] e, em todas as tradições, ela é apresentada como conhecedora da arte de curar e dotada de inteligência superior. Dizia-se que tinha o poder de restaurar a vida e de rejuvenescer e que, com um caldeirão mágico, rejuvenescera o velho pai de Jasão e, mais tarde, o próprio Jasão. Na ornamentação dos vasos antigos, a magia rejuvenescedora de Medeia era um motivo muito popular. Reconhece-se a figura de Medeia pela pequena caixa de remédios ou pelo

feixe de ervas que traz nas mãos. [4] Ela pode ser encontrada, ora sozinha, com um ancião sentado ou de pé, ora na companhia de duas mulheres, de braços erguidos, ao lado de um grande recipiente de sacrifícios, de cujo interior salta um carneiro ou um jovem. Essas imagens nada têm de sombrio; nas cenas solenes e cheias de paz, ressoa, ao contrário, a lembrança de uma benfazeja deusa da sabedoria e da arte de curar, dotada de poder sobre a vida, sobre a morte e o renascimento. Num dos vasos, a mulher jovem e o ancião encurvado que estão ao lado do caldeirão são identificados, pelas inscrições, como “Medeia” e “Jasão”. Essa imagem é o reflexo de uma versão em que a história do casal mítico tem um final feliz: Medeia, que é imortal, rejuvenesce o esposo envelhecido.

Há ainda outro emblema, que a mitologia relaciona com Medeia e que com frequência a representa, indicando sua origem no mundo dos deuses: ela está passeando num carro puxado por serpentes aladas. É provável que, originalmente, Medeia fosse uma deusa pré-helênica da arte de curar e da sabedoria e que, com o tempo, tivesse sido minimizada, obscurecida e personificada até mergulhar no mundo das lendas,

Para Eurípides, Medeia já não era mais uma deusa, mas uma mortal que, embora sábia, poderosa e extraordinária, fugira com o marido Jasão para Corinto, onde vivia exilada. O que induziu o poeta a pintá-la como assassina dos próprios filhos? Segundo observação de um escoliasta, que parece uma anedota, os coríntios teriam subornado Eurípides, por quinze talentos de prata, para que alterasse a história dos assassinios dos filhos de Medeia, de tal modo que não lhes coubesse nenhuma culpa. Do ponto de vista histórico, esta afirmação, atribuída a Parmeniscos, poderia conter uma parcela de verdade, porque havia em Corinto, comprovadamente, cultos pré-helênicos consagrados a Medeia. Na época das cidades-Estado, esses

cultos eram tidos como “bárbaros”. É plausível supor que os coríntios não tenham poupado gastos para se livrar desse estreito relacionamento com Medeia. [5]

Essa história do suborno leva a outras reflexões, que se relacionam também com o presente. No entender da nossa cultura, uma mãe preferiria matar-se ou deixar-se matar a permitir que acontecesse algo aos próprios filhos. O infanticídio é a mais extremada transgressão a que uma mulher chegaria, o crime mais hediondo que ela praticaria. Teria tido o drama de Eurípides a mesma força se Medeia não fosse apresentada como infanticida?

Faz parte do objetivo e sentido da tragédia grega que, no teatro, o ato da mulher impelida a extremos por um tratamento brutal e desumano provoque nos espectadores uma catarse, uma profunda emoção que sacuda, despertando e libertando a visão para a situação da mulher, desprovida de direitos, e para os abismos da própria alma.

“Que ninguém me considere inferior e débil, amante do repouso, mas do tipo oposto...” – com estas palavras Medeia dá início à sua vingança. Eurípides é reputado o primeiro autor a defender os direitos da metade oprimida da humanidade. Servindo-se do exemplo de Medeia, apresentou, de forma modelar, a situação das mulheres de sua época, pouco diferente da condição de escravas. Inicialmente, o poeta desperta compaixão e simpatia por Medeia, que surge como vítima do egoísmo masculino e dos privilégios da dominação masculina. Depois, no entanto, no final da tragédia, mostra Medeia como uma fúria delirante. Em sua luta contra a injustiça e em sua sede de vingança, ela ultrapassa todos os limites da condição humana. Não poderia a apresentação de Eurípides ser também a manifestação da fantasia do medo masculino? A tragédia não mostra o

rumo que as coisas tomam quando uma mulher recusa o papel que lhe destina o mundo patriarcal e dá livre curso à sua ira? O comportamento de Jasão, voltando friamente as costas a Medeia quando se lhe oferece um “melhor partido”, e a atitude de Creonte, exilando a renitente primeira mulher do futuro genro junto com os filhos, eram fatos que deveriam despertar sentimentos de culpa. Mas o crime de Medeia não tratou de reduzi-los? Não era ela igualmente tão desumana quanto os próprios opressores? Depois do crime, ela se torna, pelo menos em parte, indigna da compaixão humana.

A figura ambivalente de Medeia é o símbolo de um período de transição do matriarcado para o patriarcado. Da sua passagem, ou, mais exatamente, de seu rebaixamento de deusa da cura e da sabedoria para feiticeira poderosa, inteligente e ameaçadora, e, por fim, esposa ciumenta e infanticida, pode-se deduzir como a feminilidade e, acima de tudo, a feminilidade dotada de poder foi desvalorizada e vista como demoníaca na mesma proporção do crescimento do poder patriarcal. No patriarcado plenamente instaurado, Medeia era a “bárbara”, a estrangeira, “nenhuma das nossas”, porque as características que compõem a sua força – o orgulho, o espírito de resistência e o poder de decisão – só atuam ainda e, quando muito, no inconsciente da mulher que a sociedade patriarcal desejou e modelou. A verdade é que a mulher ainda sente que seus direitos, sua dignidade e autoconsideração são lesados. Como, porém, interiorizou a imagem de uma criatura pálida e frágil da cultura androcêntrica, sua raiva contra essas ofensas é expressa através da depressão e pelo ódio a si mesma.

Neste aspecto, contudo, alguma coisa mudou. Muitas mulheres rejeitam a imagem patriarcal da feminilidade e buscam uma nova compreensão de si

mesmas, sentindo-se hoje como se fossem estranhas e estivessem exiladas no mundo em que nasceram. Estamos vivendo atualmente uma nova fase de transição, que prenuncia, com indícios não apenas destrutivos mas também produtivos, uma virada no tempo também quanto à relação entre os sexos. A figura de Medeia é uma identificação ainda válida no momento atual; na apresentação de Eurípides, ela simboliza o aspecto “feminino sombrio”, portador de valiosas energias, que só podem ser liberadas, no ego de uma mulher, quando esta ousa olhar para o interior dessa escuridão e ir sem medo ao seu encontro; nas mais antigas tradições, ela surge como a imagem oposta à mulher demasiado dócil e retraída criada pelo patriarcado, e símbolo da dignidade, sabedoria e competência femininas, que as mulheres atualmente procuram reconquistar.

O processo democrático dos dois últimos séculos proporcionou às mulheres a possibilidade de se integrarem e também de lutar pelos seus direitos. Nos nossos dias, pelo menos na Europa e na América do Norte, elas não são mais vendidas como gado, tratadas como escravas, encarceradas, mantidas como incapazes, despojadas de seus bens e excluídas da cultura intelectual e de qualquer forma de exercício de influência social. Hoje o casamento não é mais a única possibilidade de existência econômica para a mulher. Graças ao desenvolvimento sobretudo dos últimos vinte e cinco anos, o mundo profissional está quase ilimitadamente aberto para ela. Temos um grau de liberdade de tamanha magnitude como jamais as nossas avós se atreveram a sonhar. No entanto, essa evolução ainda é recente quando comparada com a duração da cultura patriarcal, que continua, tanto quanto antes, androcêntrica. Os modos tradicionais de comportamento, de atitudes, de valores e normas educacionais, transmitidos através dos séculos de geração a geração,

continuam ainda, por muito tempo, atuando no inconsciente, ainda que, na vida do dia a dia, tenham perdido a força normativa e a validade, contradizendo as atitudes e intenções conscientes de um ser humano. Faltam com frequência às mulheres as condições fundamentais, externas e internas, para que realmente aproveitem a margem de liberdade que, teoricamente, está à sua disposição; faltam-lhe, antes de tudo, a autoconfiança e o sentimento do próprio valor. Não é fácil para a mulher viver o próprio sexo como algo positivo e de valor, encontrando os seus próprios critérios de “feminilidade”. Crescer como mulher, numa sociedade patriarcal, significava – e continua significando – estar exposta a constantes ofensas à própria dignidade. Se ela insistir em pretender ser considerada um “ser humano como todos os outros”, ou seja, um ser equivalente e do mesmo nível que o homem, terá que contar – e é assim também ainda hoje – com uma vida de luta permanente pela autoafirmação. Tudo aquilo que, na nossa cultura, é tido como “tipicamente feminino” – a ênfase do sentimento, a brandura, a afabilidade, a condescendência – é encarado como fraqueza. Em contrapartida, as qualidades que, de modo geral, são tidas como socialmente negativas e indesejáveis – a passividade, a dependência, a submissão e a incosequência – são muito apreciadas nas mulheres e até exigidas e esperadas delas. As atitudes desrespeitosas e depreciativas contra a mulher e ofensivas à sua dignidade humana, como o assovio quando ela passa, os comentários públicos e em voz alta a respeito das suas características físicas ou o rompimento, sem que haja insinuação para isso, da aura natural de distância do corpo humano, enfim, todos aqueles expedientes que, na linguagem vulgar, se chamam de “passar uma cantada” e que, no caso de se dirigir a um homem, desencadearia uma

agressão física, tudo isso as mulheres deveriam entender como um cumprimento e aceitar como uma homenagem à sua feminilidade.

Os ideais cristãos de amor, do matrimônio e da fidelidade há muito foram minados pela moral burguesa dual (o adultério sempre foi, de certo modo, direito consuetudinário do homem) e, nos nossos dias, dificilmente alguém ainda se sentirá comprometido com esses ideais. A liberdade sexual é, ao menos em teoria, outorgada a ambos os sexos. Não obstante, de maneira manifesta ou não, espera-se da mulher, no casamento, fidelidade, lealdade e eterno compromisso, ao passo que, ao mesmo tempo, ela deve tolerar, sem protestos, a necessidade de liberdade do homem. Tanto agora como antigamente, a educação põe diante da mulher, como os mais elevados valores, a compreensão do outro; a repressão das suas próprias necessidades em prol da relação, o espírito de sacrifício e a capacidade de assumir compromisso, enquanto ostenta, como virtudes superiores da vida masculina, a capacidade de se impor, a persistência (também em relação às próprias necessidades), a capacidade de se desligar e a independência. As “qualidades masculinas” e as “qualidades femininas” estão de tal modo polarizadas em nossa cultura que parece quase impossível que possa haver verdadeira compreensão entre os dois sexos enquanto se identificarem com essas qualidades. As ideias que a educação transmite a homens e mulheres sobre o sentido e a natureza de um relacionamento, sobre a maturidade e uma vida plena de significado são de tal modo divergentes, que seria preciso perguntar como se chegará algum dia a uma genuína parceria entre os sexos baseada na consideração e estima recíproca. [6]

A situação inicial de Medeia, que renuncia a tudo para seguir seu herói, fazendo tudo para apoiá-lo em seus objetivos e vendo o sentido da sua própria vida em amá-lo, representa ainda hoje a situação típica da mulher,

sobretudo da mulher jovem. O “grande amor”, o casamento ou um compromisso semelhante, a dois, é, para a maioria das mulheres, o centro da existência e absorve grande parte das suas energias, ainda que elas sejam bastante capazes de fazer um juízo crítico dos mecanismos dos papéis da nossa cultura. Criticar agora a fixação no “grande amor” não significa dizer que as mulheres se tornem iguais aos homens, e devam pôr as relações humanas em segundo plano, depois do sucesso profissional, ou que devam cultivar uma sexualidade apartada dos sentimentos e recusar compromissos e renunciar a capacidades humanas tão importantes quanto a empatia e a compreensão dos sentimentos e necessidades alheias. Significa, entretanto, que as mulheres precisam livrar-se dos sonhos que, durante gerações, foram a compensação para a sua real impotência e o seu nível inferior na sociedade. A história de Medeia retrata o efeito destrutivo que a fixação no “grande amor” pode ter. Uma mulher que vê, no seu relacionamento amoroso com o homem, um sentido exclusivo e um conteúdo da sua vida, acaba de mãos vazias quando o seu homem se devota a uma outra ou ela acredita não estar mais correspondendo aos ideais masculinos relativos à beleza e à atração sexual. Tendo investido todas as suas energias no relacionamento, ela agora se sente lograda. Talvez reaja com raiva e sede de vingança contra o homem, contra a sociedade que a impeliu para esse papel; mas, como a expressão da raiva, da ira e dos sentimentos de vingança é considerada “nada feminina”, é provável que ela volte sua agressão para o interior e caia numa depressão autodestrutiva.

Muitas mulheres sentem dentro de si a ira de Medeia quando a relação amorosa, razão de ser da sua vida, entra em crise; quando sofrem de ciúmes; quando começam a descobrir quem tira proveito do papel ideal da “feminilidade”, válido na nossa cultura; e quando sentem o quanto se

havam identificado com as imagens ideais masculinas sobre o “valor” da mulher, “pelas quais elas deveriam ser, antes de tudo, bonitas, jovens e bem-sucedidas, ou maternais e cheias de espírito de sacrifício”. [7] Justamente na metade da vida muitas mulheres se dão conta de que têm de se livrar desses “ideais” de feminilidade, se quiserem sobreviver como seres humanos.

A história do casal Medeia e Jasão pode nos dar, a nós, homens e mulheres, importantes estímulos para pensar. Ela é como um espelho escuro em que todos nós nos deveríamos contemplar para reconhecer como ferimos nossa condição humana, persistindo em falsos ideais.

Desejo, neste ponto, percorrer mais uma vez a história de Medeia e, assim, tentar descobrir como a deusa “do bom conselho” e doadora de bênçãos se transformou na maga funesta e, finalmente, na esposa ciumenta, e qual a relação desse processo com a definição dos papéis dos sexos que prevalece até hoje na nossa cultura.

Com toda a probabilidade, houve dois ramos principais da tradição de Medeia: o tessálico, que relata a história de Medeia da Cólquida, e o coríntio, que se relaciona, sobretudo, com os cultos pré-helênicos que ocorriam em torno de Medeia e seus filhos. A maior parte da história de Medeia e Jasão na Cólquida é contada na lenda tessálica dos argonautas e, de modo mais completo, na versão de Apolônio de Rodes. A versão épica da antiga transmissão coríntia, a *Corintíaca*, de Eumelo, se perdeu. [8]

Ao lidar com a mitologia grega, uma das dificuldades reside em que os mitos ou fragmentos de mitos de origens diversas, que nela se encontram fundidos, passam por um contínuo processo de interpretação, adaptação, arranjos e elaborações literárias, fazendo com que sua forma original só seja reconhecível quando se recorre a símbolos mais antigos e se compara estes

com mitos semelhantes ou paralelos. O caráter contraditório dos fragmentos de mitos causa, na verdade, embaraços, mas é muito elucidativo quanto à transformação da figura de Medeia; por isso, não procurarei “ajeitá-lo”. Para não complicar demais a apresentação, restringir-me-ei aos episódios principais da história de Medeia e Jasão, deixando de lado os detalhes. A minha apresentação acompanha a *Argonautica*, de Apolônio de Rodes, [\[9\]](#) e os resumos da complexidade dos mitos, de Karl Kerényi [\[10\]](#) e Robert von Ranke-Graves. [\[11\]](#) Incluo também mitos paralelos, que servem de esclarecimento.

# Primeira Parte

## A IMAGEM DE MEDEIA NO MITO E NA LENDA

### A Medeia da Cólquida

Medeia descende da antiga estirpe do Sol e da Lua. Em todas as tradições, Aetes, filho de Hélio, o deus-Sol, é mencionado como seu pai. Quanto à sua mãe e os seus parentes femininos, há desacordo entre os mitógrafos. As fontes mais remotas dão à mãe de Medeia o nome de Ídia, “aquela que sabe”, ou outra denominação: lunar, Neera, “a nova”. Segundo outros relatos, a mãe de Medeia e de Calcíope, sua irmã, chamava-se Asteroidea, “a do caminho das estrelas”. Asteroidea é citada também como mãe de Faetonte ou de Apsirtos, que era meio-irmão de Medeia.

A feiticeira Circe era tida, por alguns narradores, como irmã de Aetes e, por outros, como irmã de Medeia. Contam as lendas que ambas haviam sido sacerdotisas de Hécate; eram sábias, conhecedoras da medicina e dotadas de grande poder em magia, mas também sombrias e perigosas. Às

vezes, porém, dizia-se que a própria velha deusa Hécate fora esposa de Aetes e mãe de Medeia e Circe.

A pátria de Medeia chamava-se Eea e este era também o nome da cidade de que Aetes era regente. A ilha de Circe, situada em frente a esse país, tinha o nome de Eea. Eea, eea são sons de suspiros e queixumes, mas também exclamações de pasmo e admiração. O país de Eea, equiparado mais tarde à Cólquida, no Cáucaso, não deve ter sido, originariamente, um país para mortais, mas um país da luz matinal, onde o Sol se deitava à noite e despertava pela manhã, ou um país do além, paradisíaco, oculto por trás de neblinas, como Avalon, a ilha mítica dos celtas.

Segundo a narração de Apolônio de Rodes, o palácio de Aetes era estupendo. No amplo pátio interno, cheio de parreiras exuberantes, havia um poço, de cujas quatro bocas jorravam vinho, leite, azeite e água cristalina; essas forças lembram os quatro rios do Paraíso. Os narradores antigos descreveram Aetes como sombrio e desconfiado, tal qual um soberano do reino dos mortos. No interior do palácio ou num bosque de carvalhos, estava escondido o velocino de ouro, guardado por um gigantesco dragão que jamais dormia. O herói Jasão foi enviado para buscar o velocino. Só foi capaz de cumprir a sua missão e deixar o palácio de Aetes graças ao bom conselho e à ajuda da divina Medeia, do mesmo modo que Teseu só conseguiu escapar do labirinto cretense do Minotauro com a ajuda de Ariadne.

## Jasão e Medeia

Jasão veio de Iolco, na Tessália; era parente de Frixo, que, em tempos passados, trouxera o velocino de ouro para a Cólquida. No momento em que Frixo estava para ser sacrificado pelo pai, que já erguera a faca, Hermes enviou-lhe um carneiro de ouro em cujo lombo Frixo fugiu para a Cólquida. Ali, como oferenda de gratidão, sacrificou o carneiro de ouro, permanecendo até a sua morte como esposo de Calcíope, no palácio de Aetes.

Eso, pai de Jasão, foi expulso do trono pelo seu meio-irmão Pélias. Jasão, originalmente chamado Diomedes, ainda criança foi levado para o monte Pélion para ser poupado das intenções assassinas de Pélias. Ali foi educado, como aconteceu com muitos outros heróis famosos, pelo sábio centauro Quíron. Dizem que foi Quíron quem lhe deu o honroso nome de Jasão, “aquele que traz a cura”.

Jasão estava sob a proteção da deusa Hera. Certa vez, quando caçava, ele a encontrou à beira de um rio de águas transbordantes. Hera assumira o aspecto de uma velha e Jasão, que não reconheceu nela a deusa, atravessou o rio carregando-a nos ombros. Ao fazer isso, perdeu uma das sandálias. E foi também com um pé descalço que regressou a Iolco para exigir de Pélias a devolução do trono. Para os narradores antigos, o homem com uma só sandália era uma figura sinistra, pois tinha um dos pés num outro mundo, talvez no mundo dos mortos. Um oráculo profetizara que Pélias seria morto por um homem com uma única sandália, e este simulou anuir à reivindicação do trono pelo herói, mas com uma condição. Disse-lhe que o país sofria a ameaça da seca e que o espírito de Frixo lhe teria aparecido e exigido que a sua alma (o velocino de ouro) fosse retirada do palácio de Aetes e trazida de volta para Iolco. Se Jasão lhe trouxesse o velocino de ouro, ele lhe restituiria a soberania.

Essa heroica missão foi a razão da viagem dos argonautas e dela participaram os mais destacados heróis de todas as partes da Grécia. Os navegantes receberam esse nome do navio Argos, que fora construído por Atena ou com a sua ajuda. Os argonautas chegaram à Cólquida depois de uma longa viagem repleta de perigos, que os fizeram viver muitas aventuras.

No palácio de Aetes, Medeia foi a primeira a ver o herói Jasão e, no dizer do poeta Apolônio, “seu coração foi tomado por muda admiração”. Nos relatos antigos, Jasão se apresentou sozinho a Aetes; exigiu dele o velocino de ouro, sendo empurrado para dentro da goela mortal do dragão. “Pelas cenas representadas em vasos, é possível conjecturar (...) como Jasão logrou sair da goela do gigantesco dragão: do mesmo modo como Hércules saiu da caverna do leão de Nemeia e, provavelmente, como deve ter ocorrido sempre todas as vezes que o mundo dos mortos devolveu um mortal ao mundo dos vivos. Inerte, ele está pendurado na boca do dragão. Vê-se o velocino de ouro numa árvore e também a presença da deusa Atena com a coruja, testemunhando que, apesar das aparências, o herói não está morto. Terrivelmente extenuado, ele voltara do ventre do monstro e tinha necessidade da sua salvadora, que deveria ressuscitá-lo do seu mortal atordoamento. Nesta descrição, a salvadora é Atena. Mas, com exceção dela, é Medeia que, nas pinturas dos vasos, vai atrás do herói com suas ervas medicinais. Para os narradores subsequentes, a parte mais difícil era essa morte aparente, embora de certo modo real, de Jasão, por meio da qual ele conquistou o velocino de ouro.” [\[12\]](#)

Nos relatos mais recentes, as provas a que Aetes submeteu Jasão, e que foram vencidas por este com a ajuda de Medeia, tomam o lugar da luta com o dragão. Aetes possuía dois touros ferozes que soltavam fogo pelas ventas

e tinham cabeça e cascos de metal; Jasão deveria dominá-los e pô-los na canga. Uma pomada vermelha, que Medeia oferecera ao herói diante do templo de Hécate (para Apolônio de Rodes, Medeia era uma jovem sacerdotisa de Hécate) protegeu-o contra o sopro de fogo dos touros e deu a Jasão coragem e força sobre-humanas. Depois de dominar os touros, vinha uma competição de arado com Aetes e a semeadura dos dentes de dragão de Cadmo, que o rei da Cólquida havia recebido de Atena. Cadmo, fundador da cidade de Tebas, também lutara contra um monstro e o vencera com a ajuda de Atena. Dos dentes do dragão, semeados por ele a conselho da deusa, brotaram os *spartoi*, os “semeados”, gigantes da terra, armados até os dentes. Cadmo lançou entre eles uma grande pedra; isso os fez entrar em conflito, levando-os a matar-se mutuamente. Por sugestão de Medeia, Jasão usou o mesmo estratagema; os guerreiros lutaram entre si com as armas e Jasão combateu e derrotou apenas os últimos sobreviventes.

Apolônio de Rodes relata em seguida que, embora Jasão tenha passado por todas as provas, Aetes negou-se a entregar-lhe o velocino de ouro, mas aconselhou-se com os seus guerreiros sobre como matar os argonautas e queimar-lhes o navio, oculto nos juncos do rio Fásis. Tendo escutado às escondidas o conselho, Medeia abandonou o palácio na calada da noite e chamou Jasão, que estava no Argos, levando-o ao bosque de Ares, onde o velocino fora pendurado nos ramos de um carvalho sob a guarda da serpente. Com canções e ervas mágicas, Medeia fez o monstro adormecer. Jasão subiu no carvalho e retirou o velocino de ouro, que lançou um reflexo chamejante sobre a sua figura. Nas margens do Fásis, ele repetiu a promessa feita a Medeia, diante do templo de Hécate, de levá-la como

esposa para a sua pátria e de manter-se sempre fiel a ela, reforçando-a com um juramento sob a evocação testemunhal de todos os deuses.

Medeia fugiu com Jasão no Argos; Aetes mandou navios em seu encalço. Nesta perseguição terrível, o meio-irmão de Medeia, Faetonte ou Apsirtos, encontrou a morte. De acordo com algumas tradições, Apsirtos era ainda uma criança que Medeia levou na fuga e que ela esquartejou, atirando no rio Fásis os pedaços do seu cadáver, que foram arrastados pela correnteza. (O nome Apsirtos significa “levado pelas águas”.) Originariamente, as partes da criança divina sacrificada provavelmente foram recolhidas e recompostas, tal como a deusa Reia fizera com Dioniso ou como os deuses do Olimpo haviam feito com Pélope, que o pai, Tântalo, esquartejara. Contava-se, porém, mais tarde, que, com essa cruel artimanha, Medeia teria detido seus perseguidores. Estes, para dar ao filho de Aetes um funeral digno, foram forçados a recolher os pedaços do cadáver.

Para Apolônio de Rodes, Apsirtos já era um homem adulto e hábil estrategista. Com o seu navio, ele bloqueou um braço do rio ou um estreito do mar, enquanto os outros navios da Cólquida cercaram o Argos pela retaguarda. Medeia foi levada para uma ilha próxima, consagrada a Ártemis, enquanto colquidenses e argonautas negociavam. Pelo acordo a que chegaram, os heróis poderiam prosseguir a viagem com o velocino de ouro, mas deveriam deixar Medeia na ilha (tal como Teseu deixara Ariadne na ilha Dia). Os argonautas concordaram apenas aparentemente; Medeia e Jasão tinham outro plano. Medeia fez chegar ao irmão a notícia de que fora raptada e que ele devia levá-la de volta à Cólquida. Quando Apsirtos chegou à ilha de Ártemis, Jasão armou-lhe uma emboscada e o matou com sua espada.

O exército da Cólquida se dispersou e o Argos prosseguiu viagem. No entanto, na ilha de Deméter, Deprane, os grupos hostis tornaram a se defrontar. Os argonautas haviam sido acolhidos de maneira hospitaleira pelo casal real Alcínoo e Arete. Logo depois os colquidenses aportaram em Deprane e intimaram Alcínoo a entregar Medeia, que pedira proteção à rainha Arete e nela encontrara uma intercessora. Alcínoo, querendo evitar derramamento de sangue, declarou que no dia seguinte proclamaria a sua sentença. Numa conversa noturna, Arete soube da sua decisão: só mandaria Medeia de volta à Cólquida se ela ainda não tivesse compartilhado o leito com Jasão.

Segundo uma antiga tradição, Medeia e Jasão tinham se amado nas margens do Fásis, na própria noite em que o herói escapara da goela mortal da serpente. Para Apolônio de Rodes, todavia, Medeia ainda era uma donzela intocada. Ao tomar conhecimento da decisão do esposo, Arete enviou um mensageiro a Jasão e, nessa mesma noite, na gruta sagrada de Mácris, celebrou-se o casamento. O velocino de ouro foi estendido sobre o leito nupcial e a própria Hera enviou as ninfas dos rios para que espalhassem flores perfumadas na gruta e fizessem luzes flamejantes dançarem nas suas paredes. Desde então, esse lugar foi chamado a gruta sagrada de Medeia, segundo conta o poeta.

O regresso do Argos à Tessália não foi menos cheio de aventuras e perigos do que a ida para a Cólquida. Repetidas vezes, Medeia teve de intervir com os seus poderes mágicos para proteger de perigos que ameaçavam o Argos e sua tripulação. A história dos argonautas termina com a sua chegada à baía de Pasagai; mas, sobre Medeia e Jasão, existem ainda outras tradições.

## Medeia e os Peliades

Os pintores de vasos muitas vezes apresentam Medeia ao lado de um caldeirão de sacrifícios, de dentro do qual salta um carneiro ou um jovem. Dizia-se que, através do sacrifício em seu caldeirão mágico, ela poderia obter o renascimento e o rejuvenescimento. Os narradores já estavam familiarizados, por outras tradições, com esse tipo de transformação. Os infantes divinos, Dioniso e Pélades, foram fervidos num caldeirão e transformados, desse modo, em seres novos e imortais. Segundo relatos antigos, Hélio, o deus-Sol, entrava todas as noites, ao atravessar o oceano escuro, num caldeirão de onde saía rejuvenescido na manhã seguinte.

Dizem que, depois do retorno do Argos, Medeia, com a ajuda do seu caldeirão mágico, rejuvenesceu Eso, o velho pai de Jasão, que já era senil demais para participar das festividades em honra dos argonautas.

Segundo outros relatos, chegando a Pasagai, perto de Iolco, os argonautas não encontraram ninguém para recebê-los ou para dar-lhes as boas-vindas. As portas da cidade estavam fechadas, porque Pélias, que mandara matar a família de Jasão, temia a vingança do herói. Jasão planejava conquistar Iolco pela luta, mas Acastos, o filho de Pélias, que participara da viagem dos argonautas, recusou-se a lutar contra o pai. Medeia ofereceu-se para tomar sozinha a cidade. Na figura de uma velha sacerdotisa, ia à testa de uma procissão de doze moças (comitiva que lhe fora dada por Arete). Impressionados, os guardiães das portas da cidade deixaram-nas entrar. Chegando ao velho Pélias, Medeia tornou a se transformar, diante dos seus olhos, numa mulher bela e jovem. Ofereceu-se para ensinar às filhas de Pélias a magia da transformação. Um velho

bode foi sacrificado. Medeia o retalhou, cozinhando os pedaços num caldeirão e, do recipiente de sacrifício, fez sair um cordeiro. Essa demonstração encorajou as filhas de Pélias a matar o pai, esquartejá-lo e lançá-lo no caldeirão do qual, no entanto, nunca mais sairia. Uma das filhas, que revelara desconfiança, fora mandada por Medeia ao telhado do palácio, para ali acender uma tocha em honra da Lua. Dado o sinal, os argonautas tomaram a cidade de assalto. Depois desse ato de vingança, no entanto, Jasão renunciou ao trono de Iolco, entregando a soberania a Acastos.



Detalhe de figuras negras numa ânfora ática do século VI a.C.

## A Medeia coríntia

A tradição coríntia fala também do par Medeia e Jasão. Os coríntios veneravam Hélios, o deus-Sol, ao qual haviam consagrado a mais alta montanha do país, Acrocorinto. Todos os regentes da cidade eram de estirpe solar. Depois da morte do último “coríntio”, Medeia, neta do Sol, tornou-se a herdeira do trono; aceitou reinar em Corinto e escolheu o esposo Jasão como regente. Tem-se atribuído a Medeia a fundação do santuário de Hera Acreia (Hera do Alto), dirigido também por ela como sacerdotisa. Medeia tinha quatorze filhos – sete meninas e sete rapazes; esse número correspondia à primeira e fecunda metade do mês lunar. Diz-se que, desgostosos com a soberania da estranha feiticeira, os coríntios teriam assassinado essas crianças. Desde então, para expiar o crime, eles deviam enviar todos os anos quatorze crianças ao santuário de Hera Acreia, para servirem ao templo. As crianças permaneciam o ano inteiro no templo, como se estivessem no exílio ou na sepultura. “Essas crianças eram choradas como os mortos e se lhes ofereciam sacrifícios tal como aos deuses irados.” [\[13\]](#)

Diz-se também que a deusa Hera era amiga da sua sacerdotisa Medeia e queria tornar os filhos desta imortais. Medeia levava seus recém-nascidos ao templo de Hera para livrá-los da mortalidade por meio do fogo sagrado. (As deusas Deméter e Tétis também queriam realizar o mesmo ritual com os filhos Demofonte e Aquiles: ergueram as crianças sobre o fogo para eliminar com as chamas sua qualidade de mortais. No entanto, algumas vezes apareceram não iniciados, como Metanira, a mãe de Demofonte, ou Peleu, o marido mortal de Tétis; não compreendendo as intenções das deusas, eles interromperam o ritual. Peleu pegou o pequeno Aquiles pelo pé e tirou-o do fogo e, como sabemos, o calcanhar do herói tornou-se o seu

ponto vulnerável.) Ocorreu o mesmo entre Medeia e Jasão. Este, cheio de ira, interrompeu o ritual, abandonou Medeia e retornou a Iolco. Medeia abandonou Corinto em seu carro de serpentes, depois de ter transmitido a soberania a Sísifo.

Em algumas narrativas, consta que Medeia teria tido somente dois filhos. Estes, com a anuência de Jasão, tinham sido apedrejados pelos coríntios. A razão disso fora o golpe de Medeia contra Glauca, a quem Jasão, após dez anos de regência, dedicara seus favores pretendendo desposá-la. Por intermédio dos filhos, Medeia enviara um presente à rival: um vestido branco e um diadema de ouro, que se transformaram em chamas inextinguíveis quando Glauca os colocou no corpo. Envolta em chamas, Glauca jogou-se num poço ou num rio, que desde então recebeu o seu nome.

## Medeia no exílio

Depois de ter deixado Corinto, Medeia iniciou uma longa viagem de exílio, indo a Tebas para ver Hércules, que havia curado da demência e com quem tinha laços de amizade; mas os tebanos, não querendo acolher entre eles a estranha feiticeira, fizeram-na prosseguir em seu caminho. Medeia viveu durante muito tempo em Atenas com Egeu, tido como pai do seu filho Medos. Conta-se que quando Teseu foi a Atenas e se fez reconhecer como filho de Egeu, reivindicando o trono, Medeia tentou matar o herói com uma bebida envenenada. Ela escapou da vingança de Teseu, escondendo-se numa nuvem e fugindo com o filho Medos. Contam que Medeia esteve na Tessália, na Itália e na Ásia Menor antes de retornar à

Cólquida com Medos; ela ampliou o reino de tal modo que ele abrangia a Medeia superior, da qual seu filho foi eleito regente.

“Essas histórias e outras semelhantes associavam-se facilmente às narrativas mais antigas, que conheciam a última e definitiva chegada da neta do Sol. No Elísio ou (...) na ilha dos bem-aventurados, celebrou-se o casamento eterno de Medeia com Aquiles.” [\[14\]](#)

Dizem que Jasão foi abandonado pela sorte após ter quebrado o juramento de fidelidade a Medeia, ato que foi testemunhado por todos os deuses. Perambulou como um forasteiro sem pátria, voltando para o Argos e deitando-se à sua sombra. Nesse momento, a proa do navio caiu sobre ele, matando-o. Segundo outra tradição, a história de Medeia e Jasão tem um desfecho feliz: sendo imortal, Medeia rejuvenesceu o esposo envelhecido, tal como fizera com Eso, o pai dele.

## Medeia na tragédia [\[15\]](#)

A tragédia de Eurípides é uma elaboração literária das lendas tradicionais sobre Medeia. O poeta trasladou o material para a sua época, adaptando-o aos conceitos que desejava transmitir. Em sua versão, Creonte era o soberano da cidade-Estado de Corinto; Medeia e Jasão eram seus dependentes que, fugindo de Iolco, foram para Corinto e ali viveram em exílio com os filhos. Em lugar de Glauca foi posta Creusa, a filha do rei Creonte, a quem Jasão, depois de muitos anos de matrimônio com Medeia, fazia a corte pretendendo desposá-la.

*Aia – Quem dera que o navio Argos não tivesse voado além das negras Simplégadas em demanda da Cólquida, e que, nos vales do Pélion, os pinheiros não tombassem, aos golpes do machado, para dar remos aos braços dos homens insignes que buscaram o Velocino de Ouro a pedido de Pélias! Assim, não teria a minha ama, Medeia, navegado para as fortalezas de Iolco, ferida no peito pelo amor de Jasão. Nem, depois de convencer as filhas de Pélias a matar o pai, habitaria esta terra de Corinto com o marido e os filhos, alegrando com sua fuga os cidadãos do país a que chegara, tudo de acordo com Jasão. Pois esta é certamente a maior segurança: que a mulher não discorde do marido.*

*Agora tudo lhe é hostil, e aborrece-a o que mais ama. É que Jasão, traíndo os próprios filhos e a minha ama, se aninha em tálamo régio, tendo desposado a filha de Creonte, que reina no país; e Medeia, infeliz e desprezada, clama pelos juramentos levantando a mão direita, símbolo máximo da fidelidade, tomando os deuses por testemunha da recompensa que recebe de Jasão.*

*Deprimida, sem se alimentar, abandona o corpo às suas dores e consome todo o tempo em pranto, desde que conheceu a perfídia do marido...*

A tragédia de Eurípides começa com estas palavras da aia. Para o poeta, Jasão era um fugitivo submisso que pretendia tirar partido do casamento com a filha do potentado (é este o significado do nome Creonte). Temendo a ira de Medeia, Creonte impôs-lhe e aos filhos o exílio. A contragosto, ele anuiu ao pedido dela de permanecer mais um dia, ameaçando, porém, mandar matá-la, se ainda fosse encontrada ao raiar da alvorada dentro dos

limites do país. Jasão não impediu essa injustiça, justificando-se a Medeia com estas palavras:

*Ser-te-ia possível habitar neste reino e nesta casa, se suportasses bem os desígnios dos poderosos. Por tuas palavras insensatas, serás expulsa do país. A mim pouco importa. Podes continuar dizendo que Jasão é o pior dos homens, mas, depois do que disseste contra a casa real, tens ainda muita sorte de pagares apenas com o ostracismo...*

Com expressões ofensivas, Medeia acusa Jasão de infidelidade e ingratidão, fazendo-o ver que lhe devia a vida. Jasão, porém, com igual dureza, renega qualquer compromisso:

*Visto que tanto engrandeces os teus serviços, penso que, dentre deuses e homens, só à Cipride [\[16\]](#) devo o bom termo da minha viagem. Tens o espírito sutil, mas ser-te-ia molesto reconhecer como Eros te obrigou, com suas flechas inevitáveis, a salvar minha pessoa. Mas não vou insistir mais neste ponto, pois, seja como for que me ajudaste, está bem. Na verdade, recebeste mais do que me deste, como vou te provar. Em primeiro lugar, habitas em terra grega, não num país bárbaro; conheces a justiça e sabes usar as leis, não o poder da força bruta. E todos os gregos perceberam que eras sábia e, desse modo, alcançaste a fama. Se vivesses nos confins da terra, não se falaria de ti...*

Depois de trocarem palavras ásperas, Jasão se desligou definitivamente de Medeia, que só encontrou um amigo para lhe manifestar respeito: Egeu, rei de Atenas, que, regressando do oráculo de Delfos, foi a Corinto. Medeia

contou-lhe a sua infelicidade e ele lhe ofereceu refúgio em Atenas. Este encontro deu forças a Medeia para tramar a sua vingança.

*Mandarei um dos meus servos a Jasão para pedir-lhe que venha à minha presença. Quando ele chegar, dir-lhe-ei palavras lisonjeiras: que concordo com ele, que o casamento com a filha do rei, pela qual ele me abandonou, também está bem e que tudo isso é útil e bem pensado. Rogar-lhe-ei que deixe que meus filhos fiquem aqui, não que eu queira deixá-los numa terra hostil, expostos ao escárnio dos meus inimigos, mas para matar, com a minha astúcia, a filha do rei. Mandá-los-ei carregados de presentes, para que não sejam banidos do país; será um fino peplo e um dilema de ouro lavrado. E, quando ela pegar nesses enfeites e os cingir ao corpo, terá morte horrorosa, assim como todo aquele que a tocar, tais são os venenos com que ungirei os presentes. Neste ponto, detenho o meu discurso e choro ao pensar na ação que terei de praticar em seguida, pois vou matar os meus filhos. Não haverá quem possa salvá-los. E, depois de destruir toda a estirpe de Jasão, abandonarei o país, fugindo do assassínio dos meus adorados filhos, depois de realizar o mais sacrílego dos crimes. Não posso, minhas amigas, suportar ser escarnecida pelos inimigos. Prossigamos. De que me vale viver?...*

Tal como Medeia planejara, a fatalidade ocorreu; apenas Jasão ficou com vida, como Medeia desejava, porque ele devia sentir que perdera tudo, devia tornar-se tão infeliz quanto ela. Esse era o objetivo da sua vingança.

No final, a tragédia torna a desembocar no mito. Medeia sepulta os filhos no templo de Hera Acreia, institui “uma festividade sagrada e consagrações (...) para o futuro, visando reparar esse desumano assassinio”. Do céu, Hélios envia seu carro de serpentes, que conduz a neta do Sol para longe da esfera do mundo humano.

# Segunda Parte

## OS GRAUS DA TRANSFORMAÇÃO DO MITO

### Os rastros da velha deusa

Na compreensão tradicional da história da nossa sociedade, o desenvolvimento cultural só teve início com as cidades-Estado da antiga Grécia e com o Império romano. Que os precursores dessas sociedades, ou seja, as culturas superiores dos sumérios, da Pérsia antiga, do velho Egito e de Creta já representavam o apogeu e final de um desenvolvimento cultural anterior, abrangendo um período de quatro mil anos, e que essa época da história humana – pelo menos na esfera religiosa – foi tão vigorosamente moldada pelo aspecto feminino, como a seguinte o foi pelo aspecto masculino, são fatos que só aos poucos vão penetrando na consciência da nossa cultura. [\[17\]](#)

As muitas facetas da figura de Medeia constituem a ressonância literária de antigos cultos que, já na época da Grécia “clássica”, eram de um

passado distante. Nas poesias antigas e nas narrativas dos mitógrafos gregos e romanos, os mitos do passado se mesclaram com elementos de lendas e memórias históricas. O mito já se tornara um componente da tradição literária e não expressava mais uma realidade viva.

As confusões e contradições – que justamente nas tradições literárias dos fragmentos referentes a Medeia tanto chamam a atenção – provêm, antes de tudo, do fato de que os narradores, intencional ou inconscientemente, interpretavam mal as representações simbólicas não pertencentes ao sistema religioso da sua própria época, mas a um sistema anterior de referência religiosa, que era a veneração da Grande Deusa. [18]

O culto à Grande Deusa, que, durante milênios, impregnou o Oriente Próximo e todo o mundo mediterrâneo europeu, surgiu juntamente com o desenvolvimento da agricultura. Foram, provavelmente, as mulheres que, ao colher frutas, raízes e tubérculos comestíveis, “inventaram” a agricultura; esta foi e continuou sendo por muito tempo o domínio das mulheres. A natureza e, acima de tudo, a terra assemelhavam-se a uma mãe doadora de bênçãos e alimentos, e a capacidade de as mulheres produzirem vida, tal como a terra, proporcionou ao aspecto feminino a primazia na ordem religiosa e social da comunidade. No universo religioso das culturas agrícolas primordiais não havia ainda deuses masculinos. Somente a Grande Deusa era considerada a origem de tudo o que existe. Nua, ela saíra do caos, separara o mar do céu e, com sua dança, criara Bóreas, o vento setentrional, na figura de uma serpente. A serpente enroscou-se em volta dos seus membros e a fecundou. Na figura de uma pomba, a deusa botou o Ovo do Mundo, que, depois de ter sido chocado, deu à luz tudo o que existe: o Sol, a Lua, os planetas e a Terra com as plantas e os seres vivos. [19]

O caldeirão da transformação, símbolo de Medeia, tal como o Ovo do Mundo, é um recipiente que contém toda a vida, onde a vida velha afunda e morre e de onde ressurge a vida rejuvenescida. A imagem original desse milagroso recipiente é o útero. O segundo emblema de Medeia, o carro puxado pelas serpentes aladas, é um símbolo da deusa do universo, representando a totalidade do cosmo. A serpente simboliza a fecundidade da terra e da água; suas asas, o elemento ar e também o aspecto espiritual ou as forças do céu. Do ponto de vista do mito, na atuação conjunta das duas dimensões da deusa teve origem a vida.

Ambos os luminares do céu, o Sol e a Lua, eram agregados como símbolos à deusa. A Lua, no entanto, que se relacionava com a água, com os estágios do crescimento vegetal e com os ciclos da fecundidade feminina, teve precedência em relação ao Sol. Este, pelo menos nos países mediterrâneos, levava a vegetação não apenas a crescer, mas também a murchar. Quão mágica e misteriosa deve ter parecido a Lua aos homens da cultura arcaica! O cíclico brotar e florir, madurar e carregar frutas, murchar e morrer da vegetação era espelhado pela Lua em nível cósmico. Como fruta madura, ela fulgura no céu, quando é Lua cheia; depois se desvanece gradativamente até tornar-se uma foice pequena e delgada, parecendo, na Lua nova, como se tivesse sido engolida pela noite para sempre. Contudo, algumas noites depois, ressurge no céu a pequena foice da Lua crescente, renascida e rejuvenescida. A goela devoradora da escuridão faz parte do sistema de referências simbólicas da deusa tanto quanto o ventre fecundo; a morte não se afigurava uma extinção definitiva, um final sem esperança, mas um estágio de transição, uma fase de transformação inseparavelmente associada ao ciclo da vida.

Também, no culto, a morte precedia a vida renovada e rejuvenescida. Era preciso derramar sangue para renovar magicamente a fecundidade da terra porque, para o pensamento mágico, a “essência” da força vital está no sangue. Sacrifícios de sangue e sacrifícios humanos eram oferecidos à deusa para restituir-lhe simbolicamente a dádiva da vida.

Com a progressiva diferenciação das sociedades matriarcais, também as ideias sobre a Grande Deusa passaram a ser mais complexas; sua imagem, em analogia com as fases da Lua, assumiu a forma de uma tríade. Ela surgia como uma jovem primaveril, uma mulher madura e fecunda, como o verão, e uma velha outonal, hibernal. Dentro do cosmo – idealizado como algo composto de três partes, a deusa-jovem reinava sobre o ar e o céu; a deusa madura, do amor, sobre a terra e o mar; e a deusa anciã, sobre o inferno e o reino dos mortos. Cada aspecto da tríade podia, por seu turno, aparecer na Santíssima Trindade, porém, procurava-se sempre lembrar que, em todos os seus aspectos e formas aparentes, a deusa era sempre a Una, a imutavelmente Grande Deusa da terra e do céu. [\[20\]](#)

Ao lado da trifacetada deusa da Lua, surgiram as primeiras divindades masculinas que, no entanto, devem ser entendidas pela sua relação com ela: como filho, amante ou o seu herói. [\[21\]](#)

Do ponto de vista dos mitógrafos posteriores, Hélio – para cuja posse haviam passado as serpentes aladas da deusa da Lua, e que ascende, na estirpe de Medeia, ao primeiro plano por ter dado o nome a essa estirpe (os helíades) – foi, a princípio, o herói do Sol, que a deusa da Lua desposara e convidara a subir em seu carro. A mitologia grega posterior refere-se ainda a estas conexões, quando chama a mãe de Hélio de Eurifaessa: “aquela que brilha ao longe”.

Da genealogia dos helíades é possível também deduzir a identidade original de Medeia como deusa da Lua. A incerteza sobre o nome de sua mãe e a posição dos seus parentes femininos só pôde surgir na época patriarcal, quando os membros da estirpe eram denominados pelo pai, e não mais pela mãe, e não se compreendia como a deusa da Lua pudesse rejuvenescer em suas “filhas” e como estas pudessem ser aspectos da sua aparência triádica. Todos os nomes que foram dados à mãe de Medeia – como Ídia, “aquela que sabe”, Neera, “a nova”, Asteroidea, “a do caminho das estrelas” – são denominações lunares, designações honrosas sob as quais a Grande Deusa era invocada. Também no nome da irmã de Medeia, Calcíope, “a face que brilha como o bronze”, reconhecemos facilmente a Lua cheia. E, finalmente, o nome Hécate, “cem”, refere-se ao “grande ano” do antigo calendário lunar (oito anos da nossa contagem do tempo), que abrangia cem meses lunares. Em sentido figurado, o nome Hécate significa “cêntupla fecundidade” ou “cêntupla colheita”. Medeia, a deusa-moça de Ea, Circe, a ninfa orgiástica (na *Odisseia*, ela é apresentada como a “Senhora dos Animais”) e Hécate, a velha deusa da morte e do inferno, podem ser consideradas figuras triádicas da deusa da Lua. [22]

Quando, no início e meados do nosso século, os antropólogos pesquisaram as sociedades tribais que ainda não haviam tido contato com a civilização, constataram que, em várias culturas, era desconhecida a relação entre a união sexual e a geração de filhos. Atribuía-se a fecundação das mulheres aos ventos, aos rios ou à influência de espíritos. Os mitos permitem supor que o mesmo teria ocorrido nas primeiras culturas tribais do período matriarcal.

O conhecimento da relação entre o coito e a gravidez modifica a posição do aspecto masculino no culto. No lugar das filhas, como nos tempos

anteriores, agora era o homem que, no culto, passava a ser o símbolo da fecundidade e, no mito, o amante e esposo da deusa.

Nos mitos das culturas de caráter matriarcal, a relação da trifacetada deusa da Lua com o filho-amante é apresentada com muitas variantes. Estas, porém, revelam sempre a mesma estrutura fundamental: a deusa ama um belo adolescente e o toma como esposo. Ela o cumula de régios presentes e lhe concede brilho, poder e força radiante. Frequentemente ela o inicia nos segredos da agricultura ou da viticultura e o manda propagar essas artes na Terra, onde ele se torna um deus-herói venerado. Nos mitos, o herói encontra a morte na forma de um monstro, um animal feroz (que retrata o aspecto mortal da deusa). Seu corpo é esquartejado. Nos lugares onde o seu sangue goteja na terra, desabrocham flores e se desenvolve uma vegetação nova exuberante. A deusa lamenta e chora o amante morto: ela o procura pela terra inteira e no mundo dos mortos, recolhe os pedaços dispersos do seu corpo, torna a uni-los e chama o amante de volta à vida com uma forma nova e rejuvenescida. Assim recomeça o ciclo do vir a ser e do perecer.

Nesses mitos, reflete-se o evento central do culto das primeiras culturas agrícolas do período matriarcal. A representante terrena da deusa era a sacerdotisa ou a rainha do clã, a qual, junto com o marido por ela escolhido, dirigia a comunidade. Tal como ocorria nos mitos, com o filho-amante da deusa, assim, no ritual, o “rei sagrado”, companheiro eleito da rainha-sacerdotisa, era sacrificado em prol da fecundidade dos campos e do gado. A relação do par era de natureza sagrada: seus estágios retratavam o mistério do crescimento, da morte e do renascimento. O eleito não desposava uma mulher mortal, mas unia-se simbolicamente à deusa; portanto, o “casamento sagrado” tinha o cunho de uma iniciação religiosa.

Na época da sementeira, o par celebrava o coito ritual num lugar consagrado à deusa, na natureza, num templo ou gruta sagrada. A caverna sagrada de Medeia, na ilha Deprane, de que fala Apolônio de Rodes, pode ter sido originariamente um local desse culto, onde à luz de tochas era celebrada a cerimônia. A sexualidade era sagrada e fazia parte do culto. O pensamento mítico encara todas as coisas e eventos na sua relação com uma totalidade maior: o amplexo amoroso do par sagrado correspondia à união cósmica, ao abraço do céu e da terra na primavera, fazendo brotar a nova vida.

Na época da colheita ou no fim do ano lunar (o tempo era computado pelos ciclos da Lua, tendo um ano treze luas) sacrificava-se o rei sagrado, que era o grão de semente que, ao morrer, tornava a mergulhar na terra. As sacerdotisas da deusa, usando máscaras de animais, matavam-no. Seu sangue era dispersado para fecundar as árvores, os cereais e o gado. Seus despojos mortais eram enterrados ou queimados. A rainha, e com ela toda a comunidade, punha luto e chorava a morte do rei sagrado, até que ele – na figura do seu sucessor – ressuscitasse.

Em certos lugares, o próprio rei sagrado matava o seu antecessor e comia uma das partes nobres do seu corpo (o coração, o ombro, a coxa) para se identificar com ele.

Poder-se-ia agora objetar que a prática desse ritual cruel faz parecer pelo menos questionável a atitude pacífica e positiva atribuída às primeiras culturas matriarcais. No entanto, é preciso ter presente que esse ato intrinsecamente cruel não era ditado pelo ódio, pelo impulso destrutivo ou por crueldade, mas pelo sentimento religioso, e os homens que participavam do ritual o faziam pela dedicação ao sistema religioso que permeava toda a sua existência. [23] Também os caçadores de cabeça – que

existiam na Nova Guiné e nas ilhas Fiji até o início do nosso século – não poderiam ser considerados “assassinos cruéis”, mas, na melhor das hipóteses, “primitivos”. De sua prática ritual fazia parte a apropriação da força vital do inimigo morto.

Por mais difícil que seja imaginar tais coisas de um ponto de vista atual, parece, no entanto, que o sacrifício do rei sagrado teria caráter voluntário, como se o rei se empenhasse em ter a honra de morrer em prol da fecundidade do seu país, porque o esposo eleito da rainha era o vencedor de lutas rituais, dos “testes matrimoniais”, que tinham o caráter de uma iniciação. Nos mitos, esses testes se apresentavam como enigmas aparentemente insolúveis ou lutas com monstros e dragões – façanhas heroicas que também Jasão teve de realizar antes de contrair núpcias com a deusa Medeia.

Depois do seu sacrifício, o rei sagrado passava a ser “imortal”, isto é, a desfrutar da veneração do culto como deus-Sol. Os assassinios atrozes que os mitógrafos posteriores imputaram a Medeia, principalmente a morte e o esquartejamento do irmão Faetonte-Apsirtos, eram, originariamente, expressão dessa constelação mítico-ritual. Faetonte, “o radiante”, é uma denominação honrosa do deus-Sol; Medeia, “a do bom conselho”, é um título de honra da deusa da Lua. Na figura do irmão-amante esquartejado e sacrificado, o herói tem o nome de Apsirtos, “aquele que é levado pelas águas”, e, na origem, é a própria deusa, com o seu poder de renovar a vida e de rejuvenescer, que recolhe os seus pedaços e o ressuscita para uma nova vida.

As etapas de desenvolvimento por que passaram as sociedades matriarcais foram acompanhadas também pela modificação paulatina do culto. Foram suprimidos os ritos canibalescos. Os reis sagrados reinavam

durante um tempo maior, inicialmente durante o “ano grande” de cem meses lunares (oito anos); porém, no final do reinado, tinham de morrer. O sacrifício anual em prol da fecundidade do país passou a ser realizado com uma criança como substituto. O rei escondia-se numa cripta e, depois da cerimônia do sacrifício, surgia “ressuscitado” pela representante da deusa. [[24](#)]

Na etapa seguinte, os sacrifícios de animais substituíram os sacrifícios humanos e, finalmente, cumpria-se todo o ritual sem derramamento de sangue, sob a forma de dramas e representações vitais. O rei reinava até o fim da vida, mas, como regente, continuava sendo o representante da rainha, que legava às filhas o país que lhe “pertencia” e do qual era o símbolo. O rei sagrado que quisesse se separar da mulher tinha de renunciar à regência e sair do país.

A Grande Deusa das culturas pré-helênicas da Ásia Menor e da região mediterrânea aparece na mitologia grega com muitos nomes. Do mesmo modo, os nomes das deusas que mais tarde passaram a integrar o Olimpo, como Deméter, Hera, Afrodite, Atena e Ártemis, designavam, em sua origem, a trifacetada deusa da Lua. A grande multiplicidade de nomes provém do fato de a deusa ter sido venerada em diversos lugares sob diferentes designações. Além disso, davam-lhe por toda parte denominações honrosas, que se referiam aos seus diversos atributos, aspectos e funções e eram um indício da sua universalidade e divindade. A menção de todos os seus nomes constituía uma antiquíssima forma de invocação e adoração. [[25](#)] É fácil pensar que a Grande Deusa teve em muitos lugares o apelido de “a deusa do bom conselho”.

Só com a supremacia patriarcal é que se perdeu o caráter universal da deusa, passando as deusas “olímpicas” a representar meros aspectos

isolados, que antes estavam todos englobados nela. Não há nenhuma contradição no fato de Jasão estar, uma vez, sob a proteção de Atena e, outra, sob a proteção de Hera, nem quando, num momento, é Atena que o ressuscita da morte e, noutra, é Medeia. O herói, “aquele que traz a cura”, por devolver, com seu sacrifício, a fecundidade ao seu país, é originariamente o filho, amante e esposo da deusa da Lua.

## A morte e a arte de curar

A partir da visão atual, é particularmente difícil compreender que a Grande Deusa fosse venerada não só como a mãe que ama, protege e alimenta, mas também como a goela da morte, destruidora de toda a vida, e como um poder infernal. Deméter e Hécate tinham o apelido de Brimo, “a irada”; a bela Afrodite, símbolo da fecundidade, do erotismo e da felicidade no amor, recebia também o nome de Melenis, “a negra”, de Escotia, “a escura” ou de Epitímbría, “a dos túmulos”. [26] Isso deve parecer absurdo a um pensamento abstrato dualista como o nosso, que vê a luz e as trevas, o bem e o mal, a felicidade e o sofrimento e a vida e a morte como coisas antagônicas que se excluem mutuamente. Para o pensamento mítico, todavia, o mundo não é ordenado sob a forma de antagonismos, mas de polaridades que se condicionam reciprocamente: a escuridão é a condição anterior à da luz; a felicidade é impensável sem o sofrimento, assim como a vida não pode ser entendida sem a morte.

À velha deusa do inferno era associada, como símbolo, a Lua nova ou “Lua negra”, às trevas de onde nasce a nova luz. No seu culto, a tocha que brilha na escuridão da noite teve importante papel. Como “divindade

misteriosa do eterno ocaso e do eterno retorno” [27] ela era ao mesmo tempo aquela em que todos os antagonismos eram eliminados. Contendo a tríade, ela era a “mãe” da deusa da primavera e da ninfa da fecundidade, aliás, idênticas a ela. Como deusa que unia em si todas as polaridades, ela representava a eterna sabedoria. Por isso, todos os conhecimentos que o pensamento mítico relacionava com o sagrado – a profecia, o oráculo, a clarividência, as revelações secretas dos cultos e ritos e a arte de curar – estavam também associados aos seus aspectos de escuridão, noite e inferno. Por conseguinte, a Medeia sábia e conhecedora da medicina, a “filha” de Hécate, exhibe os traços da deusa escura.

A serpente era o símbolo central desta esfera da deusa, porque pertencia, por um lado, ao “ventre da Terra”, às trevas, à profundidade e às águas primordiais, e, por outro, porque trocava de pele, tornando assim – na visão do pensamento mágico – a renovar-se e, finalmente, porque dispunha do veneno mortal e do antídoto. Por isto, por toda parte onde se trata do conhecimento, da sabedoria e da arte de curar, encontra-se o motivo da serpente. Na Grécia helênica, a vidente era chamada também de “Pítia”; a deusa com a serpente é sempre a deusa curandeira. A deusa ctônica Deméter, a exemplo de Medeia, também andou num carro puxado por serpente. Envolvidas por serpentes e com serpentes nas mãos eram representadas, ao lado de Hécate, Hera, Atena, Afrodite. Os heróis da medicina, Asclépio (que os romanos chamavam Esculápio) e Ericônio, foram representados sob a forma de serpentes.

O conhecimento dos remédios vegetais, dos venenos e dos efeitos que produzem na proporção da sua dosagem, já era muito desenvolvido nas culturas matriarcais, conforme revela claramente o fato de que o cólquico, o acônito, o salgueiro prateado e o zimbro eram relacionados com a tríade

Hécate-Circe-Medeia. Essas plantas contêm substâncias anti-inflamatórias analgésicas e antitérmicas (*colquicina, aconitina, ácido salicílico, óleos etéreos*), que ainda hoje são utilizadas em medicina.

Nos sistemas de referência simbólica, à Hera pertenciam os medicamentos usados em ginecologia e obstetrícia; ela era a “protetora das mulheres”, dela dependia a vida sexual feminina e, na figura de Hera-Eileitia, a deusa dos nascimentos, dispunha do poder de abrir e fechar, poder que ela mostrara no nascimento de Hércules. Idêntico poder também era atribuído a Hécate. Além disso, dizia-se que ela enviava os pesadelos noturnos, a demência e a epilepsia, e que também os curava. Nas Hecatesias, cultos dos mistérios de Hécate, ainda existentes na época helênica, tomavam parte pessoas que desejavam ser curadas de suas doenças. [28] Também Medeia, que fora identificada com as duas deusas (nos mitos posteriores, Hécate era a mãe de Medeia e Hera, a sua deusa protetora), sabia curar a demência e, com seus quatorze filhos, pode ser tida igualmente como uma deusa dos nascimentos. Os quatorze filhos representam, simbolicamente, a fecundidade da deusa e de suas filhas, as mulheres terrenas. Eles traduziam a força crescente da Lua, a primeira e fecunda metade do mês lunar e do ciclo feminino.

Não é certamente por acaso que se associava à deusa como terapeuta um ente superior “que traz a cura”: Medeia, Hera ou Atena que, originariamente, também era uma deusa das serpentes. Com Atena, que, numa pintura de vaso (o chamado vaso de Dúris), ressuscita Jasão, está relacionada a coruja como símbolo da sabedoria. Num canto, junto do corpo, Atena carrega a égide – uma bolsa de pele de cabra que contém uma serpente. À frente da égide está a cabeça da górgona Medusa, com os cabelos serpentinos, olhos flamejantes e dentes e língua à mostra. (As três

górgonas – Esteno, “a forte”, Euríale, “aquela que vagueia largamente”, e Medusa, “a pérfida”, constituíam uma tríade do aspecto sombrio da deusa como Senhora da morte.) [29]

Num dos mitos, diz-se que Atena teria iniciado os heróis da medicina, Esculápio e Erictônio, nos segredos da arte de curar, dando-lhes o sangue da górgona Medusa. O sangue tirado do lado direito da Medusa matava; o do lado esquerdo ressuscitava. O significado mais profundo deste mito é que um homem que deseja curar os outros precisa primeiro passar pessoalmente pela experiência dos mistérios da vida e da morte. Essa antiga sabedoria era conhecida dos curandeiros xamanistas dos povos da Sibéria e do Ártico. Por meio de suas experiências iniciáticas, que lhes chegavam muitas vezes de mãos dadas com graves enfermidades, privações, solidão e proximidade da morte, eles conheciam os “caminhos da alma”, conheciam as doenças a partir do interior como um processo de transformação, que não apenas se apodera do corpo, mas do homem como um todo, abrangendo o aspecto espiritual, o psíquico e o corporal [30]

Nas culturas pré-helênicas, a arte de curar não estava separada da totalidade do conhecimento sagrado, que abrangia também a interpretação dos sonhos, a clarividência, a magia e os oráculos. Frequentemente, a arte de curar fazia parte de ritos e cultos conservados em segredo; neles não era permitida a participação de não iniciados, sendo esses ritos e cultos preservados e transmitidos pelas sacerdotisas da deusa. Em todos os lugares onde era proibida a entrada dos não iniciados era colocada a máscara intimidadora da górgona Medusa; a infração desse tabu era punida com a morte. É possível que as próprias sacerdotisas tenham usado as máscaras da górgona Medusa para afugentar os não iniciados. Contam os mitos que todo aquele que via a face da górgona Medusa ficava

petrificado. Esta história deve ser, em parte, atribuída aos antigos cultos medicinais carregados de tabus. [\[31\]](#)

Não é razoável pensar que o terapeuta Jasão, quando pendia inanimado da boca da serpente, teria sido iniciado por uma representante da deusa Atena – “a do bom conselho” – nos cultos secretos? A imagem do monstro serpentino que devora o herói era muito familiar na região leste do Mediterrâneo e foi preservada, em época posterior, na arte órfica. Lá, no entanto, representava uma morte simbólica, um rito iniciático: o iniciado era devorado pelo “ventre da terra” e era transformado na escuridão, onde vivenciava e tomava conhecimento de coisas que modificavam a sua vida para depois renascer, purificado, como um iniciado, num nível superior de consciência. [\[32\]](#) Os participantes de um rito de iniciação perdem, temporariamente, o seu eu cotidiano. Passam a ser instrumentos de forças superiores ou mais profundas que neles devem penetrar. Todo homem iniciado nos mistérios da medicina talvez passe a ser um “Jasão”, um herói mítico da medicina, sendo a sua mestra de iniciação uma “Medeia”, uma conselheira divina.

A ideia de que a mulher, ou melhor, o aspecto feminino pudesse ter a função de modelo e guia para o homem, e que o pudesse levar ao conhecimento mais profundo dos inter-relacionamentos da vida não era mais admissível no patriarcado, sendo ainda nos nossos dias impensável para muitas pessoas. Muitas mulheres eram educadas para pertencer a uma categoria inferior; consciente ou inconscientemente, elas julgavam o aspecto masculino superior e mais valioso e, apesar das mudanças no desempenho dos papéis e funções sociais dos dois sexos, até hoje muitos homens são incapazes de compreender as mulheres como seres do mesmo nível.

Como se sabe, certas esferas da arte de curar, como a “cura espiritual” pela imposição das mãos e pela conjuração, o conhecimento das ervas medicinais, a ginecologia e a obstetrícia, eram, até a Idade Média, domínio das mulheres, sobretudo das mais idosas e experientes. Temos conhecimento de como esse antigo conhecimento foi reprimido: sua essência foi negativamente distorcida e suas portadoras acusadas de terem parte com o demônio. As “comadres”, as herbolárias e as parteiras da Idade Média foram queimadas como bruxas. [33] Medeia, a envenenadora, a bruxa com a caldeira mágica, que induziu as filhas de Pélias a esquartejar e cozinhar o pai; Medeia, a infanticida (das bruxas medievais também se dizia que matavam e cozinham crianças), é a antecessora dessas vítimas de uma paranoia coletiva, que se nutria do temor que os homens tinham do “poder obscuro” das mulheres.

O Iluminismo pôs fim aos horrores dessa loucura, mas o antigo conhecimento, a capacidade terapêutica feminina e seus conhecimentos holísticos da medicina não foram reabilitados. A arte de curar passou à corporação dos barbeiros e cirurgiões e, em seguida, nas universidades, à elite masculina da medicina. Esse processo culminou no fato de a ginecologia ter passado ao domínio dos homens, e até hoje as coisas não mudaram muito.

Curar não significa tão somente ser útil e ajudar; ser capaz de curar está associado à fama, à dignidade e ao considerável poder sobre os homens. A Medeia “mítica” irradiava esse poder e dignidade de maneira solene. Ela era um símbolo da superação da morte, da plenitude da vida e da bênção. A Medeia legendária, que abandonou o seu reino legítimo, Aia, o país do além, por amor a Jasão, não deixava de dispor desse poder, mas passava a ser um símbolo da morte .

Historicamente, parece também que a atitude perante a vida e a morte teria mudado na transição da cultura matriarcal para o patriarcado.

## Medeia como símbolo de transição

No início do desenvolvimento das culturas matriarcais, houve uma revolução na história humana: a descoberta da agricultura. Uma transformação revolucionária posterior das formas de produção e de economia, que se tornou expressiva para a evolução cultural e que ocorreu no terceiro e quarto milênios antes de Cristo, resultou na sua mudança estrutural e gradativa extinção. Entre o terceiro e quarto milênios, surgiram as descobertas que levaram à invenção das primeiras “tecnologias”: o arado puxado por bois, a obtenção de metais pelo processo de fundição, o barco à vela, o carro de bois e a irrigação sistemática. Só essas primeiras tecnologias tornaram possível obter um superávit de alimentos, condição básica para a formação de uma sociedade diferenciada pela divisão do trabalho e para o desenvolvimento de ofícios e do comércio. Nas comunidades maiores, como as cidades-Estado criadas posteriormente, surgiu também, pela primeira vez, a necessidade de planejar, de dirigir e organizar, de modo centralizado, a evolução da produção, agora mais complexa. Isso provocou a formação de classes e hierarquias sociais e, além disso, uma mudança fundamental na história do homem: “Descobriu-se que o homem poderia ser usado como ferramenta econômica, que poderia ser explorado e escravizado”. [34]

Somente neste ponto do desenvolvimento cultural, quando a produção de bens levou ao superávit e à riqueza, é que as guerras de conquista se

tornaram uma instituição “politicamente útil”. As antigas sociedades mediterrâneas se viram pela primeira vez confrontadas com a necessidade de se defender da ameaça externa e começaram a formar uma casta de guerreiros. Ao lado dos colégios das sacerdotisas, que nas culturas matriarcais posteriores, estavam provavelmente no ápice da hierarquia social e encarnavam a autoridade religiosa, começou a formar-se, gradativamente, uma aristocracia militar masculina.

Com essas transformações sociais e políticas, ocorreu uma mudança fundamental na posição cultural e social da mulher na sociedade: “Já não era mais a fecundidade do solo a fonte de toda a vida e de toda a criatividade, mas o intelecto que criava as novas invenções, a técnica, o pensamento abstrato e o Estado com suas leis. Não era mais o ventre materno, mas o espírito que passava a ser o poder criador e, desse modo, não eram mais as mulheres, mas os homens que dominavam a sociedade”. [35]

Na verdade, essa transformação não se realizou de golpe ou num breve espaço de tempo, como se poderia deduzir das palavras acima citadas, de Erich Fromm, mas por um longo e difícil processo de transição de muitos graus, estendendo-se, no mínimo, ao longo de um milênio, durante o qual os remanescentes das sociedades matriarcais se mantiveram teimosamente de pé. O poder do espírito também não foi de imediato identificado com o aspecto masculino. O mito atribuía a invenção do arado, do navio e de todas as artes mecânicas à deusa Atena. [36]

Um mito posterior descreve como o poder do espírito passou aos deuses masculinos: Zeus devorou Métis, a deusa da sabedoria, que estava grávida de Atena. Logo depois, o pai dos deuses foi torturado por terrível dor de cabeça. Hermes, que logo reconheceu a razão disso, persuadiu Hefesto, o

deus-ferreiro, a abrir com cunha e martelo uma fenda no crânio de Zeus. Dessa abertura violentamente produzida, saltou, com enorme grito e plenamente armada, a deusa Atena. [37]

Esse mito é um exemplo da primeira fase da acrobacia teológica necessária para negar à parte feminina da divindade a sabedoria e à parte feminina da humanidade a inteligência, e revela igualmente quanta dor de cabeça deve ter provocado nos partidários dos deuses-pais o rebaixamento da Grande Deusa e das mulheres a uma categoria inferior.

Parece plausível que a “revolução urbana” do terceiro e quarto milênios tenha vindo acompanhada de uma decisiva mudança da consciência: a emancipação (do eu) do constante girar nos ciclos maternos e nos ritmos da natureza; uma fase coletiva de autonomia, se se pode dizer assim, em que o eu individual se separou da “psique grupal”. Mas por que tal processo só se tornou válido para o aspecto masculino? Mais decisivo do que o poder do espírito “masculino”, na transição histórica do matriarcado para o patriarcado, era provavelmente outro fator: a autonomia das mulheres nas antigas culturas matriarcais. Elas dispunham da sua própria organização coletiva de trabalho; a parentela feminina permanecia toda a vida coesa, e os homens se filiavam ao clã das suas mulheres pelo casamento. Devido à constante ocupação com as guerras, os homens viram surgir uma nova oportunidade de formar suas próprias unidades cooperativas, com nova identidade e independentes das mulheres. [38]

É impossível, hoje em dia, fazer afirmações precisas sobre se as culturas matriarcais teriam “degenerado”, produzindo elas próprias as forças que acarretaram a sua substituição, ou se teriam sido subjugadas por outros povos de organização patriarcal, ou ainda se ambos os fatores teriam contribuído para a sua substituição histórica.

Na Grécia, segundo opinião de Ranke-Graves, as estruturas do poder patriarcal foram introduzidas nas culturas matriarcais a partir do exterior, desde o segundo milênio a.C. Povos pastores patriarcais invadiram, em ondas sucessivas, a península dos Bálcãs e debilitaram a tradição matriarcal. Os estranhos conquistadores adotaram em parte a cultura superior da população “indígena” do antigo Mediterrâneo e fundiram-se com ela. Seus deuses tornaram-se os irmãos da deusa. Somente por volta de 1200 a.C., depois da derradeira grande onda de invasão (a “migração dórica”) é que a realeza patriarcal passou a ser norma na Grécia. [39]

Milênios nos separam da realidade da vida das sociedades matriarcais, do período neolítico e da era de bronze da Europa, e sempre permanecerá certa dose de incerteza quanto aos seus processos históricos de desenvolvimento e à sua forma efetiva. A transição do matriarcado para o patriarcado e as lutas pelo poder entre a ordem antiga e a nova se refletem nos mitos; não se pode, porém, deduzir deles como tudo aconteceu, mas como podia ter acontecido. É justamente na figura de Medeia que os níveis e fases do processo de transição se tornam, de modo especial, claramente perceptíveis.

Todos os heróis que foram associados a Medeia apresentam as características dos reis sagrados, das encarnações do deus-Sol, que na lenda aparecem como heróis solares. O próprio Sísifo, que Medeia “presenteou”, dando-lhe Corinto, era originariamente um desses heróis solares. A pedra que ele devia fazer rolar montanha acima simbolizava, outrora, o disco solar, e a própria montanha era um símbolo do firmamento. [40]

Os “heróis matriarcais”, que a deusa protegia e em cuja honra eles realizavam suas façanhas, tinham títulos em vez de nomes, como Jasão,

“aquele que traz a cura”, e Hércules, “a fama de Hera”. Os mitógrafos posteriores é que fizeram de Hera uma inimiga encarniçada de Hércules. A forma masculina “heros” (herói) deriva de Hera; de início, um “heros” era um rei sagrado que havia sido sacrificado a Hera. [\[41\]](#)

Os dois heróis, Jasão e Hércules, se assemelham e os mitos que gravitam em torno das suas figuras são, em muitos aspectos, idênticos. Ambos foram educados por Quíron, o centauro sábio e conhecedor da arte de curar, sendo eles próprios tidos como “heróis da medicina”. Eles foram representados de modo semelhante, como figuras vigorosas, de cabelos chamejantes, Hércules com a pele de leão, e Jasão com a pele de uma pantera sobre os ombros. Ambos tiveram que realizar façanhas parecidas, provas de coragem, que eram exigidas dos pretendentes às núpcias com uma rainha sagrada. Jasão teve de vencer a serpente de Aia, e Hércules, a Hidra de Lerna. A significação simbólica da luta com a serpente ou o dragão é, por um lado, a representação do herói em sua função de promotor da fecundidade. O ouro da serpente, que o herói deve tomar para si, é o “tesouro da terra”, a abundância da sua força vital. Por outro lado, a luta com o dragão representa uma iniciação: ao subjugar o dragão, o herói adquire uma vida nova, superior. Ele é capaz de se defrontar, conscientemente, com o que é feminino dentro de si e na realidade. Essa missão dos heróis passou, em toda parte, dos mitos para os contos de fada.

Se se tomar “Jasão”, não como nome próprio, mas como um título, compreender-se-á melhor por que, tanto em Iolco como na Cólquida, ele foi submetido a provas conjugais (estes mitos não tinham, originariamente, nenhuma ligação) e também por que, em ambos os casos, ele não tinha sido declarado soberano do país. No nível mais antigo, que se reflete no mito, não havia ainda uma soberania masculina. A rainha-sacerdotisa dirigia a

comunidade como a autoridade superior. Seu esposo, o rei sagrado, cumpria importantes deveres de ordem ritual e cerimonial. Podia atuar como representante da rainha, quando esta lhe dava autorização, mas era o seu “primeiro súdito” e não um soberano ou rei no sentido patriarcal.

Outras características apresentadas por Jasão e Hércules na lenda identificam-nos com figuras típicas do período de transição: de reis sagrados e heróis protegidos por Hera, Atena e Medeia transformam-se aos poucos em guerreiros do deus-pai Zeus, que se opunha aos ditames da deusa.

A lenda apresenta Medeia em Corinto como representante da deusa, como princesa herdeira e rainha que preside, ao mesmo tempo, como suma sacerdotisa, o templo de Hera. Provavelmente, aqui também neste caso, “Medeia” às vezes fosse o nome da Grande Deusa; isso é indicado pelo tema das “crianças no fogo”, encontrado também nos mitos em torno da deusa ctônica Deméter, e de Tétis, a deusa do mar. As histórias das crianças que foram expostas diretamente ao fogo para que sua mortalidade fosse queimada podem ter sentido diverso. Talvez se trate de lembranças remotas dos antigos e primitivos cultos das tribos neolíticas, nos quais as crianças eram sacrificadas à deusa-mãe. Ou se referiam ao costume arcaico de consagrar os recém-nascidos e protegê-los das más influências carregando-os em volta de um fogo ou segurando embaixo deles um ferro em brasa. [\[42\]](#) No entanto, podem referir-se também aos costumes modificados dos sacrifícios nas culturas matriarcais, aos rapazes que, representando o rei sagrado, durante sete anos seguidos eram sacrificados e queimados na fogueira. No oitavo ano, o próprio rei sagrado devia morrer. As crianças pelo seu holocausto adquiriam direito à “imortalidade”, isto é, à consideração no culto. É provável que fossem consideradas filhos da

deusa, filhos de Medeia, que eram venerados anualmente mediante ritos de luto no templo. Em relação a Hércules que, em princípio, também era um rei sagrado, contava-se que, num acesso de loucura, teria matado os filhos com flechadas, jogando-os em seguida numa fogueira. Em Tebas todos os anos se honrava os filhos de Hércules com cerimônias de luto e faziam-se sacrifícios aos seus espíritos irados, a fim de conciliá-los. [43]

Nos mitos que narram como Deméter, Tétis e Medeia seguravam as crianças sobre o fogo para purificá-las e torná-las imortais já se revela uma oposição ao conservadorismo religioso que levou à abolição dos sacrifícios humanos. Uma vez foi Metanira, outra Peleu e, finalmente, Jasão que, assustados e cheios de ira, interromperam o ritual.

O complexo de culpa ligado à morte dos filhos de Medeia é nitidamente perceptível nas tradições. Quem era responsável pelos sacrifícios? A deusa Medeia, a quem eram dedicados os cultos, ou suas sacerdotisas, que executavam os ritos? Ou seria Jasão, o rei sagrado que, graças ao sacrifício das crianças, escapava durante sete ou quatorze anos da morte? Ou seriam os coríntios, a coletividade afeiçoada ao culto, que queria e aprovava o sacrifício das crianças? Não há como responder à pergunta sobre o culpado, a não ser com um “todos”! – pois só foi possível o surgimento desta pergunta depois que se aboliram os sacrifícios humanos, reconhecendo que eram desumanos; ou seja, depois que o sistema religioso – e com isso a consciência – se modificara dentro da cultura matriarcal. Dizia-se, pela pena de Eurípides, que Medeia havia instituído “uma festa sagrada e consagrações” para expiar o “assassinato sacrílego” das crianças. Conforme registra uma tradição anterior, todos os anos levava-se quatorze crianças a Corinto – sete rapazes e sete meninos –, de cabeça raspada e usando roupas pretas; no santuário de Hera, eles permaneciam durante

todo um ano a serviço da deusa. As pessoas choravam por elas e punham luto como para os defuntos e ofereciam-lhes sacrifícios. Nos nossos dias, chamaríamos isso de “domínio do passado” ou um trabalho coletivo de luto, o que não é nada natural numa sociedade onde se cometeram crimes desumanos, como sabemos pelo passado alemão mais recente.

Essa, contudo, é uma associação a partir da perspectiva do presente e não uma interpretação no sentido da história religiosa. Seria muito mais lógico supor que o culto dos “filhos de Medeia” pertencia a um nível posterior e mais cultivado das religiões matriarcais, e que a permanência das crianças coríntias no templo de Hera tinha o caráter de um rito de transição, de uma iniciação na puberdade. Pelos estudos de antropólogos modernos, sabemos que na época da puberdade as crianças que participam de ritos iniciáticos são isoladas do resto da comunidade. São levadas para a selva ou para uma casa de culto especial, onde vão sendo iniciadas no mundo religioso da comunidade e preparadas para a vida sexual e para seus deveres de adultos. Aos olhos da sociedade, são tidas como “mortas” porque, depois da iniciação, terão novos nomes e não retornarão como crianças, mas como pessoas cultural, sexual e religiosamente “despertas”.

Os mitógrafos posteriores tendiam a reprimir toda lembrança do passado “bárbaro”, o que não se relaciona apenas com a época dos sacrifícios humanos, mas com todo o sistema da religião da deusa, também na sua forma ulterior, diferenciada e altamente cultuada – e a desvirtuar a interpretação dos respectivos mitos. Assim, atribui-se a Hércules de Tebas, à guisa de desculpa, a “loucura” que lhe teria infligido a sua antiga protetora, a deusa Hera. Nesse contexto, Medeia surge como uma figura luminosa oposta à Hera raivosa e irada que, no mito distorcido, atenta,

desde o nascimento de Hércules, contra a sua vida. Medeia cura o herói com suas ervas mágicas.

Em Corinto, onde o culto aos filhos de Medeia se manteve durante muito tempo, era evidentemente difícil destronar uma antiga deusa protetora e curadora. Também nesse caso tanto Medeia como Hera representavam, de início, muito provavelmente, aspectos de uma única e mesma deusa. Enquanto em Hera o aspecto da mãe boa e protetora foi separado e integrado à “família” dos olímpicos, o aspecto obscuro de Medeia, da deusa conhecedora da morte, fundiu-se com a figura da “estranha maga”. Jasão, seu amante e herói, passou a ser seu inimigo.

## A veste em chamas

Outras etapas e características do processo de transição da cultura matriarcal para a patriarcal refletem-se nas transformações sofridas pelo mito a respeito da veste em chamas. Imaginava-se que a atividade das deusas do destino, representadas na mitologia grega e também na romana como uma trindade, as Greias ou Parcas, era tecer, fiar, trançar e atar. Os produtos do seu trabalho – o fio, o tecido, o tapete ou a veste – simbolizavam o destino do homem. Para Teseu, o fio de Ariadne era o salvador da vida; mostrou-lhe o caminho para dentro e para fora do labirinto. Mas as deusas do destino também cortam o fio. Homero, na Odisseia, descreve a bela feiticeira Circe, irmã de Medeia, quando ela canta, sentada junto a um tear. A veste mágica que a deusa está tecendo pode ser tanto uma promessa de felicidade para o seu portador quanto o sinal da sua ruína.

A veste branca enviada por Medeia, como presente mortal a Glauca, era originariamente a camisa branca de linho com que era vestido o rei sagrado antes de ser queimado na fogueira. Um episódio paralelo ao mito de Hércules pode elucidar este ponto: Hércules havia abandonado a esposa Mégara e cortejava Íole, herdeira do trono de outro país. Apesar de ter obtido o direito à mão da noiva por ter vencido uma competição de tiro ao arco, o pai de Íole, Êuritos, negou-se a dar a filha ao herói. Hércules prosseguiu seu caminho e, depois de lutar com um touro e uma serpente (as tradicionais provas de casamento), ganhou como esposa Dejanira, uma bela amazona que portava armas e andava num carro. Mais tarde, Hércules reuniu um exército e por vingança atacou o país de Êuritos, aprisionou Íole, levando-a para a casa de Dejanira. Enciumada, esta enviou por um mensageiro a veste branca que Hércules deveria vestir no sacrifício. Quando o herói pôs a veste, o veneno que a impregnava queimou-lhe o corpo. Moribundo, ele se deixou transportar para uma montanha, onde foi lançado à fogueira. [\[44\]](#)

É fácil perceber a relação entre as histórias: Jasão também abandonou Medeia, voltando-se para Glauca; Medeia também era possuidora de uma veste mortal para oferecer e que, provavelmente, se destinava a princípio a Jasão; e ele também deve ter agido por ciúme. Nas outras interpretações do mito da veste em chamas, revelam-se os estágios da substituição das rainhas sagradas pelo novo sistema da soberania patriarcal. Príncipes de tribos helênicas desposaram as rainhas dos antigos clãs mediterrâneos para se tornarem regentes do país cuja herança se transmitia pela linha feminina. Essas uniões em parte resultaram da coexistência pacífica dos imigrantes com a antiga população mediterrânea, mas em parte foram realizadas à

força, como revelam os mitos, pelo poder das armas, do roubo e do sequestro.

O episódio do mito de Hércules mostra as duas maneiras como um rei sagrado da época de transição poderia prolongar sua regência, mesmo quando abandonasse a sua rainha ou fosse por esta repudiado: ou casando-se, segundo os ritos habituais, com a herdeira de outro país, ou, ao ser rejeitado por uma comunidade de religião conservadora, atacando-a com os seus guerreiros e raptando a herdeira.

Heródoto assim escreve sobre os helenos:

“... num grande navio, eles teriam chegado à Cólquida e ido até o rio Fásis; depois de terem feito ali tudo que constituía a razão de sua vida, teriam raptado a princesa Medeia.” [\[45\]](#) Se entendermos a lenda de Medeia como um reflexo de memórias históricas, a princesa herdeira da Cólquida teria sido levada para uma ilha diante do litoral (que ainda fazia parte do seu país), onde fora forçada a casar com o príncipe de uma tribo helênica. Teria este príncipe, que na lenda recebeu o nome tradicional dos heróis, “Jasão”, assassinado o irmão destinado a ser o esposo da herdeira, quando este tentava libertar a irmã e futura esposa? As atas deste crime histórico (que não era, certamente, um caso isolado) há muito estão encerradas.

Voltemos à tradição coríntia. Separar-se ou divorciar-se de uma rainha significava renunciar ao reinado, que era herança dela. Num dos graus posteriores da transição, representado aqui por Jasão, um regente se defende contra a sua deposição, forçando o matrimônio com a jovem sacerdotisa que se destinava a ser a rainha no próximo período de tempo. [\[46\]](#) O nome Glauca (coruja) indica que a nova noiva de Jasão era uma sacerdotisa de Atena. O que foi interpretado pelo mitógrafo posterior como um ato de ciúme da esposa pela jovem rival deve ter sido, originariamente,

na verdade, a “ira da deusa”, ou seja, a encarniçada oposição de suas sacerdotisas às mudanças religiosas e políticas trazidas pelo patriarcado em ascensão. É possível que a rainha subjugada de um clã e suas sacerdotisas se vingassem do usurpador do trono, matando-o com veneno.

Conta-se que Dejanira se precipitou sobre uma espada e que Glauca teria se jogado num poço. É de se supor que, na época das invasões helênicas, algumas sacerdotisas da Grande Deusa tenham preferido a morte voluntária a se curvarem diante do casamento forçado com o líder de um exército inimigo.

Ernest Bornemann estabeleceu uma hipótese óbvia sobre os fatores causadores da misoginia das sociedades patriarcais do Ocidente: “O estudo da história civil tem silenciado amplamente a elevada medida em que a concepção patriarcal da mulher foi cunhada, até os dias de hoje, pela história antiga dos gregos. A relação entre as tropas dos conquistadores e as mulheres do povo subjugado está, em quase toda parte, sob a sombra do desprezo recíproca. Onde a violência é a norma, dificilmente se pode esperar encontrar compreensão e respeito mútuo. Ao invadir a península balcânica, apossando-se das mulheres dos povos agrícolas, os gregos acrescentaram, no entanto, mais um fator agravante: escravizaram as mulheres”. [\[47\]](#)

O fato de os conquistadores dividirem a cama com as mulheres dos povos subjugados e até se casarem com elas resultava numa mistura ambivalente de culpa, dependência e desprezo e, por fim, numa incapacidade traumática de admitir as mulheres como seres iguais. Em contrapartida, as mulheres que foram forçadas ao matrimônio com os invasores se negavam, às vezes durante anos, a se sentar à mesa ao lado dos maridos, ou a chamá-los pelo nome. [\[48\]](#)

A sombra do desprezo recíproco atua até os nossos dias nas relações entre os sexos.

## A esposa ciumenta/Excursão ao mundo sentimental do presente

Na transmissão da lenda de Medeia sob a forma posterior, patriarcal, a veste em chamas tornou-se o símbolo do ciúme do relacionamento a dois, tal como o conhecemos até hoje, sendo um símbolo apropriado: não estarão com esta roupagem as pessoas torturadas pelo ciúme? A origem da palavra alemã *Eifersucht* (ciúme) indica a relação com o fogo, com o queimar. Até o século XVIII, a palavra *Eifer* era usada com dois significados: no atual, de esforço intenso para obter determinada coisa, e no de uma torturante obsessão, significado atual de *Eifersucht*. *Eifer* deriva do antigo alto alemão *eibar*, *eiveri*, e remonta à raiz indo-germânica *ai* = arder. <sup>[49]</sup> *Sucht* (*suht*) é a antiga palavra para doença. Portanto, em sentido literal, a palavra *Eifersucht* significa “doença que arde”.

Quando estamos enciumados, não nos sentimos como que devorados por um incêndio interior ou atingidos por um veneno cáustico? Desejamos nos livrar desse sentimento atroz e torturante, que nos faz parecer, aos olhos dos outros, ridículos ou deploráveis, e aos nossos próprios olhos nos torna feios, pequenos miseráveis e sem valor. O ciúme, no entanto, está grudado em nós e queima quem quer que nos toque. Cumulamos o parceiro infiel de observações venenosas, que simplesmente não conseguimos reprimir. Mexemos com os nervos dos nossos amigos compassivos, porque, aos olhos deles, estamos fazendo tudo para prolongar o nosso sofrimento, e isso torna as pessoas impacientes. Além

disso, nossos tormentos provocam neles o medo de que possa acontecer algo parecido com eles. Assim, aos poucos eles se afastam e nos tornamos solitários e desesperados.

Quem já padeceu alguma vez de intenso ciúme conhece as fantasias inspiradas pelo espírito de vingança: o parceiro infiel, a mulher infiel, o rival, a nova amante, os responsáveis pela nossa tortura terão de provar as dores que nós tivemos de suportar! Bem que gostaríamos de dar-lhes de presente a roupa ardente que nos devora vivos. O ciúme tem a marca da mesma dinâmica de *Sucht*, na significação atual da palavra (vício), a mesma mescla de dependência e impossibilidade de parar. O assassinato e o suicídio são as últimas consequências de *Sucht* (vício), tal como no caso extremo de *Eifer-sucht* (ciúme).<sup>[50]</sup> Assassinatos ligados a ciúmes dramáticos também não são raros atualmente, como se vê com frequência nos jornais: parceiros e rivais são esfaqueados, fuzilados, envenenados; famílias inteiras são eliminadas, as casas são devastadas e incendiadas.<sup>[51]</sup> Os autores desses atos são não apenas homens, mas também mulheres e procedem de todas as camadas sociais.

Ainda que não se trate de vida e morte, no sentido físico, o ciúme tem algo de letal, antes de tudo, para o próprio ciumento;<sup>[52]</sup> não se trata de uma emoção inequívoca, claramente compreensível, mas de um acervo de sentimentos negativos e torturantes: medo de perder o amor e a intimidade; inveja da maior liberdade e do sentimento mais forte de autovalorização que se imagina que o parceiro ou rival tem; dúvidas sobre si próprio; sentimento de impotência, de dependência e da própria falta de valor. O ciúme é hoje o sentimento mais impopular, mais proscrito e mais veementemente negado – valeria a pena pesquisar esse sentimento.

Acompanhamos Medeia no seu caminho através do mito, da lenda e da história, e vimos como perdeu o caráter impessoal de deusa “do bom conselho” e mergulhou na figura-maga feminina, [53] de traços predominantemente negativos. Como feiticeira dotada de poderes sobre-humanos e de conhecimentos superiores, ela ainda estava plena de poder e acima da esfera dos mortais; estava, no entanto, no mesmo nível dos heróis que agora não apoiava mais como deusa, senão como mulher que dispunha de poderes mágicos. Apolônio de Rodes conta que Hera e Atena, as deusas que protegiam Jasão e sempre intervinham quando a missão do herói ameaçava falhar, urdiram um complô no momento em que sua vida, na Cólquida, corria perigo devido à inimizade de Aetes. Somente a inteligente Medeia, conhecedora de magias, poderia salvá-lo! As deusas dirigiram-se a Afrodite para solicitar-lhe a ajuda. Eros foi enviado para atingir com suas flechas infalíveis o coração de Medeia, tornando-a assim, por paixão, aliada de Jasão.

Na lenda, Medeia não usava mais suas forças positivas de proteção e cura de maneira impessoal, como fizera a deusa doadora de bênçãos, mas pelo sentimento humano do amor; suas forças “negativas” não se assemelhavam mais aos aspectos mortais da deusa, necessários ao ciclo do ser, mas à malvadez, à perfídia e à crueldade que nasciam do ódio e, sobretudo, do ciúme. Na tragédia de Eurípides, a figura de Medeia atinge o ponto mais baixo da sua decadência. Ela passou a ser a esposa sem liberdade, dependente e ciumenta, entregue às “decisões dos poderosos”. Na decadência da figura mítica de Medeia está refletido o processo da desvalorização e da falta de autoridade a que todas as mulheres e tudo o que era feminino estavam expostos na cultura patriarcal.

Como deve ter sido o modelo oposto, matriarcal, da relação entre os sexos? Para Eurípides, Medeia era a estrangeira que veio da ordem antiga, “bárbara”. Imaginemos com que pano de fundo Medeia entrou na sociedade das cidades-Estado da Grécia.

Ignoro como eram as sociedades matriarcais existentes no período helênico, na Ásia Menor e no litoral do Mar Negro. Para fazer surgir, diante dos nossos olhos, a imagem de uma cultura matriarcal, recorro ao relato, feito nos anos 50, pela etnóloga americana Ruth Benedict, sobre os zuñis, índios pueblos do sudoeste da América do Norte.

Entre esses índios, as mulheres permaneciam a vida inteira na casa da parentela feminina e constituíam uma comunidade solidária e fechada de vida e trabalho. As casas e provisões pertenciam às mulheres e eram administradas por elas. Quando um homem cortejava uma moça, ia à casa dos pais dela e lhes manifestava o seu desejo. O pai perguntava à filha se queria casar com o pretendente e, estando ela de acordo, a mãe preparava um leito no quarto contíguo onde os dois se relacionavam sexualmente. Assim passavam a ser considerados casados. Mediante um singelo rito, a união conjugal era ratificada; no dia seguinte, a jovem lavava os cabelos do marido. Quatro dias depois, ela levava um presente para a sogra. O homem passava a habitar com a mulher e trabalhava para a parentela dela. Ele não adquiria *status* e prestígio por ser quem sustentava a casa, mas pelas funções rituais que exercia na sociedade e, junto a parentela da mulher, pelos filhos que tinha com ela.

Quando tinha de desempenhar funções importantes de ordem cerimonial ou religiosa, o homem retornava à casa da mãe, onde estavam guardados os fetiches sagrados dos seus parentes, passando ali também o tempo de meditação.

Segundo relata Ruth Benedict, os casamentos dos zuñis eram, em geral, harmoniosos e duradouros. Quando uma mulher ficava insatisfeita com o casamento e queria se divorciar do marido, podia, na festa cerimonial seguinte, procurar um homem solteiro. Quando gostava de um homem, perguntava-lhe se queria desposá-la e, geralmente, ele assentia, porque um homem casado tinha mais valor do que aquele que ainda morava com a mãe. Depois de ter ajustado dessa maneira os seus interesses, a mulher reunia os pertences do marido numa trouxa e a colocava na soleira da porta.

O homem rejeitado apanhava a sua trouxa com um grito e retornava à casa da mãe. Os parentes pranteavam com ele, porque, na aldeia, dizia-se que toda a família fora atingida pela infelicidade. Só restava ao homem aguardar ser escolhido por uma outra mulher nas festividades seguintes. [54.]

Vejam agora qual era a situação legal e social das mulheres nas cidades-Estado da Grécia, naquele mundo em que Eurípides ambientou a sua Medeia e que se tornou a norma para a cultura ocidental.

*Gyne*, palavra grega para mulher, significava, de início, “parturiente”. Para as sociedades da Grécia “clássica”, o valor da mulher residia, antes de tudo, no fato de que, sendo a mãe dos filhos do homem, dava continuidade à sua estirpe. Na vida social, a mulher representava um papel subordinado; ela não participava da vida social do homem e de seus amigos, permanecendo nas dependências destinadas às mulheres. Não gozava dos direitos de plena cidadania (sempre vinculada à capacidade de portar armas) e não tinha, politicamente, a menor influência. Com o triunfo dos deuses masculinos, como sacerdotisa, foi banida do culto e seu lugar foi ocupado por um sacerdote; do mesmo modo que fora excluída do culto, foi excluída da cultura. Durante toda a vida, devia ter um tutor (primeiro, o

pai, e, quando este falecia, o parente masculino mais próximo); não podia fazer negócios, aparecer em processos e não tinha bens nem herdava. Seu dote passava a ser propriedade do marido.

Sem autorização do pai ou tutor, ela não podia contrair núpcias; por outro lado, não tinha nenhuma possibilidade de recusar o marido que o pai lhe destinava. Se mantinha relações sexuais antes do casamento, podia contar com severos espancamentos ou com coisa pior. Apenas as filhas dos *metecos* [\[55\]](#) se excetuavam desta regra; por isso, muitos dos filhos dos cidadãos mantinham relações pré-conjugais com elas. Mediante o casamento com um cidadão, a filha dos metecos adquiria uma cidadania restrita. Péricles instituiu uma lei que proibia o casamento entre os cidadãos e os metecos; essas uniões eram consideradas concubinato e os filhos delas nascidos não tinham direito à herança.

Como, devido ao trabalho pesado e aos muitos filhos, as mulheres envelhecessem e morressem mais depressa do que os homens, achava-se que a mulher devia ser mais jovem do que o homem. Em qualquer tempo, era permitido aos homens ter relações sexuais com suas escravas, enquanto que uma mulher que tivesse relação sexual com um escravo era castigada com a morte. Quando um homem queria se divorciar, bastava pronunciar as palavras “eu te repudio” na presença de testemunhas, ao passo que, para a mulher, o divórcio era difícil e trazia má fama. Ela devia ir pessoalmente ao arconte, exigir o divórcio e declarar os motivos. O adultério do homem não valia como motivo para divórcio. Em contrapartida, o adultério da mulher obrigava o homem a repudiá-la, caso contrário, ele perdia os direitos de cidadão. A única proteção que a lei proporcionava à mulher era o direito de se queixar de “maus-tratos”. Em caso de divórcio, os filhos permaneciam, em princípio, com o marido, não

importando o quanto tratara mal a mulher ou fosse culpado pela separação. [56] “Ó triste matrimônio das mulheres, quanto mal já fizeste aos mortais!” [57]

Johann Jacob Bachofen escreveu: “Em toda parte, a agressão aos direitos da mulher é que provoca a sua resistência e arma a sua mão, primeiro para a defesa e, depois, para a vingança sangrenta”. [58]

É de supor-se que Medeia conhecia os seus direitos. Ela não era filha da sociedade sob cujas leis teria de viver e não aceitou seu destino como algo natural. Não estava disposta a dobrar-se e a submeter-se aos “desígnios dos poderosos”. Possuída pela fúria, levantou-se para vibrar um golpe de extermínio, cujo monstruoso efeito ressoa até os nossos dias. Segundo o consenso geral, ela foi levada a cometer esse crime motivada pelo ciúme. Admitindo-se o ciúme como razão para o assassinato de Glauca, poder-se-á aceitar o mesmo motivo para o infanticídio?

Medeia estava num impasse. Só lhe restava escolher entre o exílio e a morte. Estava pronta a chegar a todos os extremos para se vingar daqueles que a haviam ultrajado e restabelecer sua dignidade e autoconsideração. Não fora Medeia uma figura de palco, que, no final, retorna ao mito e revela aos mortais seu poder de deusa do além, mas, em vez disso, uma mulher de carne e osso, ela teria sido executada. E o que aconteceria aos seus filhos, os filhos de uma assassina? Ela preferiu matá-los com as próprias mãos. Seu crime foi tão monstruoso quanto as condições em que vivia.

Desde a Antiguidade as mulheres foram tidas como o sexo ciumento. A descrição da posição legal e social das mulheres, nas cidades-Estado da Grécia, mostra que elas tinham toda a razão para serem ciumentas e invejosas, não das escravas com quem seus homens dormiam, mas do direito de autodeterminação sexual que somente os homens possuíam,

assim como do poder, de liberdade e do direito de dispor de si mesmos e dos privilégios masculinos.

No entender de Ernest Bornemann, o ciúme, considerado historicamente, surge “em todas as sociedades apenas depois que duas linhas bem determinadas de desenvolvimento formam um nó: a ascendência através da sucessão masculina e dos bens hereditários particulares”. [59] Enquanto, no mundo matriarcal, o conceito de virgindade não continha nenhum significado sexual, referindo-se tão somente à independência e liberdade da jovem mulher, na sociedade patriarcal revestiu-se do sentido de castidade pré-conjugal. Exigia-se da mulher a castidade pré-nupcial e a fidelidade matrimonial como garantia de que os filhos, sobretudo os meninos – os herdeiros –, fossem de fato aqueles que o homem havia gerado, medida de segurança de que o direito hereditário materno naturalmente não necessitava.

Para o homem, o “outro” que dormia com a “sua mulher” era um ladrão que atentava contra a sua propriedade. Para a mulher, cuja segurança econômica e social era encontrada unicamente no casamento, o marido devia tornar-se a “propriedade” mais importante, que ela defendia da rapacidade de outras mulheres desejosas de sustento. É muito plausível que uma ordem social fundada na posse e que valoriza a inveja e o ciúme do mais bem-sucedido como energia propulsora, justificável para a “escalada”, se reflita na relação entre os sexos. [60]

No entanto, à mulher do patriarcado jamais era permitido manifestar ciúme. O ciúme feminino era sempre incômodo, porque punha em questão a prerrogativa masculina, a promiscuidade e, fosse ele expresso de maneira velada ou abertamente, era ignorado, repellido, severamente repreendido ou castigado (em geral pelo fato de o homem se divorciar da mulher

ciumenta). Quando, na cena final da tragédia, Jasão acusa Medeia de ter executado a sua terrível vingança por mero ciúme, ela reage perguntando: “Crês que isto seja para uma mulher desgraça de pouca monta?”. Ao que ele retruca: “Para uma mulher sensata, sim; para ti, porém, tudo é ofensa”.

Só as mulheres “imprudentes” fazem cenas. O conselho tradicional para uma mulher “prudente”, até o nosso século, é que reprima o seu ciúme, tolere os “casos” do marido, realce cuidadosamente a sua aparência e seja, acima de tudo, amável. Este conselho implica que a própria mulher será a culpada se o marido a abandonar. As esposas ciumentas (ou as amantes, porque mesmo estas não eram poupadas do sentimento do ciúme) que foram incapazes de cultivar essa “prudência” tornaram-se deploradas ou rejeitadas.

De modo bem diferente – ainda que nem um pouco mais compassivo –, o meio ambiente reagia aos homens ciumentos. Ria-se ou zombava-se deles. O “chifrudo” era sempre uma figura objeto de troça, um perdedor, um fracassado que não dominava a mulher, sendo sempre inferior ao rival. Enquanto no ciúme feminino ocupava o primeiro plano a ameaça da perda do amor, sem esquecer a segurança, no ciúme masculino tratava-se sobretudo da perda da honra; o ciúme dos homens era sinal de falta de masculinidade. Ambos os sexos eram e continuam sendo tocados pelo sofrimento central da alma, que constitui o cerne do ciúme: a dramática queda do sentimento de autovalorização e de respeito a si mesmo.

Sobre o ciúme, diz Freud: “O ciúme faz parte dos estados sentimentais que, do mesmo modo que a tristeza, podem ser considerados normais. Quando ele parece não existir no caráter ou no comportamento de um ser humano, justifica-se a suposição de que ele tenha sido violentamente reprimido e, por isso, desempenha papel ainda maior na vida psíquica

inconsciente... Qualitativamente, pouco se pode dizer sobre o ciúme normal. Percebe-se facilmente que ele se compõe, essencialmente, da tristeza e da dor em relação ao objeto do amor que se crê haver perdido, e da ofensa narcisista, até onde esta é separável dos outros fatores, e, além disso, dos sentimentos de hostilidade contra o rival, que foi preferido, e de uma participação maior ou menor de autocrítica, que pretende responsabilizar o próprio eu pela perda do amor”. [61]

Com a alteração dos papéis dos sexos e das funções sociais do homem e da mulher, que levou, sobretudo nos últimos vinte e cinco anos, a uma mudança de atitude perante o casamento e o companheirismo, e com a liberalização da sexualidade, modificou-se também a maneira de lidar com o ciúme. Questionou-se a duplicidade da moral burguesa, que outorgava ao homem um “instinto mais forte” e, desse modo, uma dose maior de liberdade sexual, e obrigava a mulher a arcar com o papel da pureza. O compromisso de fidelidade permanente foi substituído pela exigência de maior liberdade sexual. Como, porém, as normas e imagens dos valores tradicionais continuam a agir ainda por muito tempo no inconsciente humano, mesmo quando contradizem as opiniões conscientes, a “revolução sexual” não gerou uma genuína libertação, nenhuma nova possibilidade de comunicação entre os sexos, mas apenas o agravamento da situação. O correto reconhecimento de que o ciúme está profundamente enraizado nas estruturas de poder e posse da nossa cultura degenerou numa fórmula muito simplista que deu origem a uma nova norma de atitude: o ciúme passou a ser encarado como “ideia burguesa de posse” e, assim, nem sequer era apresentável. Um sentimento forte não só devia ser reprimido, mas inteiramente negado, caso não se quisesse passar por um reacionário sem esperança. Perdeu-se a oportunidade de um amor

realmente “livre” entre os sexos. Enquanto para as mulheres, educadas para o papel da pureza, continuava a ser difícil confessar a si mesmas um desejo físico que não fosse “enobrecido” pelo amor, mais facilmente os homens podiam tirar proveito da prerrogativa tradicional de promiscuidade, sem, no entanto, como noutros tempos, terem que assumir a responsabilidade moral e/ou financeira pelas consequências.

O sentimento masculino do ciúme e a relação masculina com o ciúme passaram a constituir a norma para ambos os sexos: ciúme significa perda de prestígio, sendo preciso, sobretudo, evitar a causa do ciúme, ou seja, não se envolver demasiado. A afirmação que desde então se ouve com frequência – “não sou ciumento” – fortalece a sua própria normalidade emocional e sexual. A censura muitas vezes manifestada, não só por homens mas também por mulheres – “você *apenas* está com ciúme” –, coloca o parceiro no devido lugar e significa que ele deve se envergonhar do seu sentimento.

Durante muitos séculos, as mulheres foram educadas para não se dedicarem a si mesmas e aos seus próprios interesses, mas aos outros, interessando-se por eles e atendendo às suas necessidades. Esta carência de “dedicação a si mesma” resulta em perturbações no desenvolvimento da autonomia e à crônica ausência do sentimento de autovalorização. Por isso, graças à dinâmica fundamental do conflito do ciúme e à queda rápida e drástica do respeito por si mesmas, as mulheres são particularmente sujeitas a esse perigo.

Pioramos a nossa situação quando negamos e reprimimos nossos sentimentos de ciúme, porque este, tanto quanto a agressão, é, antes de tudo, um sentimento de proteção, um sinal de alerta que toca repentinamente e assinala que algo não está mais em ordem já há algum

tempo, não só no relacionamento, mas também na imagem que se tem de si mesmo. O ciúme tem uma dimensão e uma função de reconhecimento: com a ajuda dele, posso constatar quais mudanças em mim mesma, no meu parceiro e na nossa relação me escaparam por eu não querer admiti-las.

Diz-se com frequência que não existe nenhuma erva, nenhum remédio que cure o ciúme, e que só resta curti-lo. Contudo, talvez o futuro apresente um remédio: novas imagens-guias para os sentidos de “feminilidade” e “masculinidade”.

## Desaparece uma deusa

Hesíodo apresenta-nos a deusa Hécate (de cuja figura triádica faziam parte Circe e Medeia) ainda como uma deusa universal benéfica, altamente estimada e que desfruta de grande veneração. Seu culto se difundiu sobretudo na Ásia Menor e abrangia ritos de iniciação e mistérios de que participavam, entre outros, pessoas a serem curadas de doenças. A “hecatésia”, os mistérios de Hécate, fundiu-se mais tarde com o culto eleusino de Deméter, cuja importância na Antiguidade está amplamente documentada. [\[62\]](#)

Na Grécia helênica, a figura de Hécate (e, a seu lado, a de Medeia) perdeu o caráter luminoso e maternal, bondoso. Embora impusesse respeito, ela surgia como a deusa lúgubre e sombria da noite e da morte, que era invocada para fins mágicos, a quem se precisam sacrifícios à meia-noite em locais onde se cruzavam três caminhos. Imaginava-se que a deusa tivesse três cabeças ou três corpos de transformação, fantasia a que se reduzira a ideia original da trindade da deusa da Lua.

Apolônio de Rodes descreve uma cerimônia de sacrifício dedicado a Hécate: Jasão a executara, segundo as indicações de Medeia, a fim de obter a proteção de Hécate Brimo – a Hécate irada – para a luta com os touros fogosos e com os “homens semeados”. À meia-noite, ele tomou um banho ritual, cobriu-se com uma veste escura, fez uma cova numa floresta de carvalhos e, ao lado dela, armou uma pilha de lenha. Imolou uma ovelha, fez o seu sangue correr para a cova, ateou fogo à lenha e sobre ela colocou a ovelha sacrificada. Em seguida, despejou um cálice de mel à guisa de oferenda de bebida, invocando a deusa e pedindo-lhe proteção. Medeia lhe recomendara que, depois disso, ele deveria afastar-se da fogueira e não olhar para trás, ao ouvir ruídos de passos ou latidos de cães.

O poeta pinta o aparecimento da deusa como um evento imponente e de sombria beleza: a terra treme sob os seus passos, o brilho de inúmeras tochas ilumina a noite, serpentes se enroscam nos ramos dos carvalhos, cães uivam e latem.

A religião olímpica de Zeus não conseguiu extinguir totalmente a dignidade e majestade de Hécate. Dizem que o próprio Zeus a temia e não ousou tirar-lhe o poder de realizar os desejos dos mortais. Como deusa, ela conservou uma posição especial, mas não encontrou um lugar na família dos deuses do Olimpo.

O sistema olímpico surgiu inicialmente como um compromisso entre os conceitos religiosos dos povos do antigo Mediterrâneo e os helenos. [\[63\]](#) As divindades masculinas do tempo, do trovão e do fogo, dos helenos, passaram a ser “irmãos” das deusas, nos lugares onde se integraram na cultura do antigo Mediterrâneo.

Com a consolidação do patriarcado, os deuses masculinos ganharam também poder no Olimpo. Só então Hera perseguiu Zeus com seu ciúme,

passou a haver inveja das deusas entre si e entre as mulheres mortais. Só então a relação entre os sexos – também nos mitos – foi moldada pela inimizade.

Embora as deusas olímpicas – então declaradas ou como “esposas” ou como “virgens” – tivessem conservado parte da sua universalidade original, perderam, ao contrário de Hécate, o aspecto de morte e de inferno. Um deus masculino – Hades – passou a imperar no reino dos mortos.

Por que era justamente a deusa sob a forma da mulher velha – a “mãe” da tríade, representando o ciclo cósmico do vir a ser e do perecer – aquela que fora mais vigorosamente reprimida e, mais tarde, totalmente suplantada? Em primeiro lugar, porque na velha deusa – senhora da vida e da morte – o aspecto do poder feminino teve a sua mais acentuada manifestação; fazia parte da esfera dessa deusa a totalidade do conhecimento sagrado, e o poder terreno – e também político – das suas sacerdotisas baseava-se, em larga escala, na poderosa influência religiosa dos cultos.

As histórias da expulsão de Medeia de Corinto, de Tebas e de Atenas mostram que o culto da Grande Deusa foi reprimido e os meios como isso aconteceu. As etapas da sua viagem para o exílio revelam onde o seu culto ainda se mantinha no período helênico: na Tessália (que, em toda a Antiguidade, foi considerada o país “clássico” das bruxas), nas colônias gregas do extremo sul da Itália, na Ásia Menor e no litoral do mar Negro, onde ainda viviam tribos matriarcais, fiéis ao antigo sistema religioso.

Medeia desaparece levada pelo seu carro de serpentes e é oculta aos olhos dos mortais por uma nuvem. O retorno de Medeia à “ilha dos bem-aventurados”, que as antigas tradições relatam, a volta ao reino da aurora – sua origem –, onde habitam os heróis depois da sua apoteose – é

igualmente como que um desaparecimento. A velha deusa retirou-se para a escuridão; o país paradisíaco do além, esfera da sua filha, a deusa-moça, não é agora mais um mito ligado a uma realidade cultural ou psíquica, mas mera imaginação romântica.

A queda de Hécate, a realizadora de desejos, o escurecimento da Circe transformadora e o desaparecimento da Medeia conselheira expressam o fato de que os conteúdos e imagens dos valores encarnados originalmente pela tríade e o caminhar consciente pelo ciclo de vida, morte e renascimento não podiam mais ser integrados na consciência. As imagens dos valores, válidas a partir de então, são cunhadas pelo mundo dos deuses-pais. A imagem universal da deusa dividiu-se na imagem da “boa mãe” e na da “mãe devoradora”.

No decorrer do desenvolvimento das religiões monoteístas patriarcais, o aspecto feminino na imagem da divindade passou cada vez mais para o segundo plano. Já dividida, a deusa foi cortada mais uma vez ao meio. Sua maravilhosa força sensorial e sua criatividade primitiva, que tornara possível a criação, confundiu-se com a figura de Eva (outrora a deusa das serpentes) e passou a ser o “pecado original”. [64] O que restou foi uma “dama sem o baixo-ventre”, a imagem da Madona, que nada mais continha a não ser a virgindade, a castidade e a maternidade sem sexo, para servir de imagem-guia da feminilidade positiva.

Quando, mais tarde, com o desenvolvimento do pensamento científico, da teoria da evolução, da pesquisa da natureza, e com o conhecimento crescente, se desvaneceu a ideia de um deus que criara o mundo e se preocupava com cada uma das suas criaturas, a cultura ocidental, em sua totalidade, perdeu a segurança psíquica. A “perda de Deus” passou a ser fator decisivo na crise de consciência da era moderna. Na tradição do

Iluminismo, essa “perda” podia ser parcialmente compensada pela fé na razão, que está à disposição do ser humano e pode salvá-lo da ruína espiritual e psíquica. Que aconteceu, no entanto, com as mulheres, a quem se concedia, também no reino da razão, apenas uma “cidadania restrita”?

Só agora as teólogas feministas levantam a pergunta quanto aos efeitos do desaparecimento da deusa sobre a “outra metade da humanidade”. Com a Grande Deusa e a sua figura triádica de jovem independente, de mãe madura e fecunda e de velha sábia, as mulheres tinham com que se identificar ao longo das suas vidas e, em cada fase, tinham como extrair um sentido para a sua existência. [65] Visto que apenas um único fragmento da feminilidade – a virgindade, a castidade e a maternidade – tinha valor como modelo positivo de identificação, as próprias mulheres também começaram a julgar a ira, a agressão, a imposição e o esforço em prol da autonomia como um “mal” impróprio à mulher, e a sensualidade, o gozo e a capacidade amadurecida de relacionamento amoroso com “fraqueza” e “pecado”. Em tudo o que se referisse à razão, ao conhecimento e à sabedoria, elas deviam renunciar a uma identidade própria ou tomar emprestada uma identidade “estranha”, de cunho masculino. A identidade feminina tornou-se friável; a autodesvalorização passou a ser uma doença feminina de contágio epidêmico. Não obstante, as mulheres da Nova Era talvez tenham passado melhor do que os homens pela generalizada “perda de Deus”: já fazia muito tempo que elas haviam perdido a confiança na deusa e já estavam, até certo ponto, acostumadas a viver na solidão religiosa e não precisavam, por essa razão, reagir ao desaconchego com a mesma dose de cinismo e destrutividade dos homens.

A divisão da Grande Deusa em “mãe boa” – que se integrara ao sistema de valores e à consciência da cultura patriarcal – e em “mãe devoradora” –

que foi reprimida e mergulhou no inconsciente – é vista por Erich Neumann ainda sob outro aspecto. Esse autor a relaciona com a evolução da consciência no curso da história humana, que ele não considera um curso linear e histórico, mas um evento tipicamente universal, apresentando as mesmas normas tanto para os indivíduos como para as culturas.

Segundo a sua concepção, o conteúdo bivalente que abrange opostos, representado pela Grande Deusa, impossibilitava uma orientação da consciência. A esse conteúdo corresponde, na personalidade, o estado de ambivalência: o simultâneo ser atraído e ser repellido, que provoca uma fascinação e a incapacidade de tomar decisões.

“A consciência retorna sempre outra vez a esse conteúdo ou à pessoa que lhe corresponde ou é portadora da sua projeção e não consegue separar-se dele. Reações sempre novas são provocadas, a consciência não compreende mais nada e surgem as reações emocionais. Desse modo, cada conteúdo bivalente que simultaneamente atrai e repele causa a totalidade e provoca reações emocionais porque a consciência se nega, regride, e é substituída por mecanismos primitivos. Mas as reações emocionais que resultam do encantamento são perigosas, pois correspondem a uma inundação da consciência pelo inconsciente.” [\[66\]](#)

No caminho do herói masculino, que, primeiro como rei sagrado e “heros”, está a serviço da Grande Mãe e, pelo sacrifício da vida se funde com ela, e que, na fase seguinte, mata a monstruosa serpente (o aspecto devorador da mãe), liberta-se do domínio da Grande Deusa e se converte em seu “inimigo”, Neumann vê a paulatina emancipação da consciência do ser animalesco-inconsciente, em que todas as reações, de maneira indiferenciada, são unidas umas às outras.

No nível “pré-lógico” do desenvolvimento da consciência, as percepções e reações somáticas, emocionais e mentais formam uma totalidade indiferenciada. No nível “mágico” ou mítico, a consciência se orienta pelas estruturas polares; contudo, o eu germinal, que começa a se separar da psique grupal, recai facilmente no ciclo de reações indiferenciadas-integrais. Os símbolos com que opera o “pensamento mítico” constituem a condição básica para o desenvolvimento do pensamento abstrato, que distingue as reações somáticas, emocionais e mentais, separa o racional do irracional e concebe o mundo e seus fenômenos em categorias ordenadas. Nesse processo, cristaliza-se o indivíduo, que, mediante a consciência e força de vontade, é capaz de se libertar da determinação total dos impulsos instintivos.

Essa teoria do desenvolvimento consubstancia, ao mesmo tempo, a apresentação do processo civilizatório, caracterizado pelo controle progressivo das emoções; das suas consequências negativas fazem parte a separação da consciência corporal, das emoções e dos processos inconscientes da consciência do eu racional.

Os mitos e os símbolos podem representar uma valiosa ajuda, quando se trata de trazer processos inconscientes para a esfera da consciência, quando se trata de integrá-los à personalidade e de restabelecer assim a totalidade em novo nível.

Faz parte das leis fundamentais referentes à estrutura da consciência, segundo Neumann, a correlação da luz, do dia e da consciência com o aspecto masculino, e a correlação da escuridão, da noite e do inconsciente com o aspecto feminino, independentemente do sexo daquele que faz essa associação. “A consciência de si como tal tem caráter masculino também na

mulher, do mesmo modo que o inconsciente tem caráter feminino no homem.” [67]

Erich Neumann, que no seu livro *A Grande Mãe* apresentou as complexas conexões do desenvolvimento das religiões matriarcais, não pode, de modo algum, ser acusado de misoginia. Contudo, sua identificação do desenvolvimento da consciência com o caminho do herói masculino e da consciência de si com o aspecto masculino revela a atuação da preconceituosa estrutura patriarcal. Segundo mostram os mitos, a luz, o dia, o espírito, a criatividade, o gênio inventivo e a energia também eram, originariamente, identificados com a deusa. A Lua que brilha no céu noturno ou a tocha que clareia a escuridão da noite também são símbolos da sabedoria e do conhecimento que podem, sem dúvida, aparecer em mais do que uma única forma. Metanira lutava contra a eterna dependência infantil da consciência humana em relação ao aspecto ctônico-materno, ao perturbar Deméter no ritual da “criança no fogo”. Igualmente Medeia, que instituiu um rito de consagração à guisa de expiação pelas crianças sacrificadas, já se havia libertado do círculo mágico da consciência indiferenciada-integral.

Se na nossa cultura, ao que parece, a consciência também tem um caráter masculino, na mulher, isso pode ser atribuído à distribuição social dos papéis dos sexos e às condições de poder e dependência entre os sexos que foram transmitidas durante séculos. É totalmente ocioso pretender dividir capacidades mentais e psíquicas altamente desenvolvidas, como o intelecto, a compreensão, a criatividade, a intuição e a empatia, em categorias sexuais; elas são simultaneamente femininas e masculinas; são humanas.

O fato de que, dependendo das correlações específicas da vida que condicionam os sexos, essas qualidades possam se manifestar de formas diferentes é outra questão. Se cada sistema, tanto o “matriarcal” como o “patriarcal”, atribui o conhecimento, a sabedoria, a criatividade e o espírito ao respectivo sexo dominante, isso apenas comprova que nenhum dos dois sistemas se desenvolveu até a plena humanidade e que é necessário transcendê-los. Se atualmente as mulheres estão reabilitando a Grande Deusa, trata-se, antes de tudo, de recuperar os valores, atitudes e conteúdos que o patriarcado, com seu caráter unilateral, negligenciou e perdeu, e que são necessários à sobrevivência de todos nós.

Há outro preconceito universalmente difundido na nossa sociedade, a saber, que a cultura cristã ocidental e o desenvolvimento espiritual a ela associado seriam no seu todo superiores a outras culturas e ao seu pensamento, acima de tudo às chamadas culturas primitivas. Estabelecer as características que fazem uma cultura parecer “primitiva” ou “cultura” depende inteiramente da perspectiva do observador e dos valores centrais que o orientam. Para um observador cujos valores centrais sejam a vida, o equilíbrio, o crescimento orgânico no seio da natureza e da cultura e a responsabilidade para com a criação, nossa civilização superarmada, agressiva, exploradora e orientada pela concorrência, deve lhe parecer extremamente primitiva, a despeito da sua extraordinária tecnologia. Quanto à atitude em face da natureza, da vida, da velhice e da morte, e à utilização dos recursos naturais, as culturas dos “selvagens” – dos índios e dos povos árticos, assim como das decadentes culturas matriarcais – afiguram-se, ao contrário, extremamente cultas.

A expulsão para as trevas e para o inconsciente da antiga deusa do vir a ser e do perecer trouxe à nossa cultura mais prejuízos do que proveito: de

forma francamente histérica, estamos fixados na juventude; em torno do esforço de evitar e de ocultar os sinais da aproximação da velhice formaram-se verdadeiras indústrias. Pessoas maduras, acima de tudo mulheres, não são mais consideradas atraentes, e as pessoas idosas são marginalizadas na sociedade. Não sabemos mais lidar com a morte. Ao lado da sexualidade, que, entretanto, já deixou de ser um tabu, a morte é o maior tabu da nossa cultura. Ela está sendo encoberta, posta de lado, disfarçada e deslocada para o mais longe possível da nossa vida diária. A ideia da morte provoca calafrios e depressão; evitamos o contato com doentes incuráveis e com moribundos. A medicina prolonga a vida, mesmo quando isso só traz sofrimentos adicionais para o enfermo, privando-o da possibilidade de reconhecer que precisa partir e despedir-se, com a consciência lúcida, do mundo.

Em contrapartida, cultua-se a violência e a destrutividade, as imagens da guerra e as notícias sobre catástrofes divulgadas pelos veículos de comunicação, os filmes onde cadáveres se amontam e o sangue jorra como rios, contribuem para nos distrair. Enquanto negamos, na realidade, a morte, é como se tivéssemos de nos defrontar com ela permanentemente, de modo simbólico, no sentido de “força que impele à repetição”, de que Freud fala ao tratar da repressão; o reprimido é posto, constantemente, de maneira simbólica, para fora e justamente o essencial não pode ser lembrado como realidade. [\[68\]](#)

É provável que os adoradores da Hécate tricéfala tivessem muito mais claramente o essencial diante dos olhos do que nós atualmente: que a morte está na vida e que todos nós a temos dentro de nós, por um lado, porque somos mortais e um dia entraremos na reciclagem do ser e, por outro, porque somos capazes de matar e de destruir.

Que a mulher, suave e pacífica, também disponha do amedrontador potencial de agressão e violência foi e ainda é totalmente inadmissível numa cultura dominada pela consciência masculina. Por isso, a ira manifestada publicamente pelas mulheres, ou também a sua vontade agressiva de se impor sempre foram rejeitadas como “monstruosas”, “desnaturadas” e “impróprias da mulher”. Esse tabu social atua até mesmo nas mulheres e de forma perigosa; as mulheres, numa medida maior do que os homens, tendem a dirigir sua agressão oprimida e reprimida de modo destrutivo contra elas mesmas; as consequências disso são graves depressões e o perigo do suicídio.

Nos anos cinquenta, no período da “guerra fria”, surgiu toda uma série de filmes banais de ficção científica que até hoje gozam de grande popularidade. Todos seguiam o modelo de um filme japonês realizado por volta de 1950 (e que representa, de certo modo, o mito que lhes deu origem): devido a abalos atômicos, numa fossa oceânica, um monstro pré-histórico desperta: um dragão marinho, do tipo sáurio, de dimensões enormes. Ele sobe à terra, arrasa arranha-céus com os golpes das suas garras, tira dos trilhos os trens, esmigalha postes de alta tensão, provoca um caos de morte e destruição e depois torna a desaparecer no mar. O filme gira em torno das tentativas para combater e exterminar o monstro, que sai repetidas vezes da água e ataca a civilização; finalmente, mediante o emprego cada vez maior de armas destrutivas, se consegue vencê-lo. Na luta contra o pré-histórico dragão marinho – que recebeu mais tarde o nome de “Godzilla” – está refletido o medo do extermínio atômico e o “equilíbrio do terror” que, desde a Segunda Guerra Mundial, passou a ser a característica típica das estratégias políticas de toda a nossa cultura planetária. A história contém, no entanto, um “remanescente mítico”, do

qual é provável que nem os próprios produtores do filme estivessem conscientes: na figura do dragão marinho, torna a se levantar o monstro serpentino, o aspecto mortal da Hécate tricéfala, que, numa permanente guerra preventiva, é sempre compelida novamente a voltar ao inconsciente.

Quando Medeia, sob a forma “patriarcal”, torna a reaparecer no palco, provoca um caos de morte e destruição e, no fim, desaparece em seu carro puxado por serpentes; há nisso (como que minando a apresentação crítica da situação da mulher destituída de direitos), de maneira muito menos evidente e banal, um “falso mito”, ou seja, um clichê cultural cunhado pelo medo reprimido do aspecto feminino sombrio sobre o qual a cultura patriarcal havia projetado a morte.

O budismo tibetano, cujo mundo pictórico e simbólico ainda está fortemente impregnado pela religião ctônica, conhece outra maneira de lidar com os demônios da destruição e da morte. O homem que encontra (espiritualmente) as divindades iradas e sanguinárias – que se apresentam com três cabeças envoltas em serpentes negras e uma guirlanda de crânios ao redor do pescoço – é aconselhado a não fugir de pânico e susto da aparição: “Não a temas. Não te deixes intimidar. Sabe que isso é a personificação do teu próprio espírito. Sendo a tua divindade protetora, não te deixes assustar.” [69] É que as divindades iradas e bebedoras de sangue são apenas o oposto das divindades riosas da sabedoria e da bondade. “Quando se meditou sobre as descrições dessas divindades bebedoras de sangue, enquanto se estava no mundo humano, e se empreendeu algo para a sua adoração e louvor ou, pelo menos, se olhou para as suas imagens pintadas e para as suas estátuas, conseguiu-se... o reconhecimento e a libertação. Nisso reside a arte.” [70]

A arte – deixamos isto bem claro – está em não fechar os olhos diante dos ciclos da vida e da morte. Esta sabedoria – que se pode relacionar tanto com os indivíduos como com as sociedades, e que as religiões matriarcais já possuíam, de tal modo que a encontramos na raiz da nossa própria cultura – deveria ser libertada do degredo: não seremos dominados pelo horror, pânico e susto, à ideia da nossa própria morte, se a entendermos como uma mudança necessária. Correremos menos perigo de prejudicar ou destruir, numa alteração, a vida dos outros se nos defrontarmos com o potencial de agressão, violência e destrutividade inerente em nós, porque assim não precisaremos projetá-lo nos outros. E, finalmente – e isto vale hoje sobretudo para as mulheres –, teremos de volta uma deusa protetora, se ousarmos encarar de olhos abertos a nossa raiva, a nossa ira e os nossos desejos de vingança, vendo neles a imagem polar da nossa força, da nossa energia vital e da nossa criatividade. Desse modo, poderemos nos livrar do risco de nos prejudicarmos, de destruir a nossa própria vida e de perder a nossa identidade.

As mulheres nem sempre foram oprimidas da mesma maneira em todos os períodos da História. Seu *status* se alterava de acordo com as mudanças políticas, econômicas e sociais que as sociedades europeias sofreram desde a Antiguidade. Na antiga sociedade romana (que, sob muitos aspectos, assemelhava-se muito mais à nossa moderna sociedade massificada do que, por exemplo, às sociedades da Idade Média), tornou-se possível uma relativa emancipação da mulher que, como *mater familias* e senhora da casa, ocupava uma posição de honra, tinha acesso à cultura e administrava pessoalmente seus bens, caso os tivesse. Mesmo na Idade Média, que, quanto à autodeterminação da mulher, deve ser de pleno direito taxada de “trevosa”, as mulheres se organizavam em corporações próprias e

coordenavam as suas congregações, como, por exemplo, as beguinhas. Com o começo do Iluminismo, no século XVII, houve outra vez mais liberdade para as mulheres e o direito de dispor de si mesmas. Significativamente, ressurgiu também nessa época o tema de Medeia, com Corneille. [\[71\]](#) No século XVIII, era da emancipação burguesa, as mulheres eram muito mais livres do que no século XIX. É verdade que a possibilidade de elas terem uma vida mais autodeterminada estava relacionada com a sua filiação à respectiva classe (superior ou média) normativa.

Contudo, a mudança do *status* social das mulheres jamais resultou num equilíbrio social completo entre os sexos; elas permaneceram, ora de modo mais evidente, ora menos, numa posição secundária. Isso se revela, entre outras coisas, no fato de seus trabalhos culturais serem sempre menos considerados do que os dos homens e não terem entrado nos “anais da história”, mas caído no esquecimento.

# Terceira Parte

## O ESPELHO ESCURO

### Paixão como fatalidade

*... a deusa das mais aceradas flechas,  
Cipride, [72] trouxe do Olimpo para os homens  
O pássaro simbólico de asas matizadas  
Que faz enlouquecer de amor,  
E, prendendo-o aos quatro raios da roda,  
Ensinou a Jasão um canto mágico.  
Que de amor transportará Medeia;  
e porá fim ao respeito filial.  
E à saudade da Grécia [73]  
Logo ao herói que adora, Medeia anuncia  
O plano falacioso de Aetes, contra ele,  
E, misturando aos vegetais que sua arte fez nascer  
um óleo dourado, o tesouro precioso  
livra Jasão das dores como poderoso antídoto.*

.....

*E os corações sensíveis juraram se unir, felizes.* [74]

A história da feiticeira da Cólquida e do herói lendário dos argonautas – que, ao ser transmitida posteriormente, foi reduzida a uma história de amor de final trágico – retrata o relacionamento dos sexos numa cultura dominada pela consciência masculina.

O relacionamento de Medeia com Jasão não corresponde à imagem típica do matrimônio patriarcal, no qual o homem manda e a mulher serve; em muitos sentidos, assemelha-se muito mais ao relacionamento de um casal moderno que inicia o caminho para um futuro comum numa situação de igualdade. A jovem Medeia que Jasão encontra na Cólquida não é um ser inseguro e desamparado, mas, usando termos atuais, uma mulher inteligente e consciente de si, conhecedora das suas capacidades e cônica do seu valor. Jasão, o navegador e aventureiro, líder dos argonautas, é dotado de todas as qualidades que formam um “jovem herói” – iniciativa, coragem, curiosidade, vivacidade, consciência de si e espírito empreendedor –, mas tem necessidade de Medeia, que ratifica suas qualidades de herói, dá-lhe apoio e “magicamente” o ativa. De início, ele precisa mais dela do que ela dele.

Na lenda, o equilíbrio entre necessitar e ser necessário restabelece-se através de um feitiço de amor dirigido contra Medeia pelo pássaro esticado sobre a roda e pelas flechas de Eros: Medeia é subjugada pelo fascínio da paixão. O modo como esta age nela é descrito assim por Ovídio:

*... e ela contempla! Como se só agora o visse, ela mantém os olhos presos ao seu rosto; não é capaz de desprendê-los, porque crê estar*

*vendo o rosto de um deus, a louca! Quando o forasteiro começa a falar, tomando-lhe a destra, pedindo-lhe humilde a ajuda e prometendo-lhe matrimônio, as lágrimas brotam-lhe nos olhos.*

*“O que estou começando eu o sei”, diz ela, “conheço-o bem, mas o amor me seduz. O meu dom vai te salvar;*

*Quando isso acontecer, cumpre a tua promessa!”*

*E ele jura à deusa de três corpos por tudo o que é sagrado. [75]*

Eurípides observa que Medeia teria tido “o coração perturbado por amor a Jasão”, Ovídio fala de “loucura”. Apolônio de Rodes conta que o titã da noite (a Lua) subia ao céu justamente na hora em que Medeia deixou secretamente o palácio para contar a Jasão os planos de seu pai. A velha deusa da Lua (que era, originariamente, a mãe de Medeia) olhou do alto para a enamorada, refletiu sobre o seu próprio amor baldado pelo belo Endimião, que dorme numa caverna sem jamais acordar, e disse:

*... agora tu mesma estás plena de uma paixão que se assemelha à demência, e algum deus das dificuldades te ofereceu Jasão para ser teu desgosto e sofrimento. Vai, pois, e revigora o teu coração – por mais sábia que possas ser – para carregar, com muitos suspiros, o fardo da dor. [76]*

As palavras da deusa da Lua, que ela diz meio para si mesma, meio para Medeia, contêm uma clara advertência; nelas ressoa, no entanto, também uma satisfação, quase que vingativa, de que agora a jovem feiticeira consciente de si irá sofrer o destino que, evidentemente, está reservado a todas as mulheres: viver na esperança de um amor que jamais se realizará.

Jasão fica encantado com a beleza de Medeia e com a sua irradiação, sendo fascinado pelos seus “poderes mágicos”; mas, para descrever a sua paixão, não se recorre a metáforas de perda de controle e de equilíbrio; Medeia não aparece para ele como um perigo, mas, ao contrário, como um complemento necessário aos seus planos e objetivos. Por que a paixão de Medeia é apresentada como uma inevitável fatalidade, associada de antemão ao pressentimento da dor e dos sofrimentos, das frustrações e das perdas? Em nível literário, trata-se naturalmente de um artifício, que serve para introduzir Medeia como uma figura trágica. Essa apresentação desequilibrada, no entanto, reflete igualmente uma estrutura de pensamento que nos é familiar até hoje: a definição da esfera dos sentimentos é “feminina”, enquanto a esfera da razão é “masculina”. A concepção diferenciada da paixão de Medeia e da paixão de Jasão corresponde a uma convenção cultural válida até os nossos dias: das mulheres imagina-se – e se espera – que se derretam de amor, percam a cabeça e não tenham mais controle sobre si mesmas e sobre suas decisões; mas, para os homens, dá-se o contrário; eles não devem se derreter por amor, se não quiserem passar por “afeminados”; deles espera-se que, apesar de toda a paixão, continuem a ser senhores das próprias decisões e não ajam contra a “razão” “apenas” por estarem enamorados!

Faz parte também das tradicionais ideias de valor, que moldaram durante séculos a nossa imagem da “feminilidade”, que o vínculo amoroso permanente com um parceiro seja, para a mulher, o centro da sua existência e a razão de ser da sua vida, e que, ao contrário, tenha para o homem um lugar de menor importância do que seus objetivos externos (profissionais e de carreira). Ainda que não aceitemos atualmente com naturalidade esses padrões de valor, nossas atitudes, no entanto, em face

do amor e da parceria, estão, consciente ou inconscientemente, impregnadas, de maneira profunda, por elas. Do ponto de vista psicológico, as tradições são modelos de identificação, transmitidos por muitas gerações e compostos principalmente de processos psíquicos inconscientes. [77] Como, além disso, as normas tradicionais dos papéis passaram, na nossa sociedade, como se fossem “propriedades naturais” dos sexos, é extremamente difícil determinar quais as novas reações e maneiras de ser que são realmente autênticas.

Muitas mulheres experimentam efetivamente a paixão como um encantamento supremo de que não conseguem se eximir, um estado de confusão em que estão mesclados esperanças, expectativas de felicidade e medos profundos. Frequentemente as mulheres estão de fato tão ocupadas com suas histórias de amor, tão dependentes das relações amorosas que, mesmo quando estas não são satisfatórias, permanecem muitas vezes durante anos ou fases inteiras da sua vida no cerne da sua existência, absorvendo a maior parte das suas energias. Na parceria, as mulheres são com frequência mais inseguras e perturbáveis do que os homens, sendo a sua vida muito mais prejudicada quando a relação se rompe ou quando não se realiza o sonho de uma vida em comum. Desse modo, a paixão pode tornar-se, de fato, uma fatalidade.

Em que se baseia essa disposição feminina para dar tanto valor às relações amorosas?

O psicanalista Fritz Riemann fala das exigências e dificuldades fundamentais do desenvolvimento da personalidade, que atingem da mesma maneira ambos os sexos: o caminho para a maturidade exige, de um lado, grande dose de “retorno a si mesmo”, de ocupação consigo mesmo, que serve para esclarecer as próprias necessidades, atitudes e padrões de

valor, levando assim o homem a desenvolver um eu estável e a tornar-se uma pessoa verdadeira. Por outro lado, porém, necessitamos também do outro para podermos nos delimitar; a individuação só se pode realizar em contato com outros seres humanos e também faz parte da maturidade a capacidade de “voltar-se para os outros”, de desenvolver a compreensão e a sensibilidade intuitiva, de abrir-se para o mundo e para os outros e de se relacionar e dedicar.

Visto que essas exigências fundamentais são polarmente opostas entre si, elas causam tensões e conflitos, estando acopladas a medos específicos: quando, na experiência, o impulso de “voltar-se para si mesmo” e a necessidade de delimitar o próprio eu ocupam o primeiro plano, surge o medo de se entregar, que é vivido como uma perda do eu ou como uma dependência. Quando a necessidade de contato e a exigência de abertura para o outro prevalece, surge o medo em face da autorrealização, manifestado como um sentimento de desaconchego, de solidão e isolamento. [\[78\]](#)

As tendências e medos desenvolvidos em especial por um ser humano dependem muito das impressões recebidas na infância, do clima educativo da casa dos pais, da realização ou não das necessidades básicas de calor, proximidade, aconchego e segurança, e da relação dos pais um com o outro. Mas, independentemente das diferenças individuais de educação, o desenvolvimento da menina – pelo menos entre 4 e 6 anos, que é a fase de autonomia – ocorre de maneira diferente da evolução do menino. Para a primeira, que, já devido ao sexo, tem-se como idêntica à mãe, é muito mais difícil do que para o menino desfazer-se da simbiose com aquela; a menina se mantém muito mais dependente da confirmação da mãe, enquanto os passos necessários para a separação são acompanhados de um medo maior

de perder o amor. Este medo poderia ser reparado na educação; contudo, na maioria das famílias, o pai não está bastante próximo da criança para que esta possa esperar também dele o natural atendimento das suas necessidades, encontrando nele a indispensável segurança, quando ela “se afasta” da mãe.

“Além disso, sem verificar, a nossa sociedade tende a ver a dependência da menina e sua extrema necessidade de amor e aceitação como algo natural e a assumir a atitude compatível.” [79] Não se encoraja a menina – como se faz com o menino – a descobrir o mundo com a sua curiosidade e a conquistar, pelo interesse por outras coisas, uma relativa distância da esfera relacional; ela, porém, é educada para permanecer dentro da esfera dos relacionamentos, para interessar-se sempre pelas necessidades do meio ambiente, e angariar amor e confirmação e, ao mesmo tempo, não esperar uma satisfação constante e completa das próprias necessidades.

No escritório de um amigo corretor de imóveis muito ocupado, tive a oportunidade de observar como essas normas de educação são impostas também no dia a dia dos casais modernos. A esposa e a filha de cinco anos desse amigo, depois de visitar o jardim zoológico, deram espontaneamente uma passada pelo escritório. A menina não cabia em si de vontade de contar ao pai suas observações e aventuras. O pai, sob a pressão de ter de atender ao próximo encontro marcado, consolou-a, dizendo que esperasse pela noite. Enquanto corria em direção à porta, voltou-se mais uma vez para a menina e disse: “Você faz hoje à noite um pudim para mim?” Ele, por certo, tencionava conscientemente mostrar-lhe que, apesar da pressa, a levava a sério. Muito séria, ela fez que sim com a cabeça, foi para junto da mãe e tomou-lhe a mão.

Como as meninas precisam se esforçar constantemente em busca de contato e aproximação – sobretudo em busca da preciosa atenção do pai –, passando a dedicação a ser uma prenda oferecida em troca do próprio “empenho emocional”, e como são preparadas para realizar os desejos de aconchego dos outros, a sua própria necessidade de segurança emocional se converte paulatinamente num “sentimento proibido”. [80] Muitas mães julgam igualmente ser “mais natural” que os filhos – como os pais – se afastem do lar e se dediquem aos próprios interesses, e aceitam como algo normal eles serem cuidados por alguém e se interessarem menos pelo meio ambiente familiar, ao passo que as filhas deveriam sempre estar à mão e ser o melhor espelho para o empenho emocional da mãe. [81]

Desse modo, uma educação que aceita os papéis específicos dos sexos determinados pela tradição, como se tivessem sido criados pela natureza, canaliza o desenvolvimento da personalidade e os medos ligados às etapas do amadurecimento, nos homens e nas mulheres, em direções predefinidas; reproduz os estereótipos culturais do homem rico de iniciativa, mas pobre de sentimentos, e da mulher, capacitada do ponto de vista da relação, mas perturbada na sua autovalorização. Naturalmente, nem todos os homens e mulheres se classificam neste quadro, e os tipos, na realidade, raramente são inequívocos. Contudo, todas as mulheres são atingidas, numa escala maior ou menor, pela falta da “valorização de si mesmas”, condicionada pela educação, e, por isso, sofrem muito mais frequentemente do que os homens do sentimento de incompletude e do medo torturante da solidão e da falta de aconchego, quando não têm uma relação amorosa sólida. Elas acreditam muitas vezes que devem fazer um esforço adicional para, em troca, receber aconchego, segurança e dedicação do homem.

“Para muitas mulheres, é extremamente difícil acreditar que o seu parceiro queira ficar com elas por vontade própria. Não acreditam também que seu amor seja durável e não desapareça depois da ‘lua de mel’. Há uma espécie de pressentimento: serão inevitavelmente rejeitadas e abandonadas. [82]

Não constituem, de modo algum, exceção as mulheres com as características de Medeia, ou seja, as mulheres fortes, capazes e bem dotadas, que muitas vezes reprimiram profundamente seus desejos de segurança emocional e, por isso, têm menos condições do que as outras de manifestar seus sonhos de aconchego. Se, por um lado, não revelam o mínimo sinal de “fraqueza feminina”, por outro, ninguém se oferecerá para protegê-las. Elas vivem a paixão divididas, porque, ao lado da esperança de felicidade, reaparecem igualmente os sentimentos proibidos, os desejos de aconchego simbiótico, tão perigosos devido ao seu escuro reverso, e o medo mortal de serem abandonadas.

Uma “mulher como Medeia”, ao enamorar-se, comporta-se de modo diferente da mulher comum, mais insegura e menos consciente de si. Ela não entende mais a si mesma, age contra suas próprias convicções e vê-se exposta a mudanças de personalidade que lhe inspiram medo. Para livrar-se da fatal ameaça de ser abandonada, dirige de antemão a atenção, com exagerada exclusividade, para o homem, aplica seus “poderes mágicos” e toda a sua criatividade para proteger o relacionamento; ela se oferece ao homem como uma mãe que se dá abnegadamente e como “salvadora”, tudo na esperança de que – fazendo ela tanto por merecer o seu amor – ele a recompensará com a fidelidade e a constância: “O meu dom te salvará; quando salvo, cumpre a tua promessa”, diz Medeia a Jasão.

O homem irá valer-se da atenção dela e tirar partido da sua ajuda e dos seus conselhos. Mas talvez ele nem queira ser salvo, sentindo-se esmagado pela competência dela e tutelado pela sua inteligência. Talvez o seu ego de herói não seja tão estável quanto parece, porque, do contrário, ele poderia refrear a excessiva atenção de Medeia e dizer-lhe que a queria, mesmo quando ela se preocupa apenas com seus assuntos. Ele irá sabotar suas tentativas de salvá-lo, fazendo como Jasão, enredando-se repetidamente em dificuldades para assim provar que os “poderes mágicos” da mulher são inúteis. Ou se afastará emocionalmente pouco a pouco, aceitando a dedicação e os esforços dela como algo natural, algo que a sua educação lhe ensinou.

Uma “mulher como Medeia” fará tudo para impedir o fim de uma relação; sua atenção gravitará mais do que nunca em torno do seu parceiro, duplicará os esforços para chegar mais perto dele, para estar unida a ele, com o que ele se sentirá acossado e se afastará cada vez mais. Chegando a separação, ela estará cheia de raiva do ingrato – foi loucura enamorar-se de um homem como aquele! – mas, sobretudo, desesperada, porque seus medos mais profundos se confirmaram, seus desejos não se realizaram. Ela consumiu suas energias e ei-la agora de mãos vazias. É provável que, depois de um período conveniente de luto, ela venha a sonhar com um novo Jasão, com um novo herói que, finalmente, lhe proporcionará o almejado aconchego.

“Se não me abandonares, também não te abandonarei”

Não seria possível ver o encontro de Medeia e Jasão de modo mais positivo? As juras que fazem um ao outro não seria também expressão de uma romântica fantasia de amor, que todos carregamos dentro de nós como uma saudade e nos impele a vencer as dificuldades da vida em solidária comunhão com um parceiro amado? “Se não me abandonares, também não te abandonarei” – “jamais e nunca mais”, dizem os contos de fadas; [83] “farei tudo para ti” – “jamais te abandonarei” – Medeia e Jasão prometem um ao outro e, nessa promessa, está traduzida a esperança de um amor, no qual dois entes humanos se fundem para formar uma unidade, um amor ilimitado, que vence todos os obstáculos.

É mais do que natural que um casal que inicia uma vida em comum entre, antes de tudo, numa simbiose; cada um dos parceiros se relacione exclusivamente com o outro, para lhe dar calor, aconchego e segurança. Há nisso também uma regressão temporária, que pode ter sentido e ser proveitosa, por oferecer a oportunidade de compensar os medos não superados e as experiências anteriores de sofrimento, eliminando-os. Na realidade, para que um ser humano se sinta seguro no mundo e em casa, é preciso que suas necessidades básicas de amor, filiação, aconchego, aceitação, proteção e confiança sejam plenamente satisfeitas. Para não ser constantemente ameaçado pelo medo da fome e da penúria, é preciso que ele tenha alguma vez se saciado plenamente. Quando não conseguiu isso, na infância e na juventude, ou não o conseguiu completamente, a relação do casal proporciona a segunda oportunidade de compensar essa carência e de se saciar com dedicação, segurança, proximidade e amor.

“Um aspecto importante de um bom relacionamento amoroso é o que se poderia chamar ‘identificação de necessidades’, ou a união das hierarquias das necessidades fundamentais de duas pessoas numa única hierarquia. O

resultado disso é que uma pessoa sente as necessidades da outra como se fossem as suas e, por isso, sente também, até certo ponto, como se as suas próprias necessidades pertencessem à outra pessoa. Um eu expande-se então para abranger dois seres humanos e, até certo ponto, os dois passam a ser uma unidade numa só pessoa, para fins psicológicos.” [84]

Contudo, um bom relacionamento amoroso não exige apenas a fusão numa unidade, mas exige também que a individualidade de cada um dos parceiros seja respeitada. A vida do par se estagnaria se permanecesse constantemente simbiótica. Quando chegam a determinado “grau de saciedade”, os parceiros devem tornar a se separar, precisando cada um deles voltar a ser um eu isolado. As exigências polares fundamentais do desenvolvimento da personalidade reaparecem, num nível novo, na vida comum do par. Se, antes, eram experimentadas e vividas em fases temporalmente separadas, agora devem ser exercitadas constantemente, na prática, num ritmo de envolvimento e libertação mútua, em que cada parceiro pode encontrar, quando necessário, a segurança, mas também a liberdade para desenvolver e viver suas próprias ideias e objetivos independentes.

Encontrar o termo médio entre comunhão e autonomia, entre “nós” e “eu”, entre proximidade e distância, é uma tarefa complexa para o par, um processo de crescimento que leva tempo e exige disposição para aprender. Vencer juntos o medo da dependência e da perda do eu, por um lado, e da solidão e do isolamento, por outro, é o mais difícil aspecto desse processo de aprendizagem que um par tem de atravessar.

Uma condição básica importante para conseguir que se estabeleça um ritmo de aproximação e distanciamento em que ambos os parceiros se sintam bem é o equilíbrio da equivalência [85] na relação do par.

Equivalência não significa que os parceiros devam ter em tudo as mesmas condições básicas, como origem, instrução ou funções sociais que desempenham, mas que sejam do mesmo nível quanto à maturidade, a competência e o sentimento do próprio valor, e também que se apreciem mutuamente da mesma forma.

Os papéis tradicionais dos sexos na nossa sociedade criam, de antemão, oposição a esse desenvolvimento harmonioso da vida do casal. Nossa cultura não favorece a “simbiose alimentadora”; enfatiza, também na relação entre os sexos, as estruturas de poder e dependência; polariza, de antemão, as funções que cada parceiro deve cumprir no relacionamento e, desse modo, separa o mundo sentimental dos sexos e dificulta extremamente a comunicação, em nível emocional, de homens e mulheres.

Onde deveria existir franqueza, cria-se uma combinação não confessada e mutuamente dissimulada, na qual os medos e conflitos não são reconhecidos e tematizados, mas exteriorizados por meio de determinados papéis. [86] Um dos parceiros aceita o papel do dependente que se agarra (na nossa cultura, geralmente é a mulher, mas nem sempre) e o outro, o papel do que almeja distância e independência. Um vive o potencial global de ambos os parceiros, da necessidade de aproximação, de afeição e de emoção, e o outro se comporta de modo supercompensador quanto à racionalidade e ao amadurecimento e vive o potencial global do par no domínio da realidade e da autonomia. Observado de fora, tem-se a impressão de que um parceiro é o oposto do outro, mas suas maneiras de se comportar são apenas variantes de um mesmo conflito. [87]

Em Medeia, a maga, transmitia-se a imagem de uma mulher que age, mobiliza coisas e é capaz de provocar mudanças a partir da sua própria força. Por que, apesar disso, ela passa a ser tão dependente da relação com

Jasão, a ponto de chegar a viver o fracasso do seu matrimônio, em Corinto, como uma catástrofe que ameaça a sua existência?

Depois de ter fugido da Cólquida com Jasão, no navio Argos, Medeia foi levada para uma ilha consagrada a Ártemis, onde ficou sozinha. Esta ilha, que ainda pertence ao distrito da Grande Deusa, era um “lugar d’alma”, destinado à meditação sobre si mesmo, onde Medeia se vê diante da pergunta sobre se deve deixar Jasão prosseguir sozinho o seu caminho. Depois de uma primeira fase de intensa paixão, em que tomamos decisões espontâneas e talvez impensadas, surge em muitas pessoas um repentino distanciamento que contém algo de ameaçador. No “outro”, que agora já se conhece melhor, revelam-se, subitamente, características que não cabem na imagem idealizada do “homem dos meus sonhos” ou da “mulher dos meus sonhos”, projetados durante a paixão, e que são traços de personalidade não percebidos antes ou que não queríamos perceber. Instala-se uma desilusão que pode, no entanto, ser convertida em algo positivo, se não se criarem mais ilusões, pois o outro é um ser humano, com fraquezas e imperfeições, e não um ente semelhante a um deus sem mancha.

Se considerarmos Medeia como o eu de uma mulher e seus parentes da Cólquida como representações do seu mundo sentimental, Apsirto, que vem à ilha como libertador, será a expressão do distanciamento crítico da sua relação com Jasão e a sua reivindicação de independência e liberdade que luta contra uma dependência simbiótica em relação ao seu herói. Mas a ilha é também um símbolo do eu isolado, uma imagem da solidão e do ter-que-contar-consigo-mesmo que pode ser ameaçador. O libertador cai numa emboscada, ou seja, a atitude crítica em relação ao parceiro e ao relacionamento na sua forma presente é violentamente vencida. Quando a

imagem ideal do parceiro se desmonta, desvanece-se também a ilusão do amor infinito e sempiterno.

Muitas mulheres sufocam imediatamente os primeiros sinais de sua necessidade de independência e autonomia numa relação, porque temem ser abandonadas ao relaxar seu incessante esforço em busca de amor, ainda que por uma fração mínima de tempo, e por não quererem abrir mão da fantasia do amor sempiterno, da qual recebem segurança interior e ausência de medo.

Medeia agarra-se à fantasia do amor sempiterno, mas renuncia a tudo mais quando segue Jasão, abrindo mão do seu próprio reino, do seu passado e das suas antigas ligações. No caminho da Cólquida para Corinto, ela usa várias vezes os seus poderes mágicos para proteger Jasão e remover os obstáculos do seu caminho. Sua ação é indireta; ela age magicamente no segundo plano, tecendo um encantamento à volta de si mesma e do seu herói e tudo que ela faz, faz para ele, com o olhar nele e no relacionamento dos dois. Não corresponderá esta imagem ainda hoje ao eu ideal de muitas mulheres? Não beatifica a nossa cultura até os nossos dias o poder do amor feminino, que triunfa, mesmo nas circunstâncias mais ameaçadoras, pela abnegação, dedicação e espírito de sacrifício? Não é assim que tradicionalmente se celebra o “heroísmo” das mulheres na ópera e nas canções populares, na literatura “clássica” e no romance barato, no *kitsch* e no cinema “sério”? O papel de Medeia como salvadora totalmente dedicada é até hoje a mais importante oferta cultural de identificação para as mulheres. No entanto, esse ideal cultural tem um aspecto enormemente destrutivo: toda vez que Medeia intervém para proteger o seu amor, algo terrível acontece; cada “salvação” de Jasão termina em aniquilamento, assassinato e morte. Como ocorrência interior, isso significa que uma

mulher que se entrega a esse tipo de heroísmo feminino age destrutivamente em relação a si mesma e à sua personalidade. Ao agir em cada crise e conflito, sempre com as vistas voltadas exclusivamente para o parceiro e a relação, investindo toda a sua energia nos objetivos dele e na salvação do seu amor, ela mata um pedaço de si mesma, da sua força e da sua possibilidade de agir e de criar.

Entre as mulheres, é tradição agir “magicamente” no segundo plano, promovendo, apoiando e encorajando os homens, mantendo longe deles tudo o que os perturba, levando para adiante as suas carreiras mediante uma colaboração compreensiva, participando dos seus êxitos e renunciando amplamente ao desenvolvimento de suas possibilidades pessoais. Durante séculos, o campo de atividade das mulheres foi extremamente restrito e limitado às suas funções domésticas, como a rotina do dia a dia, a casa, o cuidado dos filhos. O trabalho feminino tradicional, caracterizado pelo ciclo do “sempre-a-mesma-coisa” e que, a longo prazo, jamais produz resultados visíveis, e não é tido, socialmente, como “realização”, porque não se lhe relaciona um equivalente em dinheiro, oferece poucas possibilidades de confirmação do próprio sucesso e da própria importância. Entretanto, é do conhecimento geral que as mulheres podem reagir ao cotidiano desolador e sem sentido por meio da depressão, das doenças psicossomáticas, de esgotamento crônico e até do alcoolismo e da dependência medicamentosa, quadro patológico conhecido como “síndrome da dona de casa”.

O sentimento de ser condenado à insignificância, à impotência e à falta de atividade, isto é, a uma “impotência vital” faz parte das mais dolorosas e insuportáveis experiências a que os seres humanos podem ser expostos, e eles farão tudo para superar esse sentimento, quer por meio de atividades

excessivas, mania de trabalhar (uma forma de compensação antes “masculina” do que feminina) ou de drogas de todo tipo, que transferem para dentro, para a fantasia, a desejada realização e vivacidade.

“Quando um ser humano sofre por estar consciente da própria impotência e isolamento, ele pode tentar superar a sua carga existencial pondo-se num estado de transe extático (uma condição de ‘estar fora de si’) e, assim, retornar à unidade consigo mesmo e com a natureza. Existem para isso muitas possibilidades. Uma delas, muito efêmera, é dada pela natureza através do ato sexual.” [88]

Ao contrário, uma possibilidade de longa mas ilusória duração, de integração interior é constituída pelo sonho do amor romântico, que busca fazer do êxtase amalgamador do complexo amoroso um estado permanente. Para nós, mulheres, que estamos preparadas pela nossa tradição sexual a renunciar ao poder externo e a permanecer na “esfera interna”, atuando somente no nível emocional, o sonho do amor romântico é a mais antiga droga do mundo e a mais frequente forma de compensação para uma realidade frustrante. O sonho do herói cavalcando um cavalo branco que nos liberta do cárcere, e o do herói fulgurante que nos arrebatava para o seu veleiro, jurando eterna fidelidade, e a quem consagramos a nossa vida era o que consolava nossas avós e mães, presas ao matrimônio monogâmico, e amenizava a inveja que sentiam dos privilégios sexuais e sociais dos homens; para elas este era o substituto da falta de possibilidades de agir no mundo exterior e de encontrar através de ação e do êxito pessoal a autoconfirmação; também para nós, nos dias atuais, este sonho ainda não foi sonhado até o fim. Evidentemente, as possibilidades que temos de atuar no mundo exterior e profissional, de encontrar a confirmação de uma existência que tenha sentido e de criar as bases materiais de uma vida

independente ainda não nos deram a força suficiente para nos livrarmos da velha droga. No desdobramento das próprias possibilidades e no acesso ao mundo profissional, as mulheres encontram uma série de resistências internas e externas impeditivas. Ocorre com a maioria de nós o que se passou com Medeia: “sentimo-nos estranhas, solitárias e ameaçadas, num mundo que, tanto quanto antes, é dominado pelos homens”; a romântica fantasia do amor é o nosso “lar interior”, onde nos sentimos aconchegadas.

*Bem-aventurada me chamarão como sua esposa, uma favorita dos deuses; orgulhosamente tocarei com o vértice as estrelas. Dizem, todavia, que, no meio das ondas movimentam-se estranhas montanhas, e que Caribde, a inimiga dos navios, ora sorve a água, ora a vomita; que, em profundezas sículas late a ávida Cila cercada por ferozes cães! Ah, mas seguro firme o meu amo, agarro-me ao colo de Jasão, na viagem pelos mares: no seu abraço não temo ou, se temer, será somente pelo parceiro. [89]*

Retiramo-nos para esse lar interior que nos permite estar livres do medo toda vez que se torna demasiado ameaçador o caminho entre a Caribde dos nossos sentimentos, esperanças e desejos e a Cila da realidade cotidiana, com suas exigências à nossa capacidade de ação. Nossas fantasias de amor podem nos encher de insuspeitadas energias e dar-nos coragem para empreender façanhas, mas também podem se tornar a nossa fatalidade, quando amarram as nossas forças, prendendo-nos aos papéis tradicionais dos sexos e impedindo-nos de desenvolver autonomia e autorrealização.

## Heroísmo desesperado

A imagem do herói conquistador e explorador, que parte para o desconhecido, luta pelos seus objetivos e enfrenta todos os perigos, é igualmente, até hoje, a imagem de identificação válida para os homens.

As energias de Jasão estão voltadas para fora. Junto com seus argonautas, ele atravessa mares estranhos, vive muitas aventuras, submete-se a provas de coragem e luta por prestígio e poder. Isto é representado, na versão patriarcal da lenda, pelo velocino de ouro. Jasão não se relaciona com o amor e a união do mesmo modo que Medeia; ele tem os seus argonautas, a sua “liga masculina”, que lhe transmite, no mundo exterior, um sentimento de segurança e de agremiação. Muitos homens têm os seus “argonautas”, aliados com quem partem para ousadas excursões de alpinismo ou de vela, juntos com quem trabalham e em cujo apoio confiam. O sentimento de agregação das “ligas masculinas” não vai tão longe quanto a intimidade da amizade entre mulheres. Raramente os homens falam uns aos outros tão abertamente dos seus sentimentos como as mulheres quando estão juntas. Frequentemente, o encontro dos argonautas parece servir apenas para a confirmação recíproca da masculinidade.

O ideal do eu do herói também tem componentes destrutivos. Muitos homens sentem, como Jasão, o mundo masculino, ao qual parecem pertencer tão naturalmente, como um mundo profundamente hostil e perigoso. Já na infância, Jasão conhece o que significa a luta pelo poder. Em sua iniciação à idade adulta, ele assiste como os “pais” mantêm encarniadamente o trono e o tesouro. Ele se depara repetidamente com frentes hostis; cada dificuldade mal superada cria uma nova; cada vitória

que acaba de alcançar cria novos inimigos e cada conquista é apenas a condição fundamental para novas lutas. Ele não pode confiar em ninguém: o mundo é um formigueiro cheio de homens como Pélias, que manda os jovens heróis buscar o velocino de ouro para ele e, depois, se mobiliza contra os ambiciosos sucessores do trono.

Nessas condições, não se pode dar o braço a torcer; o medo diante da dedicação e da abertura, da dependência e da perda do eu têm de crescer imensuravelmente. Num segundo plano, o “herói” precisa da mulher, que o apoia, que lhe dá coragem, que o torna forte e invencível e confirma o seu heroísmo. Mas, ao mesmo tempo, tem de negar que depende dela, pois a confissão de não estar constantemente e por força própria à altura do mundo masculino seria ainda menos “heroica”. Desse modo, também o homem, transferindo todas as suas energias para o exterior e separando o seu eu do mundo sentimental, é impedido de desenvolver a autonomia e a autorrealização.

Em nossa cultura, confunde-se frequentemente autonomia com um dos seus graus precedentes, a autonomia e independência externa, ou ela é equiparada a ideias de domínio e poder. Entende-se com frequência autonomia como a capacidade de se impor, de dar ênfase à própria importância de provar constantemente aos outros a sua força e superioridade. Mas, na definição de Arno Gruen, a verdadeira autonomia “é o estado de integração, no qual uma pessoa está em completa concordância com os seus próprios sentimentos e necessidades”. [\[90\]](#)

Por conseguinte, faz parte da autonomia não apenas a consciência da própria força, mas também a admissão das próprias necessidades de aconchego, agregação e amor, e da própria fraqueza e dependência. Nossa cultura está ligada, de modo unilateral, no poder, na concorrência, na

competência, e no desejo de ganhar. Principalmente os homens educados para o papel de senhores obedecem confiantemente às destrutivas imagens-guias dessa cultura:

“O vício do poder destrói a alma do homem. Ao persistir cegamente nele, ele rebaixa a si mesmo e à mulher de que necessita para confirmar a sua imagem de poderoso, imagem que, consciente ou inconscientemente, se converteu na razão de ser da sua vida... Como homens, glorificamos a mulher amável e solícita, sem jamais compreender que o preço que temos de pagar por isso é, inevitavelmente, a desilusão e a ofensa. Os homens querem que as mulheres lhes deem calor, mas, ao mesmo tempo, têm medo disso. Portanto, se satisfazem com uma falsificação, deixam-se impelir para a grandeza. Em lugar do quente aconchego e da proximidade aberta, a relação com a mulher a ser um terreno onde vicejam a ‘dignidade’ permanentemente intensificada, as fantasias de grandeza sem fim e as secretas reivindicações de superioridade.” [\[91\]](#)

Existem hoje mulheres que ainda tomam parte nesse jogo. Mesmo que disponham, de fato, de bastante energia, inteligência, iniciativa e criatividade, elas acham difícil acreditar que são capazes de algo. O único meio de participar da força atuante e dos símbolos de poder, como o prestígio, o êxito e a riqueza, parece ser exaltar o homem, que, com a sua atitude diante da vida, seus objetivos e ideias, é confirmado sem crítica, tendo fortalecidas as suas reivindicações narcisistas. A mulher experimenta sua capacidade através do homem e consome nisso as suas energias. Mas a participação no poder do homem é sempre uma ilusão, um mero sucedâneo da sua própria realização não alcançada. Por isso, a vingança encoberta das mulheres que transferiram toda a sua ambição para o homem consiste

frequentemente em insistirem em se tornar dirigentes do destino dele. “Elas o forçam a ser sempre e em qualquer situação o herói.” [92]

A essa constelação corresponde a imagem que a versão patriarcal da lenda esboça sobre a relação de Medeia e Jasão: pela sua atuação, Medeia faz de Jasão o herói. Em troca disso, ele deve prometer-lhe participação e gratidão sob a forma de fidelidade e segurança emocional. Ela não consegue encontrar a si mesma, porque vive através dele, e também não descobre as suas próprias formas nem define os seus objetivos, tanto externamente como no relacionamento, apesar de dispor de “poderes mágicos” e de grande dose de criatividade.

Ele não pode encontrar a si mesmo, porque está fixado no poder, no domínio e nos ganhos e tem de corresponder ao retrato do “herói”, externamente e no relacionamento com Medeia, e porque perdeu o acesso aos seus próprios sentimentos e, assim, arruinou a sua capacidade de entrega e empatia.

Cada um responsabiliza o outro pela falta de equilíbrio e pelo vazio da sua existência; cada um acredita ter sacrificado ao outro as melhores oportunidades da sua vida e, desse modo, ambos se convertem em inimigos que constantemente se desafiam mutuamente e se combatem, embora não logrem livrar-se um do outro.

## Corinto ou a crise

A falta de aconchego é, atualmente, um problema social generalizado, que abrange a problemática sexual e a transcende. Para muitas pessoas nascidas nos anos 40 e 50, a despedida do mundo da infância tornou-se

definitiva, porque esse mundo não existe mais. A urbanização e a generalizada mobilidade dentro da moderna sociedade industrial fez desaparecer os agrupamentos tradicionais que, além das famílias de origem, cuidavam do sentimento de enraizamento, de participação em algo, de proximidade e de intimidade: a comunidade aldeã, na qual a solidariedade se baseava, sobretudo, na prestação recíproca de ajuda, a “vizinhança”, onde as famílias com o mesmo *status* social ou com *status* semelhante conviviam durante gerações, ou o bairro urbano, de características nitidamente definidas, por ser moldado pela classe profissional. O fato de estar agregado a um território desse tipo, que se podia abarcar com a vista, pode também significar a restrição da liberdade individual; por outro lado, a perda dessa antiga estrutura de agregação fez com que se generalizassem os sentimentos de alheamento, de abandono e de solidão. Ambos os sexos foram atingidos por essa perda de aconchego.

Em consequência da mudança da atmosfera política, econômica e social a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e do recrudescimento do movimento feminista dos últimos anos da década de 60, a separação entre o mundo “público” dos homens e o mundo “privado” das mulheres foi largamente abolida; esse fato, ao lado da percepção de que o matrimônio patriarcal tradicional já não representava uma base de sustentação para o *modus vivendi* dos sexos, não só nos proporcionou maior liberdade, mas também nos trouxe uma boa dose de insegurança e confusão. Quando uma forma antiga de viver desaparece, a nova não está imediatamente ao alcance da mão. Enquanto, em outros tempos, quando entrávamos na idade adulta, a maneira de viver de um casal era algo implícito e estabelecido de antemão, hoje nos defrontamos com a dificuldade de ter de

descobrir, cada qual por si mesmo, pelo método de “tentativa e erro”, as novas formas de convivência.

O fato de as tensões, os conflitos e as crises na convivência entre homens e mulheres não serem atualmente exceção, mas a regra, tem por causa as exigências que sobrecarregam o relacionamento do casal. A mulher tem de dar tudo – apoio, segurança e aconchego, tudo o que antigamente era proporcionado pela parentela e pela vizinhança, e pelos respectivos grupos ligados aos mundos dos homens e das mulheres – e corresponder ainda ao ideal do amor perfeito e de um relacionamento sempre harmonioso. Com esse fardo de exigências excessivas, a maioria dos casais se vê sobrecarregada com tantas expectativas.

Muitas mulheres que atualmente se aproximam da metade da vida foram educadas por mães que, nos anos de guerra, aceitaram, na sua terra ou no estrangeiro, “trabalho de homem” e tiveram que se apoiar nas próprias pernas e se emancipar à força, para mais tarde, nos anos 50, voltar a dedicar-se ao lar. Essas mães deram frequentemente às filhas conselhos “dúplexes” para a vida: ou frisavam, conscientemente, a importância de uma formação profissional, de apoiar-se em si mesmas e ser independentes, ou, sub-repticiamente, deixavam entrever que uma mulher sem marido estaria numa posição de desamparo e jamais poderia ser feliz, ou davam a entender claramente que o melhor seria as filhas acharem, o mais depressa possível, um parceiro e casar, mas mostrando abertamente como elas próprias se sentiam vazias e dependentes como “mulheres de segundo plano”.

As filhas dessas mães iniciaram suas vidas com uma imagem-guia ambivalente e estavam predestinadas a desenvolver uma “síndrome de Medeia”; interiormente divididas entre o desejo de independência e

liberdade de ação e a nostalgia da segurança e do aconchego do velho papel da mulher.

É verdade que a concepção tradicional do papel da mulher é estreita, limitada e insatisfatória, mas é a única tradição próxima de nós e que, de qualquer modo, está à nossa disposição. Por não termos outro apoio e tão somente poucas e inseguras imagens-guias femininas, é tão difícil para nós romper com os velhos moldes de comportamento. Por isso, é mais fácil ser conscientes de nós mesmas e autônomas, quando estamos sozinhas, e, por isso, tornamos a cair no comportamento adaptado e humilde tão logo vivamos uma relação a dois.

Metemo-nos nas maiores dificuldades, quando desejamos ou temos necessidade de abrir mão da fantasia do amor romântico sempiterno, porque, dessa forma, abatemos a nossa “vaca sagrada”. É que, no amor romântico, está armazenado tudo o que tradicionalmente nos garante a superioridade diante do homem e de onde recebemos a força da nossa feminilidade: a inabalável capacidade de amar, a maternidade construtiva, a infalível intuição para captar os humores, sentimentos e problemas dos outros, a compreensão, a capacidade de conciliação e a paciência.

Quando o homem que amamos se devota a outra mulher e, por essa e outras razões, o nosso relacionamento entra em crise e há a ameaça de separação, sentimos que o poder da nossa feminilidade, o único de que dispomos, se desfez; as propriedades e faculdades de que tanto nos orgulhávamos são radicalmente desvalorizadas e perdemos pelo menos metade da nossa identidade.

Uma perda dessas passa a ser particularmente ameaçadora quando nos aproximamos da metade da vida. Nessa época, ocorre uma mudança de consciência na maioria das pessoas. Surge no campo de visão a “linha da

sombra”;<sup>[93]</sup> repentinamente desponta um sentimento de limitação que não conhecíamos na juventude; o finito e a morte emergem no horizonte da nossa consciência. Metade da vida já foi vivida e as possibilidades já não são as mesmas. Faz-se o balanço: de acordo com que lei comecei a vida e o que cheguei a ser? Sob o impacto da velhice iminente, entram na nossa consciência, com nitidez e clareza toda especial, todas as chances perdidas, bloqueadas e não realizadas. A necessidade central de nos tornarmos o que temos de ser, a realização da própria personalidade constitui o ponto central do desenvolvimento de cada um.

Embora sejam os mesmos para as mulheres e homens de meia-idade, os conflitos básicos e as exigências feitas ao próprio potencial de crescimento psíquico podem, no entanto, ser vividos de maneiras muito diferentes.

“Muitos homens são dominados pelo mal-estar de não terem conseguido fazer das suas vidas o que esperavam e de terem de conviver com esse fato por mais trinta ou quarenta anos. Eles não descobriram uma afirmação sensata para as suas vidas e para si mesmos, e tendem a imputar a culpa do seu fracasso ao matrimônio, que teria entravado seu desenvolvimento profissional e pessoal. Em casa, ficam mal-humorados e irritados. Se a mulher mantém uma atitude apaziguadora, eles se sentem ainda mais aprisionados por ela na sua identidade equivocada. No entanto, se a mulher se defende, não concordando em ser o bode expiatório, cresce ainda mais no homem que se sente incompreendido a necessidade de uma amante compreensiva, que se compadeça dele e da sua trágica sorte.”<sup>[94]</sup>

O processo de mudança, na metade da vida, é, em muitos sentidos, muito mais difícil para as mulheres do que para os homens. Nessa fase, a balança da equivalência do “casal tradicional” é extremamente perturbada. A mulher se defronta muito mais com perdas, para as quais não dispõe de

compensações no mundo exterior. Normalmente, ela se encarregou sozinha – ou, pelo menos, na maior parte do tempo – do cuidado com os filhos e a casa e, quando o homem alcançou o auge do sucesso e os filhos já cresceram e não necessitam mais tanto dela, ela está de mãos vazias, olhando com inveja para os privilégios do papel do homem. [95] Seu trabalho, que foi ter criado a “infraestrutura” doméstica, prática e fundamental para a carreira do homem, torna-se então invisível; não deixou marcas visíveis ou palpáveis. Quando, nesse momento, o homem se volta para outra mulher, isto significa, da perspectiva dela, que ele não apenas lhe nega o amor e a dedicação, mas também a defrauda dos dividendos do seu trabalho e empenho, representados aos seus olhos pelo relacionamento.

Mas também as mulheres que não vivem o matrimônio tradicional talvez compreendam, ao chegar à meia-idade, que viveram de maneira insatisfatória o seu relacionamento amoroso, que trataram os homens como se fossem espécimes necessitados de proteção e que, na esperança de uma relação humana satisfatória, sempre “serviram” demais, dando tudo de si e renunciando sempre. Quando têm filhos, sobretudo se os educam sozinhas, têm ainda mais razão para invejar os privilégios do papel masculino e sentem muitas vezes que em ambos os campos – o profissional e o maternal – tiveram que abrir mão de importantes possibilidades.

Na maioria das vezes, a mulher de meia-idade não alcançou o *status* atingido pelo homem, mesmo quando teve vida profissional e renunciou a ter filhos, porque é muito demorado o processo de conscientização que lhe outorgará a necessária autoconsideração, que a fará apreciar a própria competência e capacidade para vencer profissionalmente.

A mulher de meia-idade tem pouca chance de ainda estabelecer uma relação satisfatória com um homem; nesta altura, ela é vista como fisicamente menos atraente do que o “homem nos seus melhores anos”, e os homens da sua idade voltam a atenção para mulheres mais jovens. Sendo ela própria também moldada segundo as imagens de beleza da sociedade, vive a perda da juventude como se fosse uma mácula. Talvez perceba também que, noutros tempos, tinha utilizado – sem ter consciência disso – a sua atração física para despertar a atenção, a dedicação e o amor do homem, percebendo então serem extremamente restritas as suas possibilidades de estabelecer novos contatos. Quando o homem com quem vive (com certidão de casamento ou sem ela) lhe volta as costas e inicia uma relação com outra mulher, ela se sente prensada totalmente contra a parede. Como aprendeu a ver, na relação amorosa com um homem, o sentido – embora não o único, mas o mais elevado – da sua existência e já não pode mais acreditar na possibilidade de um novo amor, principalmente por se sentir desvalorizada na sua feminilidade, sente-se diante de uma catástrofe: sua vida perdeu o sentido, sua existência não vale mais nada.

Simone de Beauvoir, em sua novela *Mulher desiludida*, narra a história desse conflito clássico, da perspectiva de Monique, a personagem em questão, que diz: “Ou Maurice é um patife – nesse caso, estraguei a minha vida ao amá-lo –, ou ele tinha motivos para virar-me as costas, de modo que, sem saber por que, devo me considerar uma criatura odiosa e desprezível. Ambas as possibilidades são terríveis”. [96]

Mesmo que a sua existência exterior não esteja de forma alguma ameaçada a mulher é capaz de perceber psiquicamente a sua situação como uma ameaça existencial. Uma amiga, no auge da separação, me dizia:

“Ficar ao lado dele e aceitar a sua relação com outra, ou separar-me dele é como ter de escolher entre duas maneiras de morrer”.

É esta a situação com que a tragédia de Eurípides começa. Com ela têm início, até hoje, as crises de rompimento do relacionamento dos casais.

A maioria dos homens se comporta como Jasão, procurando encontrar na relação com a nova amante e na nova paixão, antes de tudo, a vivacidade perdida, o rejuvenescimento de sua força e a confirmação de que ainda não chegaram ao fim e têm ainda novas e não exauridas possibilidades de vida. Para começar, Jasão nem ao menos pretende se separar da sua parceira. O novo amor é para ele um alívio para a rotina em que a vida com ela se transformara. Ele revive, passa melhor e se sente pleno de novas energias. Quando a mulher faz cenas, ele não entende o que, na verdade, ela quer. Ela não o apoiou sempre? Por que agora não faz o mesmo? Ela não lhe fazia ver sempre como a felicidade dele era importante para ela? Por que agora quer estragar essa possibilidade de ser feliz? Condicionado pela sua educação, ele atravessou a vida certo de que haveria sempre, em algum lugar, uma mulher para dedicar-lhe interesse e atenção e para cuidar das suas necessidades físicas, sexuais e psíquicas. Quando a sua parceira reivindica a sua gratidão e lhe mostra tudo o que fez por ele, ela desperta a indignação dele. Ela fez apenas o que fazem todas as mulheres; nada há de extraordinário nisso. Ele não a forçou a isso e, além do mais, ele também fez muito por ela, tendo renunciado a oportunidades que estariam abertas, não fosse a sua ligação com ela.

Muitas vezes, ele se interessa realmente pela sua mulher e o sofrimento dela provoca nele sentimentos de culpa. E se, apesar disso, continua a manter a relação com a amante, não o faz para magoar ou prejudicar a parceira. A nova amante é um enriquecimento na sua vida e, do seu ponto

de vista, a relação com a sua mulher também poderia continuar harmoniosa, se ela ao menos fosse “sensata”.

Muitas mulheres nesta situação, no entanto, não são “sensatas”. O seu ciúme não é – ou, pelo menos, não é principalmente – uma reação à “infidelidade” sexual do homem (elas saberiam haver-se com isso), mas ao fato de perderem a si mesmas. Elas fervem de raiva contra o homem que tem tanto poder sobre elas e sobre a sua vida, poder que elas mesmas lhe deram. Sentem o despertar de um ódio e uma agressividade que jamais sentiram antes com tanta intensidade. Esse ódio talvez seja reflexo dos seus próprios desejos de infidelidade e separação, jamais confessados. Talvez não seja somente ódio delas mesmas, mas o ódio reprimido das suas mães e avós, no qual ainda vibra um resíduo da “ira da deusa”, raiva represada contra a falta de liberdade e contra a dependência transmitida pelas mulheres de geração a geração.

Em sua novela, Simone de Beauvoir conta como Monique, ao saber da amante do marido, passou por todas as fases do ciúme: da incrédula perplexidade, dúvidas profundas em relação a si mesma, acusações, cenas e fantasias de vingança ao ódio, à raiva e ao desespero. Vendo que não consegue mais recuperar a antiga forma de relação com o marido, ela recorre a comprimidos e ao álcool, desleixa-se e, finalmente, sucumbe totalmente. Monique reconhece o seu problema central: “Perdi a imagem de mim mesma.” [\[97\]](#) Mas as forças destruidoras do ódio e da vingança liberadas nela são dirigidas por ela contra si mesma. Simone de Beauvoir encontra para isso uma imagem apropriada: Monique começa a ter hemorragias constantes. Ela não castiga, como Medeia, os responsáveis pelo seu sofrimento; castiga a si mesma, derramando o próprio sangue.

É esta, na nossa cultura, provavelmente a maneira mais comum de as mulheres lidarem com as suas agressões; elas as voltam para dentro, caem em depressão, destroem a própria energia vital e a si mesmas.

Outras mulheres se vingam, não como Medeia, com fogo e espada, mas com outros meios. Perseguem o homem com o seu ódio, bombardeiam-no e à amante com ameaças e hostilidades, divorciam-se dele, forçam-no materialmente a entregar-lhes tudo o que ele lhes deve, deixam-no sem os filhos, impedindo-o, por todos os meios, de ter contato com eles, de vê-los e de construir com eles uma relação humana independente. Com os amigos comuns, difamam o homem, narrando repetidas vezes os seus crimes, humilham-no e o fazem passar por corrupto. Mas, atenção! Essas estratégias não são especialidade das mulheres; no ciúme e nas crises de separação, os homens se comportam do mesmo modo e sabem muitas vezes, melhor do que as mulheres, cuidar das suas vantagens materiais, levando a melhor parte. Em contrapartida, as mulheres são com frequência mais engenhosas na sua vingança e muitas vezes têm mais motivo para isso.

Horrorizados, recuamos diante desses desenvolvimentos destrutivos das relações a dois, dessas guerras íntimas que permitem todas as baixezas e não detêm nenhum impulso sádico. Nelas, seres humanos que outrora se amavam tornam a vida um inferno e se ofendem, se ferem, se humilham, se exploram e se prejudicam mutuamente; sabemos, porém, o quanto esses acontecimentos são banais. Todos nós conhecemos a necessidade de vingança e nos sentimos culpados e envergonhados até mesmo de atos vingativos comparativamente anódinos, porque, na nossa cultura cristã, a vingança é estritamente um tabu.

Erich Fromm define a vingança como uma reação espontânea a sofrimentos intensos e injustos infligidos a uma pessoa. A vingança é diferente da agressão normal e defensiva em dois aspectos: “1. Ela se desenvolve depois que alguém sofreu um prejuízo e, por isso, não se trata de uma defesa contra a ameaça de um perigo; 2. Por essa razão, é muito mais intensa e frequentemente sádica, cruel e insaciável”. [98] O que está na base dessa sede de vingança? Fromm explica que a vingança tem algo de arcaico, um remanescente do pensamento “mágico”: “Quando destruimos o autor do crime, o seu ato é, dessa maneira, magicamente desfeito”. [99]

A injustiça, suposta ou real, e a perda sofrida, não apenas provocam dor e sofrimento, mas também fazem brotar sentimentos de fraqueza, de inferioridade e de se ser um joguete nas mãos do outro. Vingar-se significa, portanto, antes de tudo, restabelecer a autoconsideração, compensar a perda, recuperar a força e o poder, reconquistar o sentimento de ser capaz de atuar por si próprio e de não ser um joguete.

Justamente para as mulheres – para quem a citação bíblica “a vingança é minha, diz o Senhor” tem, de certo modo, duplo significado – pode ser importante levar a sério os seus sentimentos de vingança e defrontar-se conscientemente com eles. Não quero que me compreendam mal. Não estou recomendando atos de vingança, porque eles sempre têm também algo de autodestrutivo. Mas, para uma mulher que numa relação se entregou demasiadamente e perdeu uma parte grande demais da sua vida, pode ser necessário sentir ódio e desejo de vingança e também manifestá-los, desvalorizando radicalmente o parceiro, fazendo-o saber o que pensa dele para, dessa forma, retirar o vigor que projetara nele e recuperar, através da agressão, as energias que perdeu. A mulher não deveria,

segundo o seu papel tradicional, ser demasiado conciliadora, lamentando os próprios erros e diminuindo, ao mesmo tempo, os erros e a falta de consideração do homem. Não deveria ceder, fosse a que preço fosse, à necessidade de harmonia que lhe foi inculcada pela educação e julgar que “no fundo, ele não tem culpa”, porque, agindo assim, o estaria novamente tratando como se ele fosse um espécime carente de proteção e tornando a atender o seu desejo de aconchego. Ele pode cuidar de si mesmo e sobreviverá à sua raiva. Se ela reconhecer isso, libertá-lo-á do papel de homem eternamente infantil e dependente da mãe e também libertará a si mesma do papel de mãe eternamente doadora, podendo, finalmente, começar a realizar os seus próprios anseios de aconchego. Se ela viver a sua raiva, o seu ódio e os seus impulsos de agressão com plena consciência e encarar todas estas emoções como naturais e justificadas, disso lhe advirá força para assumir o controle de sua vida e definir os próprios objetivos. Mais tarde, quando tiver se reencontrado, não mais terá de condenar o homem. Poderá reconhecer a própria parcela de responsabilidade na catástrofe e dizer a si mesma que, a partir de então, se comportará de maneira diferente, não deixando que tornem a fazer tal coisa com ela.

Na crise da meia-idade, sobretudo quando essa crise vem de mãos dadas com uma separação, o aspecto de morte e destruição pode ter, para a mulher, um significado bem diferente, de natureza interior. Nessa ocasião, muitas mulheres ousam, pela primeira vez, enfrentar a solidão, a vida sem um homem, sem uma estreita relação a dois, e vivem uma experiência de morte, um caminhar no deserto, o vazio absoluto, o nada. Suas fantasias de relacionamento e o projeto de vida nelas baseado ruíram e nada restou; a vida parece ter chegado ao fim. É bom e necessário chorar pelo que se

perdeu, pela parcela de identidade feminina que agora se tornou passado. Só a tristeza permite que nos despeçamos do passado.

Quando Medeia sepulta os filhos no templo de Hera Acraia, deusa das mulheres, isso pode significar, como evento psíquico, que ela enterra com todas as honras uma parte das suas possibilidades femininas de vida e de realização. Quando choramos com plena consciência pela nossa condição passada de ser mulher, pelas nossas velhas fantasias de relacionamento, pelos nossos sonhos, desejos e objetivos irrealizados, e sepultamos isso, com todas as honras, e não secretamente, não precisamos odiar a nós mesmas nem desvalorizar a nossa vida, considerando-a fracassada, mas aceitá-la como o nosso próprio e inconfundível destino. Desse modo, também nos reconciliamos com as nossas mães, que nos deram como dote para o nosso caminho esse papel feminino.

Podemos abrir mão da dualidade de querer, por um lado, independência e, por outro, de ser sustentadas pelo homem; na tristeza, podemos encontrar o nosso verdadeiro Eu e adquirir o poder de estabelecer uma vez mais um novo projeto de vida. Do mesmo modo que é preciso ter-se saciado de amor, dedicação, afirmação e segurança para se sentir à vontade no mundo, temos também de experimentar uma vez que o fim do amor não representa a morte definitiva, que somos capazes de sobreviver à separação, à solidão e ao abandono, e que a escuridão cria nova luz e que renascemos para uma nova identidade.

O exílio ou o *happy end* de uma tragédia

No final da tragédia, Medeia retorna ao mito. Serpentes aladas puxam o carro que a leva para o desconhecido. Elas são o símbolo da deusa que dispõe da fecundidade ctônica das profundezas e da fecundidade espiritual do Céu. Quando não nos dividimos mais em duas partes, aceitando-nos como somos, com os nossos lados claros e escuros, com o nosso desejo de aconchego e o nosso poder de fazer as coisas acontecerem, curamo-nos a nós mesmas e descobrimos o retorno à nossa integridade feminina.

Uma mulher que sobrevive à morte da sua relação amorosa e sepulta esse relacionamento exclusivo com um homem muitas vezes surge, depois da fase de tristeza ocasionada pela separação, com uma nova personalidade que, com insuspeitada autoconfiança, desenvolve as suas capacidades e encontra novos caminhos para a autonomia. O carro serpentino, o veículo da transformação, ou seja, de uma nova esfera de ocupação, de uma nova possibilidade de vida, aparece como que por si mesmo.

O “retorno ao mito” pode ser uma ajuda valiosa na reformulação dos planos de vida; não, porém, do modo como fugimos suspirando por novas fantasias que, desta vez, estão voltadas para “trás”, para as românticas e transfiguradas imaginações ligadas a um passado de pleno poder feminino, e sim para ressuscitar uma imagem de integridade feminina e criar um “mito genuíno”, novo e vivo, que se converte numa utopia real da vida feminina e se torna o veículo da nossa transformação.

Pela segunda vez, neste livro, chegamos ao final da tragédia, e não é fácil dar à história do relacionamento dos sexos no patriarcado um *happy end*. A mulher que caminha pela vida com uma imagem nova e modificada de si não vive num mar de rosas. Ela terá de se defrontar com resistências mais veementes do que nunca; talvez se sinta agora realmente no exílio. Mas a perspectiva de que talvez tenha de viver por longo tempo sozinha já não a

encherá de medo e terror. Ela estará também preparada para enfrentar novas dificuldades e desilusões.

Talvez encontre um Hércules que a aceite com a sua identidade própria, mas este estará dividido entre a disposição de entrar numa parceria do mesmo nível e manter a “imagem de herói” que a sociedade exige dele. É possível que ela encontre um Teseu que se sinta mortalmente ameaçado, quando ela às vezes se torna “venenosa”, e imediatamente a expulsa, de espada em punho, da sua vida. No entanto, ao prosseguir no seu caminho, ela não se enreda mais na crise existencial, porque possui a força de que necessita para construir o próprio reino.

“Alegra-te, Medeia, pois não há saudação mais bela do que essa para se fazer aos amigos”, [\[100\]](#) diz Egeu, o seu velho amigo de Atenas, que já a apoiara no início da sua crise. Com ele, ela podia desabafar: “Que dizes? Conta-me claramente as tuas desgraças!”. Nele, Medeia encontrou interesse, ajuda e apoio. Ele aprovou a sua identidade e soube apreciar a sua força. Ofereceu-lhe também a possibilidade de uma nova relação. Um “Egeu” é soberano bastante para aceitar uma “Medeia”. Com ele, ela poderia edificar uma relação humana satisfatória, admitindo-se que ela se contentasse com o fato de que essa relação não tivesse “nada de espetacular”, e fosse capaz de renunciar aos altos e baixos eletrizantes que antes, com todos os sofrimentos, eram tão fascinantes no relacionamento com seu herói.

O mito apresenta também mais outra possibilidade. Numa variante da versão tradicional, Medeia se reconcilia com Jasão e o rejuvenesce com seus poderes mágicos. Às vezes ocorre também o improvável: depois de uma separação e de um período de tristeza e afastamento, o casal se reencontra e uma esperança, já sepultada, revive, e uma relação já morta se

transforma e rejuvenesce para uma nova vida. Nessas circunstâncias, o impulso parte frequentemente da mulher que, através da tristeza, encontrou a si mesma e irradia um nova energia e vivacidade que fascinam o homem. Ele vê diante de si uma mulher que dispõe de um “carro serpentino” e de uma “caldeira de rejuvenescimento”, uma mulher que recobrou suas forças vitais e criativas e reconquistou o poder sobre si mesma. Essa mulher não tornará a cair nos velhos moldes de relacionamento. Ela é senhora de si e não voltará a se perder.

# NOTAS

[1] Há sobre Medeia obras literárias de Ovídio, Lucano, Sêneca e, a partir do século XVII, de Corneille, Cherubini, Grillparzer, Von Jahnn e Anouilh, além de um filme de Pasolini, para citar apenas algumas versões. Por mais diferentes que sejam as interpretações dadas pelos autores à figura de Medeia, todos, quase sem exceção, seguem o modelo de Eurípides que retrata Medeia como “bárbara”, vingadora e infanticida. Só mais recentemente o dramaturgo George Tabori, em sua peça teatral “Medea”, e a produtora cinematográfica Ula Stöckl, com o filme *Der Schlaf der Vernunft* [O Sono da Razão], divergiram desse modelo.

[2] Ver Pauly, *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaften* [Enciclopédia Real da Ciência da Antiguidade Clássica], Stuttgart, 1931, verbete *Medeia*. Pauly escreve: “A formulação da lenda por Eurípides teve imensa influência sobre todas as épocas posteriores; inúmeras menções de autores gregos e romanos comprovam isso, da mesma maneira que as obras plásticas”.

[3] O nome Medeia (Mideia) relaciona-se linguisticamente com o nome da deusa da sabedoria Métis (prudência) e com o nome de mulheres sábias e conhecedoras da arte de curar da mitologia grega, nomes que terminaram em *-mede*, como Polímede e Agámede. Na *Ilíada*, referindo-se a Agámede, Homero diz que ela conhecia todos os medicamentos que crescem na Terra. “Evidentemente, todos esses nomes fazem parte de *midomai*, palavra do grego antigo; na base deles, há a meditação ligada à realização do pensamento; são mulheres que sabem aconselhar a si mesmas e aos outros.” (Pauly, *Realencyclopädie... ibid.*)

[4] Ver a respeito: Hugo Meyer, *Medeia und die Peliaden; ein Versuch zur Sagenforschung auf archäologischer Grundlage* [Medeia e os Peliades: ensaio de pesquisa de lendas sobre base arqueológica], Roma, 1980 versão revista da dissertação, Göttingen, 1978.

[5] Ver Pauly, *ibid.*

[6] Ver Margarete Mitscherlich, *Die friedfertige Frau* [A Mulher Pacífica], Frankfurt-a.M., 1985, pp. 82-84.

[7] *Ibid.*, p. 139.

[8] Sobre Eumelos, ver Pauly, *ibid.* O episódio de Medeia com as filhas de Pélias que, neste contexto, mencionamos apenas de passagem, é uma invenção literária recente, segundo Hugo Meyer. Ver Hugo Meyer, *ibid.*

[9] Apolônio de Rodes, *Argonáutica*, em grego antigo, traduzida para o inglês por Reginald Colborne Seaton (1912), Londres, 1961.

[10] Karl Kerényi, *Die Mythologie der Griechen* [A Mitologia dos Gregos] (1951), Munique 1966, vol. 1, p. 151 ss, vol. 2, p. 208 ss.

[11] Robert von Ranke-Graves, *Griechische Mythologie* [Mitologia grega] (1955), Reinbek bei Hamburg, 1984, p. 557 ss

[12] Karl Kerényi, *Die Mythologie der Griechen*, *ibid.*; vol. 2, p. 210.

[13] *Ibid.* p. 217.

[14] *Ibid.* p. 219.

[15] Eurípides, *Medeia*; todas as citações seguintes são de edição *Reclam Universalbibliothek* n° 7978, em grego arcaico e alemão, Stuttgart, 1983.

[16] Afrodite, chamada Cípride, do nome do seu principal santuário em Chipre.

[17] Heide Göttner-Abendroth, *Die Göttin und ihr Heros* [A deusa e o seu herói] (1980), Munique 1984, p. 11ss.

[18] Ranke-Graves, *Griechische Mythologie* [Mitologia grega], *ibid.*, p. 19.

[19] *Pelasgischer Schöpfungsmythos* [O mito pelágico da criação]; ver Ranke-Graves, *ibid.*, pp. 22-23.

[20] *Ibid.*, p. 12ss.

[21] Ver a respeito Heide Göttner-Abendroth, *Die Göttin und ihr Heros* [A deusa e o seu herói], *ibid.*

[22] Sobre a interpretação dos nomes, ver Pauly, *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaften*; *ibid.*, e Kerényi, *Die Mythologie der Griechen* [A Mitologia dos Gregos], *ibid.*

[23] Ver Erich Fromm, *Anatomie der menschlichen Destruktivität* [Anatomia da destrutividade humana] (1973), Reinbek bei Hamburg, 1986, p. 203.

[24] Ver Ranke-Graves, *Griechische Mythologie* [Mitologia Grega], *ibid.*, p. 427.

[25] Erich Neumann, *Die Grosse Mutter* [A Grande Mãe] (1956), Olten und Freiburg im Breisgau 1985, p. 261.

[26] Ver a respeito Ranke-Graves, *ibid.*, e Pauly, *ibid.*

[27] Heide Göttner-Abendroth, *ibid.*, p. 17.

[28] Pauly, *ibid.*, verbete *Hekate*.

[29] Ranke-Graves, *ibid.*, pp. 36ss, 86ss e 113ss.

[30] Ver a respeito Olga Rinne (org.), *Wie Aua den Geistern geweiht wurde; Geschichten, Märchen und Mythen der Schamanen* [Como Aua foi consagrada aos espíritos; histórias, contos de fada e mitos xamânicos], Darmstadt und Neuwied 1983.

[31] Ranke-Graves, *ibid.*, pp. 155-157, p. 221.

[32] *Ibid.*, p. 579.

[33] Ver Gunnar Heinsohn e Otto Steiger, *Die Vernichtung der Weisen Frauen* [O extermínio das mulheres sábias], Herbstein 1985.

[34] Ver Gunnar Heinsohn e Otto Steiger, *Die Vernichtung der Weisen Frauen* [O extermínio das mulheres sábias], Herbstein 1985.

[35] *Ibid.*, p. 187.

[36] Ranke-Graves, *ibid.*, p. 76.

[37] *Ibid.*, p. 37ss.

[38] Ver a respeito Susanne Heine, *Wiederbelebung der Göttinnen?* [Revivescência das Deusas?], Göttingen 1987, pp. 112 e 113. O trabalho de Susanne Heine é uma crítica bem fundamentada e digna de ser lida da pesquisa feminista do matriarcado; das circunstâncias citadas, a autora extrai deduções diferentes, como a de que deve ter havido períodos e culturas em que existiu o equilíbrio social entre mulheres e homens, mas não um matriarcado no sentido de sistemas de soberania feminina, que chegariam a abranger um “período matriarcal”, como supõe Göttner-Abendroth.

[39] Ranke-Graves, *ibid.*, p. 16ss.

[40] *Ibid.*, p. 197.

[41] *Ibid.*, p. 43.

[42] *Ibid.*, pp. 82-83.

[43] *Ibid.*, pp. 425ss e 575ss.

[44] Ranke-Graves, *ibid.*, p. 522ss.

[45] Hérodoto, *História*, cit. da edição Kröner, Stuttgart 1971, p. 2.

[46] Ranke-Graves, *ibid.*, p. 61.

[47] Ernest Bornemann, *Das Patriarchat* (O Patriarcado), Frankfurt-a.M. 1975, p. 197.

[48] Heródoto, cit. por Bornemann, *ibidem*, p. 112.

[49] Ver Gerhard Wahrig, *Deutsches Wörterbuch* [Dicionário alemão], Berlim, Nova York 1975-1984, verbete *Eifersucht*, *Eifer* e *Deutsches Wörterbuch*, de Jacob e Wilhelm Grimm, Leipzig 1854, Munique 1984.

[50] Hildegard Baumgart, *Eifersucht* [ciúme], Reinbek bei Hamburg 1985, p. 39.

[51] Ernest Bornemann, *Die neue Eifersucht* [O novo ciúme], Munique 1986, p. 123ss.

[52] Ver Hildegard Baumgart, *ibid.*, p. 68.

[53] Ver Erich Neumann, *Die Grosse Mutter* [A Grande Mãe], *ibid.*, pp. 272-273.

[54] Ruth Benedict, *Urformen der Kultur* [Formas primitivas da cultura], Hamburgo 1955, p. 60ss.

[55] Forasteiros sem direitos políticos. (N. da T.)

[56] Ernest Bornemann, *Das Patriarchat* [O Patriarcado], *ibid.*, p. 214ss.

[57] Eurípides, *Medeia*.

[58] Johann Jakob Bachofen, *Mutterrecht und Unreligion* (Auswahl) [Direito materno e religião primitiva (seleção)], Leipzig 1926, p. 136.

[59] Ernest Bornemann, *Die neue Eifersucht* [O novo ciúme], *ibid.*, p.75.

[60] *Ibid.*, p. 39.

- [61] Sigmund Freud, *Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht, Paranoia und Homosexualität* [Sobre alguns mecanismos neuróticos do ciúme, da paranoia e da homossexualidade], in Sigmund Freud, *Obras reunidas*, XIII (1920-1924), Frankfurt-a.M. 1968, p. 195ss.
- [62] Ver Pauly, *ibid.*, verbete *Hekate* e também Ingrid Riedel, *Demeters Suche* [A Busca de Deméter], Zúrique 1986.
- [63] Ver Ranke-Graves, *ibid.*, p. 18ss.
- [64] Ver a respeito John A. Phillips, *Eva; von der Göttin zur Dämonin* [Eva: de deusa a demônio], Stuttgart 1987.
- [65] Ver Hildegunde Wöller, *Ein Traum von Christus* [Um sonho de Cristo], Stuttgart 1987, p. 122ss.
- [66] Erich Neumann, *Ursprungsgeschichte des Bewusstseins*, Munique 1974, p. 261. [História da Origem da Consciência, Ed. Cultrix, São Paulo, 1990].
- [67] *Ibid.*; p. 45.
- [68] Sigmund Freud, *Jenseits des Lustprinzips* [Além do princípio do prazer] in *Gesammelte Werke* (Obras reunidas), *ibid.*, vol, XIII, p. 17.
- [69] *Das Tibetanische Totenbuch*, org. por W.Y. Evans-Wentz, Olten e Freiburg im Breisgau 1971 [O Livro Tibetano dos Mortos, Ed. Pensamento, São Paulo, 1988].
- [70] *Ibid.*, p. 209.
- [71] Ver Hildegard Baumgart, *Eifersucht* [Ciúme], *ibid.*, p. 137.
- [72] Afrodite, chamada Cípride por ser este o lugar do seu principal santuário em Chipre.
- [73] Companheira de Afrodite, a tentação personificada.
- [74] Píndaro, *Pythische Oden IV* [Odes pitonisiacas IV]. Citado conforme a edição *Reclam Universalbibliothek*, nº 8314, Stuttgart 1986, p. 129
- [75] Ovídio, *Metamorphosen* [Metamorfoses], livro VII. Citado conforme a edição *Reclam Universalbibliothek*, nº 356 (8), Zúrique/Stuttgart 1958-86, p. 213.
- [76] Apolônio de Rodes, *Argonautica*, *ibid.*, livro IV, traduzido do inglês para o alemão pela autora.
- [77] Margarete Mitscherlich, *Müssen wir hassen?* [Precisamos odiar?] Munique 1983, p. 33.
- [78] Fritz Riemann, *Grundformen der Angst* [As formas básicas do medo], Munique 1975, 1978, p. 13ss.
- [79] Margarete Mitscherlich, *ibid.*, p. 33.
- [80] Luise Eichenbaum, Susie Orbach, *Was wollen die Frauen?* [Que querem as mulheres?], Reinbeck bei Hamburg 1986, p. 23ss.
- [81] Margarete Mitscherlich, *ibid.*, p. 31.
- [82] Luise Eichenbaum e Susie Orbach, *ibid.*, p. 42.
- [83] *Fundevogel*, conto de fada de Grimm.

- [84] Abraham Maslow, *Motivation und Persönlichkeit* (1954), [Motivação e Personalidade], Reinbeck bei Hamburg 1984, p. 225.
- [85] Este conceito foi cunhado pelo psicanalista e terapeuta de casais Jürg Willi.
- [86] Jürg Willi, *Die Zweierbeziehung* [A relação a dois], Reinbeck bei Hamburg 1975, p. 59ss.
- [87] *Ibid.*, p. 59.
- [88] Erick Fromm, *Anatomie der menschlichen Destruktivität* [Anatomia da destrutividade humana], *ibid.*, p. 310.
- [89] Ovídio, *Metamorfoses*, livro VII.
- [90] Arno Gruen, *Verrat am Selbst* [Traição ao self], Munique 1986, p. 17.
- [91] *Ibid.*, p. 81.
- [92] *Ibid.*, p. 51.
- [93] Título de uma novela de Josef Conrad que gira em torno desse tema.
- [94] Jürg Willi, *Die Zweierbeziehung* [A relação a dois], *ibid.*, p. 39.
- [95] *Ibid.*, p. 41ss.
- [96] Simone de Beauvoir, *Eine gebrochene Frau* [Mulher desiludida] (1967), Reinbeck bei Hamburg 1985, p. 138.
- [97] *Ibid.*, p. 308.
- [98] Erich Fromm, *Anatomie der menschlichen Destruktivität* [Anatomia da destrutividade humana], *ibid.*, p. 306.
- [99] *Ibid.*, p. 308.
- [100] Eurípides, *Medeia*, o episódio entre Medeia e Egeu.